

Série *Pós-Graduação 9*



# CAPELANIA E O ENSINO

desafios contemporâneos

Organizadora  
Francisca Costa

UNASPRESS



**Centro Universitário Adventista de São Paulo**  
Fundado em 1915 — [www.unasp.edu.br](http://www.unasp.edu.br)

**Missão:** Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

**Visão:** Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

**Administração da Entidade  
Mantenedora (IAE)**

**Diretor Presidente:** Domingos José de Souza  
**Diretor Administrativo:** Elnio Alvares de Freitas  
**Diretor Secretário:** Emmanuel Oliveira Guimarães

**Administração Geral do Unasp**

**Chanceler:** Euler Pereira Bahia  
**Reitor:** Martin Kuhn  
**Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:** Tânia Denise Kuntze  
**Pró-Reitora de Graduação:** Sílvia Cristina de Oliveira Quadros  
**Pró-Reitor Administrativo:** Elnio Alvares de Freitas  
**Pró-Reitor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional:** Allan Novaes  
**Secretário Geral:** Marcelo Franca Alves

**Campus Engenheiro Coelho**

**Diretor Geral:** José Paulo Martini  
**Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:** Francisca Pinheiro S. Costa  
**Diretor de Graduação:** Afonso Ligório Cardoso

**Campus São Paulo**

**Diretor Geral:** Douglas Jeferson Menslin  
**Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:** Maristela Martins  
**Diretor de Graduação:** Ison Tercio Caetano

**Campus Virtual**

**Diretor Geral:** Valcenir do Vale Costa  
**Gerente Acadêmica:** Andressa Jackeline Oliveira M. e Paiva

**Faculdade de Teologia**

**Diretor:** Reinaldo Wescestau Siqueira  
**Coordenador de Pós-Graduação:** Ozeas Caldas Moura  
**Coordenador de Graduação:** Vanderlei Dorneles

**Faculdade Adventista  
de Hortolândia**

**Diretor:** Martin Kuhn  
**Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:** Tânia Denise Kuntze  
**Diretora de Graduação:** Sílvia Cristina de Oliveira Quadros  
**Diretor Administrativo:** Elnio Alvares de Freitas  
**Diretor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional:** Allan Novaes  
**Secretário Geral:** Marcelo Franca Alves

**Campus Hortolândia**

**Diretor Geral:** Lélio Maximino Lellis  
**Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:** Eli Andrade Rocha Prates  
**Diretora de Graduação:** Suzete Maia



**Imprensa Universitária Adventista**

**Editor:** Rodrigo Follis  
**Editor Associado:** Felipe Carmo

**Conselho Editorial:** José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Reinaldo Siqueira, Rodrigo Follis, Betania Lopes, Wilson Paroschi

A Unaspres está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

Série *Pós-Graduação 9*



# CAPELANIA E O ENSINO

desafios contemporâneos

Organizadora  
Francisca Costa

1ª Edição 2017

**UNASPRESS**

Imprensa Universitária Adventista

**UNASPRESS**

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 — Unasp  
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000  
(19) 3858-9055

www.unaspstore.com.br

Capelânia e ensino : desafios contemporâneos

1ª edição — 2017  
e-book

Editoração: Rodrigo Follis, Felipe Carmo  
Revisão: Leonardo Gulbert, Ricardo Santana  
Normatização: Giulia Pradela, Vinicius Aguiar  
Programação visual: Fábio Roberto

**Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Capelânia e ensino : desafios contemporâneos / Francisca Costa ( org. ). -- 1. ed. --  
Engenheiro Coelho, SP : Unaspres - Imprensa Universitária Adventista 2017. PDF

ISBN: 978-85-8463-077-6

1. Ensino 2. Capelânia - Aspectos sociais

14-03589

CDD-302.2

---

**Índices para catálogo sistemático:**  
1. Aconselhamento: Teoria : Sociologia 302.2  
2. Psicologia: Sociologia 302.2

041230

Editora associada:

 Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias



Todos os direitos reservados para a Unaspres - Imprensa Universitária Adventista.  
Proibida a reprodução por quaisquer meios, *sem prévia autorização escrita da editora*,  
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

# Sumário

9 Introdução

11 Os desafios do professor de ensino religioso e capelão escolar

Adalton Martins Ferreira

Narcizo Raul Liedke

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

25 Os desafios do professor de ensino religioso e capelão escolar

Adalton Martins Ferreira

Narcizo Raul Liedke

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

39 As áreas de atuação de um capelão

Andrey Márcio Jação

Narcizo Raul Liedke

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

53 A natureza como instrumento de aprendizagem: a  
revelação natural na capelania

Carlos Domingos Prestes  
Narcizo Raul Liedke  
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

71 Escola-igreja: o lado prático do ensino religioso

Daniel Herberth Alves Ludtke  
Narcizo Raul Liedke  
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

83 A capelania e o ateísmo

Daniel Meder  
Narcizo Raul Liedke  
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

103 O perfil do capelão frente a filosofia da educação  
adventista

Elber Rizziolli Domingos  
Narcizo Raul Liedke  
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

117 Pequenos grupos

Ezequiel José de Castro  
Narcizo Raul Liedke  
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

135 Projeto de capelania  
em escola pública

Getúlio Nunes Corrêa  
Narcizo Raul Liedke  
Francisca Pinheiro da Silveira Costa

143 O que é capelania

Jurandir Cristiano Gouveia  
Narcizo Raul Liedke  
Vandeni Clarice Kunz

159 Fundamentos bíblicos  
da capelania escolar adventista

Matheus Grillo Ramos de Carvalho

Narcizo Raul Liedke

Vandeni Clarice Kunz

177 O capelão como  
gestor espiritual

Patrick Vieira Ferreira

Narcizo Raul Liedke

Vandeni Clarice Kunz

193 Capelania hoje

Paulo Gregório Costa da Silva

Narcizo Raul Liedke

Vandeni Clarice Kunz

209 O papel do capelão na formação  
da cosmovisão dos alunos

Paulo Roberto de Souza Moraes

Narcizo Raul Liedke

Vandeni Clarice Kunz

225 A capelania e a  
responsabilidade social

Sérgio da Costa Xavier Filho

Narcizo Raul Liedke

Vandeni Clarice Kunz

245 A Capelania e a visitação

Simeí Do Vale Menezes

Narcizo Raul Liedke

Vandeni Clarice Kunz



# Introdução

“Amai-vos de coração, uns aos outros ardentemente” I Pedro 1:22

Este livro é uma compilação de artigos que foram produzidos pelos alunos do Curso de Pós-Graduação em Capelania Educacional do UNASP — Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Apesar de ser garantida pela Constituição Federal do Brasil no artigo 5º, a assistência espiritual (Capelania) ocorre com abrangência e regularidade na caserna e ocorre também nas instituições hospitalares, com pouca frequência nas instituições de ensino. Talvez por essa razão, a bibliografia sobre o tema é extremamente escassa e a presente coletânea será uma colaboração para se refletir sobre a prática da Capelania Educacional no Brasil.

O Capelão deve se valer de valores religiosos e promessas contidas na Palavra de Deus, somados a um qualificado conhecimento da natureza humana para cuidar daqueles que compõem o ambiente educacional em suas necessidades espirituais e emocionais. Preferimos chamar esta ação de *acolhimento* e não de aconselhamento, como é usual.

Os alunos entenderam, durante o curso, suas responsabilidades e suas limitações no exercício da Capelania e que é importante saber quando, pela gravidade da situação, encaminhar o “acolhido” para profissionais de outras áreas para um melhor atendimento e com resultados mais eficazes.

Foi muito especial, para este professor, conviver com os alunos que produziram os artigos coletados neste livro. Todos movidos pelo desejo de servir ao próximo e ajuda-los a superar suas deficiências e reveses da vida. Eles aprenderam que são apenas instrumentos da graça restauradora de Deus. Aprenderam também a usar adequadamente os princípios espirituais para cura, em lugar de usa-los trazendo mais culpa e desequilíbrio emocional.

Parabéns a todos!

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

# Os desafios do professor de ensino religioso e capelão escolar

Adalton Martins Ferreira<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** A despeito dos impactos sofridos na sociedade por conta de um relativismo nos princípios morais, éticos e espirituais, as escolas têm buscado alternativas para continuarem com a tarefa da educação. Alunos, pais, servidores e professores, também sofrem os efeitos de um mundo globalizado, onde a cultura relativista permeia os conceitos e agride os bons costumes. Diante dos desafios, entre a sociedade, escola

.....

<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: adalton.martins@unasp.edu.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

e família, abre-se um espaço para a discussão em como manter os verdadeiros princípios que norteiam os seres humanos e trazem às novas gerações a prossecução dos objetivos sadios e duradouros. O ensino religioso nas escolas confessionais tem procurado manter os ideais sem contaminar-se com o produto falso do relativismo exacerbado. É pensando neste resgate de valores que entra em cena as funções do professor (a) de ensino religioso e o capelão escolar. Tarefa árdua, até mesmo longa, porém compensativa. Observar e trabalhar com meninos e meninas, vendo-os crescerem e se desenvolverem, colaborar para a mudança no comportamento e nas atitudes de adolescentes e moços (as), e mesclar atitudes firmes ligados a princípios sólidos, traz à consciência a certeza de que o ensino religioso está no caminho certo.

12

**Palavras chaves:** Desafios; professor; Ensino religioso; Governo; Funções paternas.

**Abstract:** Despite sustained impact on society due to relativism in moral, ethical and spiritual principles, schools have sought alternatives to continue with the task of education. Students, parents, and teachers servers also suffer the effects of a globalized world where relativistic culture permeates the concepts and attacks morality. Facing the challenges, between society, school and family, opens up a space for discussion on how to keep the true principles that guide human beings and bring to new generations the pursuit of healthy and sustainable goals. The confessional religious education in schools has sought to maintain the ideals without contaminating himself with

the fake product exacerbated relativism. It is this thinking rescue of values comes into play the roles of the teacher (a) religious education and the school chaplain. Arduous task, even long, but compensate. Observe and work with boys and girls watching them grow and develop, collaborate for change in behavior and attitudes of adolescents and youths (as), and merge firm attitudes linked to solid principles, brings awareness to ensure that teaching religion is on the right track.

**Keyword:** Challenges; Teacher; Religious education; Government; Paternal functions

## Introdução

13

A fábula do escorpião e o sapo é interessante. Ela encerra grandes lições para a vida. Dentre as aplicações, uma chama a atenção e é justamente nela que se levanta um questionamento: O ser humano possui uma natureza má e desta não é possível se livrar. Será? A história começa revelando que houve uma enchente em um rio, por sua vez o escorpião ficou ilhado, em seguida passou um sapo deslizando calmamente por sobre as águas. O escorpião viu naquele momento único a oportunidade da salvação. Ao pedir-lhe uma carona o sapo negou-lhe dizendo que sua vida correria perigo caso desse carona ao escorpião. Mas o argumento do aracnídeo foi irrefutável. Disse-lhe que se ferroasse o amigo “caroneiro” ambos morreriam afogados. Por sua vez o sapo pensou ser isso verdadeiro e justo. Ato contínuo

cedeu-lhe carona. Mas para sua surpresa na metade da travessia o sapinho sentiu uma ferroada em suas costas. Ao questioná-lo quanto àquela atitude ouviu do “amigo” aracnídeo: “Desculpe-me, essa é minha natureza e eu não consigo fugir dela”. Resultado: ambos desceram mortalmente para as águas profundas.

A educação trabalha com a formação do caráter. Este precisa de tempo para o seu desenvolvimento. É preciso instruir a fim de que a pessoa desenvolva seus valores. Caso não haja cuidado neste sentido, o “escorpião” da história estaria certo, ou seja, a natureza humana não é plausível a mudanças. É neste contexto que a educação religiosa entra em campo e procura colaborar no emaranhado de uma formação pessoal e educacional.

14 Quem é responsável em alavancar valores dentro da sociedade? A família, o Estado, a escola ou a própria criança? O que cada um está fazendo? Como estão fazendo? Qual a função de cada segmento? É pensando nestes questionamentos pautados na ética cristã, e ancorados em princípios bíblicos, que este artigo procura contribuir para o desenvolvimento de pais, alunos e futuros cidadãos.

## O papel do governo (ECA)

Conforme estatísticas, o Brasil possui cerca de 21 milhões de adolescentes. Segundo a representante do UNICEF para o Brasil, Marie-Pierre Poirier (2011), a visão em torno de jovens tem sido distorcida. Vê-se este cidadão como um problema, e espera-se sair deste estágio até

que se consiga melhorar. O UNICEF espera que a sociedade deixe de ver o adolescente como “problema” para vê-lo “com uma oportunidade de desenvolvimento” Ainda conforme Poirier (2011), o adolescente deve ser encarado como alguém de energia e possibilidades.

Esta visão do Governo ou de entidades ligadas a ele em relação às crianças e adolescentes tem sido muito positiva. Mas o problema não tem sido atacado na sua essência. Falta algo para a eficácia no programa de educação de crianças e adolescentes.

Na busca de algo mais completo é necessário compreender as dimensões que formam o ser humano. Segundo a pedagoga Cristiane Ferreira<sup>4</sup>, existem “quatro dimensões integradoras do ser humano e que devem ser consideradas: biológica, psicológica, social e espiritual”. Ainda segundo Ferreira, o ser humano é mais do que os sentidos podem destacar. O ser humano é integral. Portanto, desassociado de um dos fatores que o compõe, ele certamente terá algum déficit no seu processo de desenvolvimento presente ou futuro. No ECA<sup>5</sup>, o estatuto brasileiro para crianças e adolescentes, encontra-se a seguinte declaração:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

.....  
<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2px8cIT>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1MzICIG>>. Acesso em: 20 mai. 2014

Em outras palavras, é assegurada a criança e ao adolescente as bases para seu desenvolvimento pleno, e isto inclui o aspecto espiritual de cada indivíduo. Mas quem deve administrar essa escolha visto que na infância a espiritualidade se adquire através de modelos? Conforme a educadora Monique Deheinzelin<sup>6</sup>, “o convívio é importante para o desenvolvimento e a escola proporciona isso”.

## O papel da família

16 Educar não é tarefa fácil, e quando a questão é espiritual, dobra-se a responsabilidade. A família, berço da educação, sofre e perde espaço para um mundo globalizado onde em muitos lares a figura paterna e materna tem estado ausente. A verdade é que a geração de filhos atuais não assimilou bem a ausência dos pais. Resultado: cada filho supre essa ausência como pode e como sabe. A consequência disto é que em muitos casos a responsabilidade da educação de crianças e adolescentes é transferida para as escolas. Segundo Silva<sup>7</sup>, a família é considerada como a primeira escola da criança. Nesta primeira fase “escolar”, a arte de educar é uma tarefa complexa e permite a possibilidade de os pais alçarem, juntamente com seus filhos, preciosos percursos, respeitando e acompanhando seus caminhos.

.....  
<sup>6</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2r0laQv>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2qIvDkv>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

## O papel da escola

Além da responsabilidade familiar, encontra-se no processo formativo a escola. Uma das primeiras questões que emergem dentro da família é a famosa e difícil pergunta: vamos para a escola pública ou particular? Há excelentes escolas tanto na pública quanto na rede privada. Mas é preciso buscar sempre o melhor. Hoje, no Brasil, as escolas municipais e estaduais melhoraram acentuadamente no quesito estrutura. Em muitas unidades encontra-se desde bibliotecas bem estruturadas até salas de informática atualizadas. Mas, segundo Soares<sup>8</sup>, articulista da Folha de São Paulo, foi constatado, através de análises entre a rede pública e a privada, que o grande problema entre as duas ainda é, a presença do professor. Dentro do seu comentário, Soares cita Aquino Menezes Filho, professor do Insper e da USP: Ele mesmo declara que o problema da escola pública é a falta de professores. Ou porque se licenciam, ou porque fazem greve, ou porque simplesmente não comparecem. Uma vez dentro deste nicho chamado escola particular, muitos pais esbarram noutra questão: particular confessional ou particular sem confessionalidade? A esta altura é importante à análise de alguns itens. Por exemplo: em que os pais acreditam em termos espirituais? Outra questão: em termos de formação educacional, que desejam os pais para seus filhos? Se visto sob a perspectiva de uma visão holística, ou seja, o homem como um todo, abrangendo

17

.....

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2pzWqOB>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

seus aspectos físico, mental, intelectual e espiritual, então as escolas confessionais estão mais adaptadas para oferecer uma integralidade.

Dentro da perspectiva religiosa de ensino particular, opções não faltam. Conforme a Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenepe)<sup>9</sup>,

o Brasil tinha, em 2005, cerca de 37 mil escolas particulares. Dentro destas escolas, havia cerca de 10 milhões de alunos. Isto revela uma tendência, ou seja, uma ala da sociedade brasileira deseja algo diferenciado para seus filhos. Ainda conforme a Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenepe) havia no Brasil, em 2004, 1.340 escolas católicas com 506 mil alunos de ensino médio e fundamental. Outras redes confessionais também se destacam. Por exemplo: A Associação Nacional de Escolas Batistas (Aneb) contabiliza 280 escolas associadas. As escolas metodistas, associadas ao Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino (Cogeime) são cerca de 50. A Associação Nacional de Escolas Presbiterianas (Anep) apresenta 160 escolas associadas em seu site. Neste universo de escolas cristãs encontra-se a Rede Adventista de Educação. Dados de 2004 revelam os seguintes números: As escolas adventistas somavam 453 instituições, com 114 mil alunos, conforme divulgado no site da Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas (Abiee).

18

Pelos dados à disposição, o país tem pelo menos 2.400 escolas confessionais, ou algo próximo a 7% das escolas privadas. Esse número coincide com o da pesquisa realizada pela Fenepe e pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), em 2005, na qual

.....  
<sup>9</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2q3hhwx>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

7% dos pais escolhiam as escolas para seus filhos a partir da “compatibilidade religiosa”. Na mesma enquete, 12% opinaram que a “boa escola deve ser voltada” para os “valores religiosos”. E é pensando nestes “valores religiosos” que a Rede Educacional Adventista centraliza seu currículo. Acredita que o homem não deve se preocupar apenas com um futuro onde o planeta Terra deve ser cuidado, embora ensine as práticas de preservação ambiental ou cuidado com as reservas naturais em total escassez. Isto é uma parte da história. A outra, é que o homem criado a imagem e semelhança de Seu Criador perdeu essa condição devido à entrada do pecado no Planeta Terra, porém, crê na reestruturação deste Planeta com a vinda de Jesus. A consequência disto é a crença na filosofia de vida que permeia o currículo da escola, pois o homem para esta reestruturação precisa de um preparo. Outra questão não menos importante é: quem dentro da escola deve ministrar esses temas espirituais, com equilíbrio e sem pender para as doutrinas da confessionalidade? Aqui se destaca o papel do professor de ensino religioso e a sua função como o capelão da unidade escolar.

19

## **O professor de ensino religioso ou capelão escolar**

O ser humano é também um ser espiritual. Esta necessidade o leva a buscar algo ou alguém onde ele possa dirigir sua devoção ou adoração. Aqui entra o trabalho, orientação e dedicação do professor de ensino religioso. Uma vez que o Brasil é um estado laico, espera-se deste profissional,

não a difusão doutrinária da religião A ou B, e sim a tarefa de ensinar metodologicamente crianças e adolescentes a descobrirem o valor real da Bíblia. Um dos aspectos fundamentais é proporcionar ao aluno e sua família as devidas informações relativas ao futuro, onde conforme o ensino bíblico haverá um encontro novamente entre a criatura e Seu Criador e, para este encontro, se faz necessário uma mudança de postura no agir, pensar e no falar, e é agora o tempo disponível para tarefa tão importante. Todo ensinamento que não estiver pautado no “assim diz o Senhor” (Bíblia), deve ser visto com muito cuidado. A Bíblia é suficiente por si mesma. Uma escola confessional não é confessional só porque se chama confessional ou porque pertence a uma confissão religiosa. Ela é confessional porque tem em seu currículo matérias que preparam alunos para a eternidade e devolvem para a sociedade excelentes cidadãos com saúde física, mental, psicológica e espiritual. Onde houver a matéria de ensino religioso, alunos e pais são beneficiados. Qual o motivo desta assertiva? A resposta é simples: existe nesta cadeira de ensino religioso a matéria-prima de salvação eterna para pais, alunos e toda a sociedade. Ellen G. White (2014a) afirma: “A ciência da salvação é a mais importante das ciências a ser aprendida na preparatória escola terrestre. É desejável a sabedoria de Salomão, mas a de Cristo é incomparavelmente mais desejável e essencial”.

## **A relevância das escolas dos profetas**

O precursor para o ensino religioso é visto dentro da Bíblia através das escolas dos profetas, fundada pelo profeta Samuel no Antigo

Testamento. Ali, jovens israelitas aprendiam como servir a Deus e, assentado aos pés dos profetas mais velhos, os aprendizes trabalhavam e aprendiam sobre o amor e cuidado de Deus. A instituição de ensino do Antigo Testamento, chamada escola de profetas, cujo objetivo era a transmissão dos valores morais e espirituais que Deus havia entregado a Israel através de Sua Palavra, possuía uma função de suma importância. Segundo este pesquisador, vemos a expressão “filhos dos profetas” surgir nos livros de Reis. Ellen G. White (2014b) diz: “Estas escolas se destinavam a servir como uma barreira contra a corrupção prevalecente, a fim de prover à necessidade intelectual e espiritual da juventude, e promover a prosperidade da nação, dotando-a de homens habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros”.

## Considerações finais

Passados todos esses milênios, será que não há mais necessidade de escolas como a dos profetas? Se o principal objetivo destas escolas era a de frear a corrupção prevalecente, prover a intelectualidade e a espiritualidade, não teria o mundo moderno necessidades como no passado?

Deve ficar claro o trabalho do educador religioso. Conforme Mendes<sup>10</sup>, o ensino religioso escolar, embora tratando da religião, não se vincula a qualquer instituição religiosa específica. Não lida, portanto, com as religiões, formas institucionalizadas da experiência religiosa, e

.....  
<sup>10</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2q3bN4U>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

não se confunde com catequese. No misto de pluralidade de atividades religiosas vivido por cada professor de ensino religioso, ele tem a oportunidade de trabalhar a construção da cidadania, ser um auxiliador, ou ainda conforme o comentário do pedagogo Narciso Liedke (2014), o professor de ensino religioso serve como um amortecedor junto à unidade escolar., afinal é na figura deste profissional que se espera apoio, disciplina e responsabilidade. Este agente auxilia na modelagem do caráter do aluno e mostra, através da Bíblia, a possibilidade de mudança de traços que ao longo dos anos foram comprometidos.

O ensino religioso enquanto matéria sinalizadora de verdades bíblicas serve como uma placa indicadora do bom caminho a seguir. O professor de religião ou capelão escolar uma vez à frente desta matéria pode potencializar todo o trabalho em uma unidade escolar. Não que toda responsabilidade quanto à educação essencial recaia sobre o professor de ensino religioso, porém passa pela sua matéria todo arcabouço de verdades que regem atividades e atitudes que preparam alunos para a vida presente, e o bem-estar no futuro. Onde houver a figura do professor de ensino religioso, com a Bíblia na mão, e um coração ligado às coisas espirituais, ali haverá oportunidade de salvação. Não havendo fica difícil à exposição da Palavra, encerram-se os apelos, e não havendo apelos pode ser que crianças e adolescentes não entreguem a vida a Jesus, isto é muito perigoso.

Este artigo começa mencionando a história do sapo e do escorpião. No início a alegoria deixa claro uma afirmativa: O ser humano tem uma natureza má e desta não é possível escapar. Mais ainda: O ser humano tem tendências para uma vida de erros. Há como mudar

esta situação? Sim. É um longo caminho para obter resultados positivos? Sim. É uma tarefa árdua? Sem dúvida. Os pais fazem a parte que lhes compete? O Governo faz sua parte? E a sociedade? E a Escola? E a criança e o adolescente? Bem, são perguntas que necessitam urgentemente de respostas, aliás, mais que simples respostas, é preciso ação. Neste emaranhado educativo os profissionais da educação e destacadamente o ensino religioso, inseridos nas escolas confessionais, tem procurado alcançar suas metas, mesmo que estas muitas vezes sejam difíceis, justamente pelo contexto de um mundo pós-moderno. O trabalho destes homens e mulheres, mais que profissionais, são como sacerdotes e profetas dos tempos bíblicos. Esta é a missão dos “sacerdotes e sacerdotisas” em sala de aula. Ouvir os pedidos de oração, apresentar os mesmos a Deus, interceder pela família ou pelo próprio aluno e principalmente na ausência dos pais, enquanto trabalham, cuidar, orientar e aconselhar os alunos. Nem sempre é uma tarefa fácil, mas é uma missão prazerosa e compensadora. Levar alunos e pais, como candidatos aos Céus e mostrar-lhes os passos que os conduzirão aos pés a Jesus.

23

## Referências

POIRIER, M. P. **O direito de ser adolescente:** oportunidades para reduzir vulnerabilidade e superar desigualdades/Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília: UNICEF, 2011.

WHITE, E. G. **Conselho aos pais, professores e estudantes**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014

# Os desafios do professor de ensino religioso e capelão escolar

Adalton Martins Ferreira<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** A despeito dos impactos sofridos na sociedade por conta de um relativismo nos princípios morais, éticos e espirituais, as escolas têm buscado alternativas para continuarem com a tarefa da educação. Alunos, pais, servidores e professores, também sofrem os efeitos de um

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: adalton.martins@unasp.edu.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

26 mundo globalizado, onde a cultura relativista permeia os conceitos e agride os bons costumes. Diante dos desafios, entre a sociedade, escola e família, abre-se um espaço para a discussão em como manter os verdadeiros princípios que norteiam os seres humanos e trazem às novas gerações a prossecução dos objetivos sadios e duradouros. O ensino religioso nas escolas confessionais tem procurado manter os ideais sem contaminar-se com o produto falso do relativismo exacerbado. É pensando neste resgate de valores que entra em cena as funções do professor (a) de ensino religioso e o capelão escolar. Tarefa árdua, até mesmo longa, porém compensativa. Observar e trabalhar com meninos e meninas, vendo-os crescerem e se desenvolverem, colaborar para a mudança no comportamento e nas atitudes de adolescentes e moços (as), e mesclar atitudes firmes ligados a princípios sólidos, traz à consciência a certeza de que o ensino religioso está no caminho certo.

**Palavras chaves:** Desafios; professor; Ensino religioso; Governo; Funções paternas.

**Abstract:** Despite sustained impact on society due to relativism in moral, ethical and spiritual principles, schools have sought alternatives to continue with the task of education. Students, parents, and teachers servers also suffer the effects of a globalized world where relativistic culture permeates the concepts and attacks morality. Facing the challenges, between society, school and family, opens up a space for discussion on how to keep the true principles that guide human beings and bring to new generations the pursuit of healthy and

sustainable goals. The confessional religious education in schools has sought to maintain the ideals without contaminating himself with the fake product exacerbated relativism. It is this thinking rescue of values comes into play the roles of the teacher (a) religious education and the school chaplain. Arduous task, even long, but compensate. Observe and work with boys and girls watching them grow and develop, collaborate for change in behavior and attitudes of adolescents and youths (as), and merge firm attitudes linked to solid principles, brings awareness to ensure that teaching religion is on the right track.

**Keyword:** Challenges; Teacher; Religious education; Government; Paternal functions

## Introdução

A fábula do escorpião e o sapo é interessante. Ela encerra grandes lições para a vida. Dentre as aplicações, uma chama a atenção e é justamente nela que se levanta um questionamento: O ser humano possui uma natureza má e desta não é possível se livrar. Será? A história começa revelando que houve uma enchente em um rio, por sua vez o escorpião ficou ilhado, em seguida passou um sapo deslizando calmamente por sobre as águas. O escorpião viu naquele momento único a oportunidade da salvação. Ao pedir-lhe uma carona o sapo negou-lhe dizendo que sua vida correria perigo caso desse carona ao escorpião. Mas o argumento do aracnídeo foi irrefutável. Disse-lhe que se ferrosasse o amigo “caroneiro”

ambos morreriam afogados. Por sua vez o sapo pensou ser isso verdadeiro e justo. Ato contínuo cedeu-lhe carona. Mas para sua surpresa na metade da travessia o sapinho sentiu uma ferroada em suas costas. Ao questioná-lo quanto àquela atitude ouviu do “amigo” aracnídeo: “Desculpe-me, essa é minha natureza e eu não consigo fugir dela”. Resultado: ambos desceram mortalmente para as águas profundas.

A educação trabalha com a formação do caráter. Este precisa de tempo para o seu desenvolvimento. É preciso instruir a fim de que a pessoa desenvolva seus valores. Caso não haja cuidado neste sentido, o “escorpião” da história estaria certo, ou seja, a natureza humana não é plausível a mudanças. É neste contexto que a educação religiosa entra em campo e procura colaborar no emaranhado de uma formação pessoal e educacional.

28

Quem é responsável em alavancar valores dentro da sociedade? A família, o Estado, a escola ou a própria criança? O que cada um está fazendo? Como estão fazendo? Qual a função de cada segmento? É pensando nestes questionamentos pautados na ética cristã, e ancorados em princípios bíblicos, que este artigo procura contribuir para o desenvolvimento de pais, alunos e futuros cidadãos.

## **O papel do governo (ECA)**

Conforme estatísticas, o Brasil possui cerca de 21 milhões de adolescentes. Segundo a representante do UNICEF para o Brasil, Marie-Pierre Poirier (2011), a visão em torno de jovens tem sido distorcida.

Vê-se este cidadão como um problema, e espera-se sair deste estágio até que se consiga melhorar. O UNICEF espera que a sociedade deixe de ver o adolescente como “problema” para vê-lo “com uma oportunidade de desenvolvimento” Ainda conforme Poirier (2011), o adolescente deve ser encarado como alguém de energia e possibilidades.

Esta visão do Governo ou de entidades ligadas a ele em relação às crianças e adolescentes tem sido muito positiva. Mas o problema não tem sido atacado na sua essência. Falta algo para a eficácia no programa de educação de crianças e adolescentes.

Na busca de algo mais completo é necessário compreender as dimensões que formam o ser humano. Segundo a pedagoga Cristiane Ferreira<sup>4</sup>, existem “quatro dimensões integradoras do ser humano e que devem ser consideradas: biológica, psicológica, social e espiritual”. Ainda segundo Ferreira, o ser humano é mais do que os sentidos podem destacar. O ser humano é integral. Portanto, desassociado de um dos fatores que o compõe, ele certamente terá algum déficit no seu processo de desenvolvimento presente ou futuro. No ECA<sup>5</sup>, o estatuto brasileiro para crianças e adolescentes, encontra-se a seguinte declaração:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

.....  
<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2px8cIT>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1MzICIG>>. Acesso em: 20 mai. 2014

Em outras palavras, é assegurada a criança e ao adolescente as bases para seu desenvolvimento pleno, e isto inclui o aspecto espiritual de cada indivíduo. Mas quem deve administrar essa escolha visto que na infância a espiritualidade se adquire através de modelos? Conforme a educadora Monique Deheinzelin<sup>6</sup>, “o convívio é importante para o desenvolvimento e a escola proporciona isso”.

## O papel da família

30 Educar não é tarefa fácil, e quando a questão é espiritual, dobra-se a responsabilidade. A família, berço da educação, sofre e perde espaço para um mundo globalizado onde em muitos lares a figura paterna e materna tem estado ausente. A verdade é que a geração de filhos atuais não assimilou bem a ausência dos pais. Resultado: cada filho supre essa ausência como pode e como sabe. A consequência disto é que em muitos casos a responsabilidade da educação de crianças e adolescentes é transferida para as escolas. Segundo Silva<sup>7</sup>, a família é considerada como a primeira escola da criança. Nesta primeira fase “escolar”, a arte de educar é uma tarefa complexa e permite a possibilidade de os pais alçarem, juntamente com seus filhos, preciosos percursos, respeitando e acompanhando seus caminhos.

.....  
<sup>6</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2r0laQv>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2qIvDkv>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

## O papel da escola

Além da responsabilidade familiar, encontra-se no processo formativo a escola. Uma das primeiras questões que emergem dentro da família é a famosa e difícil pergunta: vamos para a escola pública ou particular? Há excelentes escolas tanto na pública quanto na rede privada. Mas é preciso buscar sempre o melhor. Hoje, no Brasil, as escolas municipais e estaduais melhoraram acentuadamente no quesito estrutura. Em muitas unidades encontra-se desde bibliotecas bem estruturadas até salas de informática atualizadas. Mas, segundo Soares<sup>8</sup>, articulista da Folha de São Paulo, foi constatado, através de análises entre a rede pública e a privada, que o grande problema entre as duas ainda é, a presença do professor. Dentro do seu comentário, Soares cita Aquino Menezes Filho, professor do Insper e da USP: Ele mesmo declara que o problema da escola pública é a falta de professores. Ou porque se licenciam, ou porque fazem greve, ou porque simplesmente não comparecem. Uma vez dentro deste nicho chamado escola particular, muitos pais esbarram noutra questão: particular confessional ou particular sem confessionalidade? A esta altura é importante à análise de alguns itens. Por exemplo: em que os pais acreditam em termos espirituais? Outra questão: em termos de formação educacional, que desejam os pais para seus filhos? Se visto sob a perspectiva de uma visão holística, ou seja, o homem como um todo, abrangendo

31

.....

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2pzWqOB>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

seus aspectos físico, mental, intelectual e espiritual, então as escolas confessionais estão mais adaptadas para oferecer uma integralidade.

Dentro da perspectiva religiosa de ensino particular, opções não faltam. Conforme a Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenepe)<sup>9</sup>,

o Brasil tinha, em 2005, cerca de 37 mil escolas particulares. Dentro destas escolas, havia cerca de 10 milhões de alunos. Isto revela uma tendência, ou seja, uma ala da sociedade brasileira deseja algo diferenciado para seus filhos. Ainda conforme a Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenepe) havia no Brasil, em 2004, 1.340 escolas católicas com 506 mil alunos de ensino médio e fundamental. Outras redes confessionais também se destacam. Por exemplo: A Associação Nacional de Escolas Batistas (Aneb) contabiliza 280 escolas associadas. As escolas metodistas, associadas ao Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino (Cogeime) são cerca de 50. A Associação Nacional de Escolas Presbiterianas (Anep) apresenta 160 escolas associadas em seu site. Neste universo de escolas cristãs encontra-se a Rede Adventista de Educação. Dados de 2004 revelam os seguintes números: As escolas adventistas somavam 453 instituições, com 114 mil alunos, conforme divulgado no site da Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas (Abiee).

32

Pelos dados à disposição, o país tem pelo menos 2.400 escolas confessionais, ou algo próximo a 7% das escolas privadas. Esse número coincide com o da pesquisa realizada pela Fenepe e pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), em 2005, na qual 7% dos pais escolhiam as escolas para seus filhos a partir da “compatibilidade religiosa”.

.....  
<sup>9</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2q3hhwx>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

Na mesma enquete, 12% opinaram que a “boa escola deve ser voltada” para os “valores religiosos”. E é pensando nestes “valores religiosos” que a Rede Educacional Adventista centraliza seu currículo. Acredita que o homem não deve se preocupar apenas com um futuro onde o planeta Terra deve ser cuidado, embora ensine as práticas de preservação ambiental ou cuidado com as reservas naturais em total escassez. Isto é uma parte da história. A outra, é que o homem criado a imagem e semelhança de Seu Criador perdeu essa condição devido à entrada do pecado no Planeta Terra, porém, crê na reestruturação deste Planeta com a vinda de Jesus. A consequência disto é a crença na filosofia de vida que permeia o currículo da escola, pois o homem para esta reestruturação precisa de um preparo. Outra questão não menos importante é: quem dentro da escola deve ministrar esses temas espirituais, com equilíbrio e sem pender para as doutrinas da confessionalidade? Aqui se destaca o papel do professor de ensino religioso e a sua função como o capelão da unidade escolar.

33

## **O professor de ensino religioso ou capelão escolar**

O ser humano é também um ser espiritual. Esta necessidade o leva a buscar algo ou alguém onde ele possa dirigir sua devoção ou adoração. Aqui entra o trabalho, orientação e dedicação do professor de ensino religioso. Uma vez que o Brasil é um estado laico, espera-se deste profissional, não a difusão doutrinária da religião A ou B, e sim a tarefa de ensinar metodologicamente crianças e adolescentes a descobrirem o valor real da Bíblia.

Um dos aspectos fundamentais é proporcionar ao aluno e sua família as devidas informações relativas ao futuro, onde conforme o ensino bíblico haverá um encontro novamente entre a criatura e Seu Criador e, para este encontro, se faz necessário uma mudança de postura no agir, pensar e no falar, e é agora o tempo disponível para tarefa tão importante. Todo ensinamento que não estiver pautado no “assim diz o Senhor” (Bíblia), deve ser visto com muito cuidado. A Bíblia é suficiente por si mesma. Uma escola confessional não é confessional só porque se chama confessional ou porque pertence a uma confissão religiosa. Ela é confessional porque tem em seu currículo matérias que preparam alunos para a eternidade e devolvem para a sociedade excelentes cidadãos com saúde física, mental, psicológica e espiritual. Onde houver a matéria de ensino religioso, alunos e pais são beneficiados. Qual o motivo desta assertiva? A resposta é simples: existe nesta cadeira de ensino religioso a matéria-prima de salvação eterna para pais, alunos e toda a sociedade. Ellen G. White (2014a) afirma: “A ciência da salvação é a mais importante das ciências a ser aprendida na preparatória escola terrestre. É desejável a sabedoria de Salomão, mas a de Cristo é incomparavelmente mais desejável e essencial”.

34

## **A relevância das escolas dos profetas**

O precursor para o ensino religioso é visto dentro da Bíblia através das escolas dos profetas, fundada pelo profeta Samuel no Antigo Testamento. Ali, jovens israelitas aprendiam como servir a Deus e, assentado aos pés dos profetas mais velhos, os aprendizes trabalhavam

e aprendiam sobre o amor e cuidado de Deus. A instituição de ensino do Antigo Testamento, chamada escola de profetas, cujo objetivo era a transmissão dos valores morais e espirituais que Deus havia entregado a Israel através de Sua Palavra, possuía uma função de suma importância. Segundo este pesquisador, vemos a expressão “filhos dos profetas” surgir nos livros de Reis. Ellen G. White (2014b) diz: “Estas escolas se destinavam a servir como uma barreira contra a corrupção prevalecente, a fim de prover à necessidade intelectual e espiritual da juventude, e promover a prosperidade da nação, dotando-a de homens habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros”.

## Considerações finais

35

Passados todos esses milênios, será que não há mais necessidade de escolas como a dos profetas? Se o principal objetivo destas escolas era a de frear a corrupção prevalecente, prover a intelectualidade e a espiritualidade, não teria o mundo moderno necessidades como no passado?

Deve ficar claro o trabalho do educador religioso. Conforme Mendes<sup>10</sup>, o ensino religioso escolar, embora tratando da religião, não se vincula a qualquer instituição religiosa específica. Não lida, portanto, com as religiões, formas institucionalizadas da experiência religiosa, e não se confunde com catequese. No misto de pluralidade de atividades religiosas vivido por cada professor de ensino religioso, ele tem a

.....  
<sup>10</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2q3bN4U>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

oportunidade de trabalhar a construção da cidadania, ser um auxiliar, ou ainda conforme o comentário do pedagogo Narciso Liedke (2014), o professor de ensino religioso serve como um amortecedor junto à unidade escolar., afinal é na figura deste profissional que se espera apoio, disciplina e responsabilidade. Este agente auxilia na modelagem do caráter do aluno e mostra, através da Bíblia, a possibilidade de mudança de traços que ao longo dos anos foram comprometidos.

O ensino religioso enquanto matéria sinalizadora de verdades bíblicas serve como uma placa indicadora do bom caminho a seguir. O professor de religião ou capelão escolar uma vez à frente desta matéria pode potencializar todo o trabalho em uma unidade escolar. Não que toda responsabilidade quanto à educação essencial recaia sobre o professor de ensino religioso, porém passa pela sua matéria todo arcabouço de verdades que regem atividades e atitudes que preparam alunos para a vida presente, e o bem-estar no futuro. Onde houver a figura do professor de ensino religioso, com a Bíblia na mão, e um coração ligado às coisas espirituais, ali haverá oportunidade de salvação. Não havendo fica difícil à exposição da Palavra, encerram-se os apelos, e não havendo apelos pode ser que crianças e adolescentes não entreguem a vida a Jesus, isto é muito perigoso.

Este artigo começa mencionando a história do sapo e do escorpião. No início a alegoria deixa claro uma afirmativa: O ser humano tem uma natureza má e desta não é possível escapar. Mais ainda: O ser humano tem tendências para uma vida de erros. Há como mudar esta situação? Sim. É um longo caminho para obter resultados positivos? Sim. É uma tarefa árdua? Sem dúvida. Os pais fazem a parte que lhes compete? O Governo faz sua parte? E a sociedade? E a Escola? E a criança e o adolescente? Bem,

são perguntas que necessitam urgentemente de respostas, aliás, mais que simples respostas, é preciso ação. Neste emaranhado educativo os profissionais da educação e destacadamente o ensino religioso, inseridos nas escolas confessionais, tem procurado alcançar suas metas, mesmo que estas muitas vezes sejam difíceis, justamente pelo contexto de um mundo pós-moderno. O trabalho destes homens e mulheres, mais que profissionais, são como sacerdotes e profetas dos tempos bíblicos. Esta é a missão dos “sacerdotes e sacerdotisas” em sala de aula. Ouvir os pedidos de oração, apresentar os mesmos a Deus, interceder pela família ou pelo próprio aluno e principalmente na ausência dos pais, enquanto trabalham, cuidar, orientar e aconselhar os alunos. Nem sempre é uma tarefa fácil, mas é uma missão prazerosa e compensadora. Levar alunos e pais, como candidatos aos Céus e mostrar-lhes os passos que os conduzirão aos pés a Jesus.

37

## Referências

POIRIER, M. P. **O direito de ser adolescente: oportunidades para reduzir vulnerabilidade e superar desigualdades/Fundo das Nações Unidas para a Infância.** Brasília: UNICEF, 2011.

WHITE, E. G. **Conselho aos pais, professores e estudantes.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, E. G. **Educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014



# As áreas de atuação de um capelão

Andrey Márcio Jação<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** Como exercer a função de um Capelão sem ter a menor ideia de como realiza-la? Como dar início a um projeto de Capelania sem ao menos saber por onde começar? Você tem conhecimento do que precisa fazer como Capelão e aonde deve chegar com a Capelania? Em quais áreas o Capelão deve e precisa atuar na escola adventista? O que Deus espera que o Capelão faça? Com base nos escritos de Ellen G. White e

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: andrey.jacao@unasp.edu.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

no pensamento de outros escritores adventistas de grande importância na área educacional, o Capelão identificará as principais necessidades de uma escola adventista e as áreas em que deve atuar para realizar uma Capelania que faça a diferença na vida de alunos, pais, administradores, funcionários, professores e na comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Capelão; Capelania; Áreas de atuação; Escola adventista.

**Abstract:** How to play the role of a chaplain without having the slightest idea of how it performs? How to start a project chaplaincy without even knowing where to start? Do you have knowledge of what to do as Chaplain and where should arrive with the chaplaincy? In what areas should the Chaplain and must act in adventist school? What God expects the Chaplain do? Based on the writings of Ellen G. White and the thought of other adventist writers of great importance in the educational area, the Chaplain will identify the main needs of an adventist school and areas that should act to perform a chaplaincy that makes a difference in life students, parents, administrators, staff, teachers and the school community.

40

**Keywords:** Chaplain; Chaplaincy; Expertise areas; Adventist school.

## Introdução

Definir as áreas de atuação de um Capelão no sistema educacional adventista não é uma tarefa fácil. A dificuldade para tal tarefa se encontra na

ausência de um documento oficial que esteja em harmonia com o contexto atual de nossas escolas, uma vez que elas deixaram de ser “escolas de igreja”, onde a maior parte de nossos alunos eram adventistas do sétimo dia e tínhamos um número reduzido de alunos por unidade escolar, para se tornarem escolas complexas, muitas delas com mais de mil alunos e com um número cada vez menor de adventistas do sétimo dia em relação a outros alunos de diferentes crenças. Devemos também levar em consideração a diversidade de pensamentos a respeito das funções de um Capelão estabelecidas em inúmeras Associações pelos seus Departamentos de Educação, ou então, pelas Associações Ministeriais, ou até mesmo por Diretores de unidades escolares. Diante de tais dificuldades estabeleceremos cinco áreas de atuação que abrangem as principais necessidades espirituais de uma escola adventista, tendo como base os escritos de Ellen G. White e o pensamento de outros escritores adventistas de grande relevância na área educacional.

41

### **As cinco áreas de atuação de um Capelão são:**

- ♦ Oferecer ferramentas e condições para motivar administradores, funcionários e professores adventistas a terem uma vida espiritual ativa e a se envolverem nas atividades religiosas e missionárias da escola.
- ♦ Oferecer ferramentas e condições para motivar alunos adventistas a terem uma vida espiritual viva e ativa envolvendo-se na missão de evangelizar aos alunos que não são adventistas.

- ◆ Apresentar a professores, alunos, pais e comunidade o caminho da salvação e a vontade de Deus expressa em Sua Palavra.
- ◆ Realizar e/ou delegar as atividades espirituais da capelania na escola.
- ◆ Auxiliar o professor de ensino religioso com aulas especiais, materiais e ideias para manter os alunos em contato com a revelação divina semanalmente e despertar o interesse em conhecer a Deus e Sua vontade.

Estas cinco áreas têm por objetivo fortalecer a vida espiritual, o evangelismo e a identidade cristã em nossas escolas (KOHLENER, 2007, p. 5), tornando-a cada vez mais adventista a fim de cumprir o seu papel evangelizador nestes últimos dias (GROSS, 2012, p. 7).

42

## **Preparo espiritual de administradores, funcionários e professores**

O Capelão deve proporcionar materiais e atividades para o crescimento espiritual individual e em família de cada administrador, professor e funcionário da escola além de criar oportunidades para o envolvimento na missão de evangelizar pais, alunos, funcionários e professores que não são adventistas do sétimo dia.

Em relação à vida espiritual daqueles que trabalham em nossas escolas, Ellen G. White (1990a, p. 64) afirma que “o diretor e os mestres devem manter viva comunhão com Deus”, devem “achar-se

possuídos do Espírito de Deus” (WHITE, 1990, v. 1, p. 87), além de “ser batizados com o Espírito Santo” (WHITE, 1990a, p. 139).

A direção de cada escola deve compreender o motivo da existência da educação adventista e a importância da função que exerce.

Quem dera que eu pudesse manejar a língua de maneira a exprimir claramente a importância da devida direção de nossas escolas! Todos devem compreender que essas escolas são instrumentos do Senhor, instrumentos por meio dos quais Ele Se quer tornar conhecido aos homens. (WHITE, 1985, p. 465).

Cooper (2013, p. 26), citado por Kathy Goddard, lembra que:

É fácil cair na armadilha de pensar que só porque somos uma Escola Adventista do Sétimo Dia, onde o culto acontece todos os dias, está tudo bem em relação ao desenvolvimento espiritual dos jovens. Nada poderia estar mais longe da verdade. Professores e administradores precisam, em primeiro lugar, ter sua própria caminhada com Deus para estabelecer as bases de uma escola que é espiritualmente viva.

43

Cada professor tem o privilégio de representar a Cristo aos seus alunos (WHITE, 2005, p. 274), além de sentir a responsabilidade de impressionar a mente dos alunos com a necessidade de conhecer a Cristo como um Salvador pessoal (WHITE, 1985, p. 425). Para isso precisam estar em íntima comunhão com Deus, e ter completo conhecimento de Sua Palavra (WHITE, 1985, p. 425). Não só saber a teoria da verdade, mas ter também o conhecimento prático do caminho da santidade (WHITE, 1990, v. 1, p. 427). Por este motivo, os hábitos e os princípios de um professor devem ser considerados de grande importância, mais que suas qualificações do ponto

de vista da instrução (WHITE, 1990a, p. 5). Ainda em relação a qualificação de um professor, Knight (2007, p. 219) declara que:

A qualificação principal é que tenham um relacionamento pessoal com Jesus. Se sua vida espiritual está em harmonia com a revelação da vontade de Deus, terão reverência pelo sagrado, e seu exemplo diário servirá para o desenvolvimento dos alunos.

O principal objetivo do professor é a conversão de seus alunos (WHITE, 2005, p. 272), conquista-los para Cristo deve ser o seu principal alvo (WHITE, 1990a, p. 106). Por este motivo, os professores necessitam ser preparados e educados para a obra missionária na escola (WHITE, 2005, p. 122).

44

## **Preparo espiritual dos alunos Adventistas do Sétimo Dia**

O Capelão deve auxiliar os alunos adventistas a renovarem a sua experiência com Deus e despertar neles o senso de missão envolvendo-os em atividades missionárias na própria escola.

Os alunos adventistas precisam reconhecer o seu valor e aceitarem o plano de Deus para a vida deles. Necessitam ser inspirados e motivados. Inspirados a ter uma vida espiritual viva e motivados a cumprir a missão que Deus tem designado para cada um. Para Knight (2010, p. 47), “a maior necessidade do aluno é um renascimento

espiritual que coloque Deus no centro de sua existência”. Este renascer levará o aluno a uma experiência de transformação interna e externa. Os alunos não somente irão internalizar o amor de Deus, mas também irão externaliza-lo (KNIGHT, 2007, p. 216). Não é suficiente apenas ensinar lições de profunda importância a eles, precisam aprender a comunicar o que receberam. (WHITE, 1990, v. 1, p. 545). O escritor e historiador Knight (2007, p. 255) enfatiza este mesmo pensamento: “Em vez de treiná-los para servirem a si mesmos através da aquisição de uma boa posição e um rendimento confortável, a função da escola cristã é educar os jovens da igreja para o serviço de Deus”.

Segundo White (2005, p. 13), esta é a verdadeira educação e um dos grandes objetivos de nossas escolas, preparar jovens para se empenharem no serviço a Deus e aos seus semelhantes. Muitos alunos seriam salvos, se os alunos adventistas estivessem no lugar em que deveriam se achar, consagrados a Deus e à verdade (WHITE, 2005, p. 206). O envolvimento do aluno no serviço a outros alunos não só revelará a Jesus, mas o levará também para mais próximo do Salvador. De acordo com o escritor e educador Suárez (2010, p. 221) “o servir, ajudar as pessoas, coloca o ser humano em íntima relação com Jesus”.

45

## **Evangelizar Alunos, Pais, Professores e a Comunidade**

O Capelão deve criar oportunidades para pais, alunos, professores e a comunidade estudarem a Bíblia e aceitarem a Jesus como

Salvador pessoal, a aceitarem as crenças fundamentais da Palavra de Deus e se batizarem na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A educação adventista é considerada o mais importante campo missionário do mundo (WHITE, 2005, p. 426) e um dos maiores meios ordenados por Deus para a salvação de almas (WHITE, 2005, p. 419). Sobre este assunto White (1985, p. 462) afirma que:

Unir-se-ão a essas escolas jovens do mundo, mesmo alguns cuja mente fora depravada, e aí serão convertidos. Seu testemunho em favor da verdade poderá ser impedido por algum tempo em razão das falsas teorias dos pais, mas afinal, a verdade triunfará. Fui instruída a dizer que essa espécie de obra missionária exercerá uma influência eficaz na difusão da luz e do conhecimento.

46

A escola deve ser uma agência evangelística, (KNIGHT, 2010, p. 53) e os alunos adventistas evangelistas (KNIGHT, 2007, p. 254), missionários vivos (WHITE, 2005, p. 173). Ela precisa ser vista como um campo de treinamento para ganhadores de almas (KNIGHT, 2006, p. 38), onde os alunos sejam preparados para se tornarem missionários (WHITE, 2005, p. 460).

Não basta mostrar quanto se precisa fazer, e insistir com a mocidade para tomar parte. É mister ensinar-lhes a maneira de trabalhar para o Mestre. Exercitá-los, discipliná-los, adestra-los nos melhores métodos de atrair almas para Cristo. Ensinai-os a experimentar, quieta e despretensiosamente, auxiliar seus jovens companheiros. Disponham-se sistematicamente vários ramos de trabalho missionário, nos quais eles possam tomar parte, e dêem-se-lhes instruções e auxílio. Assim aprenderão a trabalhar para Deus (WHITE, 1993, p. 210).

Através da amizade e do companheirismo os alunos devem influenciar outros alunos para Cristo (WHITE, 1987, p. 231), usando a sua influência sobre seus amigos (WHITE, 1990, v. 1, p. 204). Estes alunos, uma vez influenciados por seus amigos adventistas, influenciarão seus pais no caminho da salvação (WHITE, 1990a, p. 584).

## Capelania escolar

O capelão deverá promover, realizar e/ou delegar todas as atividades religiosas da escola, além de dar assistência espiritual para alunos, pais, funcionários, professores, administradores e a comunidade.

A religião precisa ter prioridade na escola, necessita ser a força que a movimenta.

47

O Senhor nunca pretendeu que nosso colégio imitasse outras instituições de ensino. O elemento religioso deve ser a força que controla. Se os descrentes escolherem pôr-se ao alcance dessa influência, tudo bem; se aqueles que se acham em escuridão escolherem vir para a luz, será como Deus desejar. Mas afrouxar nossa vigilância e permitir que influências mundanas assumam o controle, a fim de atrair o maior número de estudantes, é contrário à vontade de Deus. A força de nossa escola está em manter o elemento religioso em ascendência. (WHITE, 2004, p. 14)

No pensamento de White (1985, p. 414), a consideração pelo elemento religioso é tão importante que os melhores talentos na área

ministerial, deveriam ser usados no ensino da Palavra de Deus nas escolas adventistas. É de grande importância que o capelão tenha conhecimento de que ao seguir o exemplo de Jesus, muitos alunos serão ganhos para Ele (WHITE, 2005, p. 268).

Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava, então, segue-Me (WHITE, 1990b, p. 143).

48

Se as crianças e os adolescentes têm confiança de que o capelão quer torna-los felizes, este sentimento de amor derrubará todas as barreiras (WHITE, 1985, p. 582). Para isso, o capelão precisará participar das brincadeiras e dos entretenimentos deles, ser um com eles (WHITE, 1987, p. 228), tornando-se muitas vezes uma criança ou um adolescente entre eles (WHITE, 2004, p. 4,5). Neste convívio, o capelão identificará as necessidades de crianças e adolescentes e poderá ajuda-las em suas dificuldades e problemas conquistando a confiança de cada uma delas e conduzi-las a Jesus.

## **Aulas de Ensino Religioso**

O Capelão deverá auxiliar o professor de ensino religioso com aulas especiais, materiais e ideias para manter os alunos em contato com a revelação divina semanalmente e despertar o interesse em conhecer a Deus e Sua vontade.

A Bíblia como meio de educação não tem rival (WHITE, 1990a, p. 62). Ela deve ter o mais alto lugar em nosso sistema educacional (WHITE, 2005, p. 17), ser o principal estudo em sala de aula (WHITE, 1990, v. 1, p. 536), precisa ter os nossos mais espontâneos pensamentos, nossos melhores métodos e o nosso mais fervoroso esforço (WHITE, 2005, p. 186).

O estudo da Bíblia trará aos nossos alunos força moral e santificadora, sabedoria e integridade (WHITE, 1987, p. 227). Em relação aos benefícios do estudo da Bíblia, White (2005, p. 460) se expressa assim:

Nada há melhor calculado para dar vigor à mente e fortalecer o intelecto do que o estudo da Palavra de Deus. Nenhum outro livro é tão poderoso para elevar pensamentos, para dar vigor às faculdades, como as amplas e enobrecedoras verdades da Bíblia. Se a Palavra de Deus fosse estudada como deveria ser, os homens teriam uma amplidão mental, uma nobreza de caráter, e uma estabilidade de propósitos que raramente se veem nestes tempos.

49

As lições ensinadas na Palavra de Deus devem ser apresentadas de maneira atrativa (WHITE, 1985, p. 458), de tal modo que o significado seja facilmente compreendido por crianças e adolescentes (WHITE, 2005, p. 267). Devem-se procurar constantemente métodos aperfeiçoados (WHITE, 1990, v. 1, p. 194) que levem os alunos a expressarem em suas próprias palavras a verdade.

Os professores devem induzir os alunos a pensar, e a entender claramente a verdade por si mesmos. Não basta ao mestre explicar, ou ao aluno crer; cumpre suscitar o espírito de investigação, e o aluno ser atraído a enunciar

a verdade em sua própria linguagem, tornando assim evidente que lhe vê a força e faz a aplicação. Por trabalhosos esforços, as verdades vitais devem assim ser gravadas no espírito. Talvez isto seja um processo lento; é, porém, mais valioso do que passar correndo sobre assuntos importantes, sem a devida consideração (WHITE, 1990c, p. 140).

Para os educadores Gross (2012, p. 132), o ensino da salvação em sala de aula é prioridade, o fim último do que se pratica nas salas de aula das escolas adventistas de qualquer nível e de qualquer lugar.

Tendo como principal fundamento a Jesus, a obra da educação e da redenção torna-se uma (WHITE, 1990c, p. 30) e a figura do Capelão no ambiente escolar adventista passa a ter grande importância.

## Considerações Finais

Neste artigo, aprendemos que o Capelão possui cinco áreas de atuação que satisfazem as principais necessidades espirituais de uma escola adventista. O preparo espiritual dos administradores, funcionários, professores e alunos adventistas, evangelizar pais, alunos, administradores, funcionários, professores e a comunidade escolar, promover, realizar e/ou delegar todas as atividades da Capelania e auxiliar os professores nas aulas de ensino religioso. Concluímos que é imprescindível que o Capelão tenha conhecimento de sua função e das áreas em que Deus espera que ele atue a fim de fazer a diferença no Colégio.

## Referências

COOPER, M; KATHY G. Professores como Discipuladores na Sala de Aula. **Revista Educação Adventista**, n. 34, 2013.

GROSS, R.; GROSS, J. S. **Filosofia da educação cristã**: uma abordagem adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

KNIGHT, G. R. **Filosofia e Educação**: uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mitos na educação adventista**: um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen G. White. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010.

\_\_\_\_\_. Por que ter Escolas Adventistas? **Revista Escola Adventista**, ano 10, v. 17, 1º semestre de 2006.

KOHLER, E, Escola Adventista, mais adventista. **Revista Escola Adventista**, ano 11, v. 20, 2º Semestre de 2007.

SUÁREZ, A. S. **Redenção, liberdade e serviço**: os fundamentos da pedagogia de Ellen G. White. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010.

WHITE, E. G. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987. v. 3.

\_\_\_\_\_. **A ciência do bom viver.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990a.

\_\_\_\_\_. **Mente, caráter e personalidade.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Beneficência social.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990b.

\_\_\_\_\_. **O caráter e a obra do professor.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990c.

\_\_\_\_\_. **Conselho aos pais, professores e estudantes.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Serviço cristão.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. **Testemunhos para a igreja.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. v. 5.

# A natureza como instrumento de aprendizagem: a revelação natural na capelania

Carlos Domingos Prestes<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo trata de como tornar mais atrativas as aulas do capelão educacional, empregando a sugestão amplamente difundida de utilizar a natureza como instrumento de aprendizagem, dentro da perspectiva de

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: carlosdomingosprestes@bol.com.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

conceber a natureza não apenas como o meio em que se vive, mas como instrumento divino de ensino. Discute-se o tema com base em estudo exaustivo de literatura ligada à pedagogia, literatura religiosa e filosofia conectada à Bíblia. Artigos referentes ao tema são amplamente mencionados. Selecionou-se o que foi considerado mais proveitoso, a fim de se ver quão ampla é a aceitação da ideia central deste estudo e que assim não pode ser deixado de lado tal conceito, em aulas de ensino religioso por parte do capelão ou mesmo professor de ensino religioso.

**Palavras-chave:** Natureza; Aprendizagem; Capelania; Revelação natural; Ensino religioso.

54

**Abstract:** This article is about how to make the lessons more attractive educational chaplain, employing widespread suggestion to use nature as a tool for learning within the perspective of conceiving the nature not only as the environment in which they live, but also as a tool divine teaching. We discuss the issue on the basis of comprehensive study of pedagogy linked to literature, religious literature and philosophy connected to the Bible. Articles on the topic are widely mentioned. Was selected which was considered more profitable, in order to see how broad is the acceptance of the central idea of this study and thus cannot be left out this concept in religious education lessons by the same teacher or chaplain religious education.

**Keyword:** Nature; Learning; Chaplaincy; Natural revelation; Religious education.

## Introdução

Este artigo expõe um estudo alusivo à natureza como instrumento de aprendizagem, como uma ideia cuja fundamentação é ampla tanto na esfera pedagógica como na religiosa, mesmo em escritos considerados sagrados como a Bíblia. Por isso, o contato com a natureza bem como a interação com ela, não podem ser deixados de lado, como uma alternativa para o ensino de religião nas aulas ministradas pelo capelão escolar e o professor de ensino religioso.

O capelão escolar tem como trabalho primordial desenvolver a espiritualidade na escola, mediante capelas (cultos para o corpo docente e corpo discente), visitas pastorais, estudos bíblicos, classes bíblicas e seminários de natureza espiritual. Muitas vezes, além desse árduo trabalho, ele tem que ministrar aulas de ensino religioso e aí se faz necessário uma alternativa que estimule a aprendizagem, de modo atraente. Neste momento, faz-se necessário algumas perguntas: que seria aprendizagem? Quais são as diferenças entre aprendizagem, ensino e educação? Quais os fundamentos para interpretar a natureza como instrumento de aprendizagem? Como isso pode ser aplicado nas aulas de ensino religioso? Como entender a revelação natural como ferramenta pedagógica?

Para responder as questões acima, deve-se verificar ou averiguar a fundamentação ou alicerce sólido para interpretar a natureza como meio de aprendizagem ou, então, vislumbrar essa ideia como uma visão forçada da realidade, baseada no modismo ecológico.

O estudo toma por base filosófica uma visão teísta e cristã de encarar a realidade, sem menosprezar as contribuições que as demais

formas de encarar a realidade podem trazer. A base filosófica consiste em que a natureza é parte da revelação divina, a revelação geral (Sl 19; Rm 1: 20), a qual pode ser compreendida “através do estudo científico”, mas que deve ser interpretada pela revelação especial, em virtude do “pecado” (KNIGHT, 2010, p.156).

Como salientou Guilherme de Ockham (apud STEIN, 2005, p. 122) “a razão pode obter conhecimento sobre o universo explorável. Mas é limitada” ao fornecer conhecimento espiritual. Tomás de Aquino vai nesta direção de pensamento (STEIN, 2005). Nesta forma de pensar se investiga os problemas levantados. Tudo fundamentado em vários livros e artigos que nos dão uma visão ampla, sobre o tema em foco.

Para entendermos o que é considerado, necessário é o domínio de alguns conceitos. Em particular de aprendizagem, educação e treinamento.

56

Aprendizagem pode ser definida como um tipo de processo que produz a capacidade ou potencial de poder apresentar um novo comportamento ou um comportamento mudado, considerando que estes não são decorrência de algum outro processo ou experiência, como envelhecimento ou cansaço (KNIGHT, 2010, p. 19- 20). Educação pode ser entendida como a tentativa deliberada, de um indivíduo em controlar o processo de aprendizagem, com o objetivo de atingir uma meta ou alvo (KNIGHT, 2010, p. 20).

Treinamento é uma habilitação para uma tarefa ou função. Ele pode se restringir ao nível animal, enquanto a educação é necessariamente humana. A aprendizagem inclui a educação e esta, por sua vez, envolve o treinamento. Aprendizagem e educação são para toda a vida.

## Pensadores em geral e a natureza como meio de aprendizagem

O que pensam os educadores sobre a natureza como instrumento de aprendizagem? Como encaram a natureza como meio de despertar o gosto pelo conhecimento? Como a encaram como recurso didático na aprendizagem escolar? Pensadores na área de educação têm visto a natureza como agente de educação ambiental. Tem-se verificado que a criança para se desenvolver completamente como indivíduo, ela precisa estar em contato com a natureza no ambiente escolar, pois o homem se desenvolve plenamente na relação com o natural (ELALI, 2003). E a mesma pensadora, citando Korpela, frisa que quanto “menor a criança, maior a necessidade de contato com áreas externas e ambientes naturais” (ELALI, 2003).

57

A natureza se percebe como instrumento de aprendizagem, na área de educação ambiental, também sob a forma de fotografias. Pesquisadores notaram que:

observando a reação das pessoas comentando fotografias de revistas, calendários e outras mídias [...] [as pessoas] questionavam algo ou comentavam sobre a exuberância de um animal ou paisagem. A partir dessa sensibilização e curiosidade frente a fotografias da natureza surgiu a ideia de introduzi-las como instrumento de educação ambiental” (ARANHA et al., 2010).

Em outras palavras, José Marcelo Aranha e companheiros verificaram que a natureza é um excelente meio de aprendizagem, mesmo que

apenas sob a forma de fotografias e imagens. Uma importante descoberta que se deu de modo intuitivo e bastante empírico. Através de mais detalhados estudos e observações mais apuradas, o grupo de pesquisadores entendeu que a fotografia, inclusive da natureza, pode despertar o fascínio inicial, necessário a uma abordagem de ensino (ARANHA et al., 2010).

No meio erudito, verificou-se ainda que se “queremos formar pessoas que respeitem a natureza”, faz-se necessário “desfrutar da vida ao lar livre” e estabelecer relações cotidianas com “o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-se como chão [...] como matéria-prima para a maior parte das atividades” (TIRIBA, 2007). Em outras palavras, a educação ambiental se desenvolve na interação ou contato com a natureza.

58

A natureza ainda pode ser empregada como agente de aprendizagem em outras áreas. Grupo de pesquisadores verificou que a natureza pode ser empregada como instrumento de aprendizagem, nas aulas de ciências e educação ambiental, em aulas de campo. Averi-guou-se em um jardim botânico,<sup>4</sup> que os alunos se sentiam confortáveis na aula de campo (84%), e assim o aprendizado para o saber científico foi facilitado, pois boas sensações e emoções, auxílio são para o aprendizado via raciocínio, o que é natural em ciências (CAVASSAN; SENICIATO, 2004, p. 135).

Há ainda no meio acadêmico, a ideia interessante de que a educação ambiental, que envolve o contato com a natureza, promove no homem “conhecimento, a compreensão de habilidades e a motivação de valores,

.....  
<sup>4</sup> O jardim botânico estudado foi o Jardim Botânico Municipal de Bauru, Bauru, SP, um jardim de boa qualidade para pesquisa de campo.

mentalidades e atitudes” (SCARDUA, 2009, p. 57-64). Em outras palavras, a natureza como meio de aprendizagem transpõe a barreira da educação ambiental e adentra na esfera da educação ética. Esse conceito é interessante na área de ensino religioso, área de atuação do capelão escolar.

Segundo Valéria Mota Scardua (2009), a natureza como instrumento de aprendizagem, constitui-se em recurso rico de aprendizagem, com ampla gama de recursos didáticos e lições naturais a ensinar. Scardua (2009) menciona Fritjof Capra que emprega a horta como sala de aula. Esse educador célebre afirma que através da horta, a criança aprende os ciclos alimentares, compostagem, reciclagem, ciclos do cultivo agrícola, ciclos das chuvas e estações (ciclos maiores) etc. Scardua (2009) ressalta também que Tuan ensina que “plantando, assistindo a planta crescer e colhendo, a criança pode compreender os ciclos da natureza, reconhecer-se como parte dele”. Scardua (2009) também menciona Freinet, que empregava passeios ao ar livre para educar crianças sobre o mundo em redor delas.

O que pensaram os antigos pensadores de renome sobre a natureza como veículo ou instrumento de aprendizagem. Eles tinham esta espécie de ideia?

Jean-Jacques Rousseau (1995, p. 7) disse:

As cidades são o abismo da espécie humana. Ao cabo de algumas gerações, as raças se degeneram. É preciso renová-las, e é sempre o campo que traz essa renovação. Enviais, pois, vossos filhos, para que se renovem, por assim dizer, a si mesmos, e retomem nos campos o vigor que se perde no ar insalubres dos lugares povoados demais.

Nota-se que Rousseau viu a natureza como meio de regeneração da juventude e assim como meio que colabora na educação de jovens.

João Amós Comênio (1985, p. 62-63) grande pensador em educação dos irmãos morávios, interpretava a natureza como meio de aprendizagem, através das metáforas que se poderia fazer com base nela para ensinar a religião.

Johann Henrich Pestalozzi e Friedrich Froebel (apud ARCE, 2002), como pensadores abalizados em educação, buscaram a exteriorização do divino que se encontra no homem e a natureza é o agente desta tarefa de conhecer o que há no homem (ARCE, 2002, p.100).

Froebel (apud ARCE, 2002), em particular, destacou que a natureza é uma escada que une o homem ao eterno, ou seja, a Deus (ARCE, 2002, p. 97). A natureza é um símbolo e um instrumento que possibilita interpretar o desenvolvimento do homem, visto que ambos são regidos pelas mesmas leis (ARCE, 2002, p. 95 e 96). Leis que vieram de uma mesma fonte, o Criador, no pensamento de Froebel.

Fica patente pelas ideias de muito pensadores em geral, que a natureza consiste em importante recurso didático de aprendizagem. Também alguns o veem como parte importante para a formação do ser humano.

## **Pensadores religiosos e a natureza como meio de aprendizagem**

E o que pensam os pensadores religiosos propriamente ditos sobre a natureza como instrumento de aprendizagem? Como a natureza

pode contribuir para o conhecimento de Deus, e assim, colaborar para a tarefa tanto do capelão escolar como professor de ensino religioso?

No pensamento da igreja cristã primitiva e, em tempos mais recentes especialmente na cristandade greco-ortodoxa, a natureza era “concebida como um sistema simbólico através do qual Deus fala ao ser humano” (BELTRÃO, 1980, p. 142-143). A natureza foi concebida na esfera cristã como instrumento de ensino divino. Como um recurso didático pelo qual Deus revela as verdades eternas. A cristandade ocidental enfatizou, por outro lado, a revelação bíblica como verdade básica (STEIN, 2005, p. 122), e assim, como meio essencial de ensinar temas espirituais. Essa cristandade não negou a natureza como revelação divina, mas pôs foco na Bíblia ou nas Escrituras Sagradas como a revelação divina. Segundo o padre jesuíta Pedro Calderan Beltrão (1980), a igreja latina até século VIII tentava entender Deus através de como funciona a criação.

Na cristandade contemporânea, a noção da natureza como meio de ensinar lições espirituais é presente. Teólogos de renome e pensamento liberal têm discutido o tema. Interessante diálogo se travou entre Paul Tillich e Jürgen Moltmann (MEIRA, 2012). Há um diálogo entre o pensamento deles não só quanto ao homem, mas também quanto à terra (natureza). Eles veem a natureza ligada numa relação “eu — natureza — Deus”, dentro do quadro dos simbolismos religiosos. Símbolos na perspectiva deles são meios de Deus se fazer presente. E eles concebem que há “revelação mediante a natureza” (MEIRA, 2012, p. 133). Moltmann teve uma experiência com Deus, na experiência particular da cerejeira, em que Deus se tornou presente para ele pela natureza (MEIRA, 2012, p.123).

No pensamento não cristão, em particular nas religiões orientais, há um tipo de visão bastante peculiar sobre o tema. No Xintoísmo, por exemplo, não há uma tensão entre o Criador e a criatura como ocorre nas religiões ocidentais. Para o Xintoísmo, a natureza abriga forças sobrenaturais e pessoas sensíveis percebem isso (WATT, 1982, p. 21-23). Assim, a natureza pode ser entendida como veículo de contato com o sobrenatural. Quanto ao Budismo e o Hinduísmo, nota-se que de certa forma, confundem a divindade com a natureza (especialmente Hinduísmo). Assim, notório se parece que se pode conhecer a divindade pela natureza, pois é parte da mesma.

Dentro do pensamento cristão, a ideia da natureza como meio de aprendizagem, particularmente sobre Deus e a religião, sobressai-se no adventismo, especialmente pela influência da autora norte-americana Ellen G. White (2008e, p. 59), a autora ressalta que:

Em todas as coisas criadas veem-se os sinais da Divindade. A natureza testifica de Deus. A mente sensível, levada em contato com o milagre e mistério do Universo, não pode deixar de reconhecer a operação do poder infinito.

A mesma autora concebe a natureza como fonte de ensino e deleite para as crianças e mesmo os adultos (WHITE, 2008e, p. 59-60). Também como um meio de aprender o invisível por meio do visível (WHITE, 2008c, p. 60). Ela entende que, depois da Bíblia, a natureza deve ser nosso maior livro de estudo (WHITE, 2008a, p. 134; WHITE, 2008b, p. 108). Ela recomenda que as escolas adventistas sejam estabelecidas em meio à natureza, e assinala

que os servos de Deus e crianças devem ser educados na natureza (WHITE, 2008d, p. 300-301).

Ainda ela defende que o mundo natural é o intérprete das coisas de Deus (WHITE, 2008b, p.108). Que mesmo afetada a natureza pelo pecado ainda ela fala de Deus (WHITE, 2008b, p. 108). Ela observa que o cultivo da terra põe a pessoa em contato direto com a natureza e o Deus dela (WHITE, 2008b, p.109).

Parece evidente pelas diversas tradições religiosas, que a natureza pode ser vista como peça pedagógica importante na difusão da fé, algo que deveria ser considerado pelo capelão escolar bem como do professor de ensino religioso, no trabalho deles de instrutores e promotores da fé religiosa.

## **Pensadores bíblicos e a natureza como meio de aprendizagem**

E o que pensaram os pensadores bíblicos a respeito do tema em análise? Eles pensaram de modo semelhante aos pensadores acima? O que a Bíblia expõe sobre este assunto?

A natureza como instrumento de aprendizagem é algo bastante destacado na Bíblia. Na lei (Tôrâh, conhecida como Pentateuco), profetas (Nebiim) e escritos (Ketubim) bem como ainda no Novo Testamento, a ideia ou noção da natureza como recurso pedagógico é bastante presente, visto que se reputa a mesma como uma forma de revelação divina, ainda que afetada pelo pecado.

Na lei temos vários exemplos que demonstram esse conceito. Deus no princípio deu como atividade (exercício) e trabalho o cultivo agrícola, uma atividade que possibilita intenso contato com a natureza: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2:15). Tal resolução divina visava ensinar o valor do trabalho, ao menos em parte.

Após o pecado, Deus continuou determinando ao homem a agricultura como trabalho, porém sob fadiga e cansaço, em decorrência do pecado: “Visto que atendeste a voz da mulher [...] Maldita é a terra por tua causa; em fadiga obterás dela o sustento durante os dias da tua vida. No suor do rosto comerás o teu pão. O Senhor Deus, por isso o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado” (Gn 3:17–19:23). A finalidade aí era mostrar o peso do pecado e o valor do trabalho na obtenção do alimento, ainda que sob condições adversas.

Ainda na lei se tem mais demonstrações da postura defendida. Emprega-se a jumenta de Balaão como meio de ensino ao teimoso profeta (Nm 22:21-35). Usa-se a natureza em época de fartura como recurso didático para estímulo à obediência (Dt 11:13-15). Utiliza-se da comparação à águia cuidando da prole para revelar Deus como guia de Israel (Dt 32:11, 12).

Cabe observar que o contato ou trabalho com a terra bem como com as plantas tem a propriedade de relaxar o homem, constitui-se em saudável exercício físico e combate o pecado, numa perspectiva cristã. Ele é adversário da ociosidade, uma espécie de pecado e um dos grandes estimulantes do pecado em termos gerais. Nem todos

podem ser agricultores. Vive-se em um mundo em que reina a mecanização. A eletrônica está em todas as áreas da vida humana. Mas princípios desta ordem, se postos em prática, numa cosmovisão cristã, ainda podem fazer a diferença naqueles que desejam o céu.

Nos profetas e escritos (o centro desses era o livro de Salmos), a natureza é igualmente exposta como recurso de aprendizagem. E tal realidade revela que a ideia em questão já era consagrada nos tempos antigos, nos tempos da confecção das Escrituras.

Há diversos exemplos que atestam isso nos profetas. Em Isaías 1:18 é prometido ao que for a Deus um perdão completo, sob a figura da branquidez da neve e da lã (Obviamente branca). A atitude pacífica e silente do Messias, o Servo Sofredor de Isaías, seria semelhante à de um cordeiro ante o matadouro, de uma ovelha perante os tosquiadores (Is 53:7). A obra divina da regeneração é comparada ao trabalho do oleiro sobre o barro (Jr 18:1-6). A desgraça e ruína do povo de Deus são descritas sob a forma das parábolas do leão enjaulado e da videira arruinada (Ez 19).

Em Daniel, a história das nações é descrita sob a forma de animais híbridos e estranhos (Dn 7). Em Joel, o derramamento do Espírito Santo é comparado a chuva (Jl 2:23, 28-32). Em Zacarias, a obra do Espírito Santo é associada a duas oliveiras (Zc 4). E assim por diante.

Há diversos exemplos que demonstram isso também nos escritos. Em Salmos 19:1-6, a natureza é apresentada como revelando a divindade (Revelação Geral ou Natural). Em Salmos 91:4, Deus é comparado a uma ave que protege os filhotes dela. Em Salmos 119:105, para se apontar que a Palavra de Deus traz percepção ou discernimento

espiritual, compara-se a mesma à luz. Em Provérbios 6:6-11, ressaltase o valor do trabalho e da poupança, ao se tomar a formiga como modelo de trabalho e poupança. E assim por diante.

Ainda nos profetas, ensina-se que na Nova Terra, Deus dará a alegria de ainda trabalhar com o cultivo agrícola “Eles edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que os outros habitem; não plantarão para que os outros comam” (Is 65:21, 22). “Eis que vem os dias, diz o Senhor, em que o lavrador segue logo o que ceifa, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão. Plantarão vinhas e beberão seu vinho, farão pomares e eles comerão o seu fruto” (Am 9:13, 14). O trabalho ideal para o homem continuará a ser exercido no novo mundo, porém sem os problemas conectados ao pecado (Ap 21:4). E assim, de modo intenso, a natureza estará sendo usada como instrumento educativo.

66

No Novo Testamento, em Jesus Cristo principalmente, sem dúvida se constata a ideia da natureza como instrumento de aprendizagem, tanto de temas éticos como salvíficos.

Jesus empregou realmente a natureza como veículo ou instrumento de aprendizagem. Diversos discursos do Mestre demonstram isso. E os apóstolos relataram apuradamente isso. Ele empregou a universalidade das chuvas e do sol, para demonstrar que Deus é imparcial no amor dele (Mt 6:44, 45). Ele usou das aves e do lírio do campo, uma flor, para demonstrar o cuidado de Deus pelas pessoas (Mt 6: 25-34; Lc 12:22-32). Ele utilizou dos pardais para demonstrar o cuidado pessoal e detalhista de Deus (Mt 10:29, 30). Ele fez uso

de parábolas empregando como base o mundo natural, para dar ou conferir as mais variadas lições espirituais (Mt 13:1-52; Mc 4:1-34; Lc 13:6-9, 18-21; 15:1-7; Jo 15:1-8).

Os apóstolos de Jesus Cristo seguiram a prática pedagógica do mestre. Paulo fez uso da agricultura, para outorgar a lição espiritual sobre a necessidade de muito contribuir (2 Co 9:6-11). Paulo ainda fez emprego da agricultura, a fim de conferir a lição espiritual sobre as consequências das escolhas (Gl 6:6, 7). Tiago empregou a agricultura, a chuva e a paciência do agricultor, com o propósito de conceder a lição sobre a necessidade de paciência para a volta do Senhor Jesus (Tg 5:7, 8). Pedro usou da botânica, com base no Antigo Testamento, para discorrer sobre a efemeridade ou transitoriedade do homem bem como sobre a perpetuidade da Palavra de Deus (1 Pe 1:23-25). João usou do sol e da lua, para discorrer sobre a grandiosidade moral da Igreja (Ap 12:1).

Do começo ao fim da Bíblia, salienta-se que os pensadores e escritores bíblicos empregaram a natureza como recurso pedagógico para ensinar sobre Deus e temas espirituais em geral.

## Considerações finais

Portanto, diante do que foi exposto, não resta dúvidas de que a natureza consiste em instrumento de aprendizagem, que pode ser muito útil pedagogicamente nas aulas, sermões e palestras dos capelães escolares bem como nas aulas dos professores de ensino religioso.

O emprego dela em aulas sobre meio ambiente, ciências e mesmo temas éticos (o que interessa particularmente a um capelão), como se constatou em pensadores em geral, testifica disso. O uso dela no ensino e na reflexão religiosa, como se observou nos pensadores religiosos, testemunha disso. A utilização dela na Bíblia como recurso didático para o ensino, como se verificou nos escritores bíblicos, atesta de forma formidável essa ideia. Cabe, então, ao capelão ou professor de ensino religioso fazer uso de tal conceito, através de slides, hortas escolares, passeios a parques e chácaras, símiles, parábolas e outros, para ministrar melhores aulas na área do ensino religioso.

## Referências

68

ARANHA, J. M.; BORGES, M. D.; SABINO, J. A fotografia como instrumento para educação ambiental. **Ciência & Educação**, v. 16, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2pBeetL>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

ARCE, A. A tríade naturalizante na concepção educacional de Pestalozzi e Froebel: homem, Deus e natureza. **História da Educação**, v. 12, p. 87-104, 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/2oTaMxj>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

BELTRÃO, P. C. Sacralidade da Natureza? Ecologia humana e valores ético-religiosos. **Perspectiva Teológica**, ano XII, n. 27 e 28, p. 142-143, 1980. Disponível em:<<http://bit.ly/2pDQUxt>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

CAVASSAN, O; SENICIATO, T. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência e Educação**, v. 10, n. 1, p. 135-147, 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2prukYe>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

COMÊNIO, J. A. **Didática magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

ELALI, G. A. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/2p4f2pV>>. Acesso em: 29 jan., 2014.

KNIGHT, G. R. **Filosofia e educação**: uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2010.

MEIRA, D. R. A interface entre “Religião protestante” e “Natureza”: sobre uma compreensão “ecoteológica” a partir de diálogos entre a teologia de Paul Tillich e Jürgen Moltmann. **Correlatio**, v. 11, n. 22, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2qt9ruh>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCARDUA, V. M. Crianças e meio ambiente: a importância da educação ambiental na educação infantil. **Revista FACEVV**, n. 3, p. 57-64, 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2pT2s0R>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

STEIN, A. vom. **Criação**: Criacionismo Bíblico. 1 ed. Lychen: Daniel-Verlag, 2005.

TIRIBA, L. Seres humanos e natureza nos espaços de educação infantil. In: MELLO, S. S. DE; TRAJBER, R (Org.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2qzmYQb>>. Acesso em: jan. 2014.

WATT, P. Xintoísmo e Budismo: nascentes da espiritualidade japonesa. **Arian Religion**, v. 2, n. 1, p. 21-23, 1982. Disponível em: <<http://bit.ly/2pBnQop>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre Educação: lições de um sistema de ensino bem-sucedido**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008a.

70

\_\_\_\_\_. **Conselhos aos pais, professores e estudantes: princípios e métodos da prática educacional**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Educação: um modelo de ensino integral**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008c.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da educação cristã: a família, a escola e a comunidade no contexto da aprendizagem**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008d.

\_\_\_\_\_. **Medicina e Salvação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008e.

# Escola-igreja: o lado prático do ensino religioso

Daniel Herberth Alves Ludtke<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade aplicar o jogo trilhas em uma turma do ensino fundamental I, cujo escopo é refletir sobre a importância desta ferramenta pedagógica para a resolução de conflitos, à medida que os professores tendem a não saber lidar com problemas de indisciplinas e demais conflitos. O jogo foi aplicado em uma turma

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: daniel\_ludtke@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

do nono ano do ensino fundamental I de uma escola da rede privada e notou-se durante a aplicação, o envolvimento e preocupação destes alunos quanto aos problemas existentes dentro da instituição de ensino e chegaram à conclusão de que os conflitos na escola merecem uma atenção especial, já que estes envolvem a formação moral do sujeito.

**Palavras- chave:** Lúdico; Conflitos; Indisciplina.

**Abstract:** Este artigo tem por finalidade aplicar o jogo trilhas em uma turma do ensino fundamental I cujo escopo é refletir sobre a importância desta ferramenta pedagógica para a resolução de conflitos, à medida que os professores tendem a não saber lidar com problemas de disciplinas e demais conflitos. O jogo foi aplicado em uma turma do nono ano do ensino fundamental I de uma escola da rede privada e notou-se durante a aplicação, o envolvimento e preocupação destes alunos quanto aos problemas existentes dentro da instituição de ensino e chegaram à conclusão de que os conflitos na escola merecem uma atenção especial já que estes envolvem a formação moral do sujeito.

72

**Keyword:** Lúdico; Conflitos; Indisciplina.

## Introdução

Enfrentamos um dilema na educação adventista: muitos alunos aprendem sobre Deus nas aulas de religião, desenvolvem

o lado ético e até adotam alguns princípios morais, mas poucos assumem o compromisso proposto pela educação adventista, que objetiva não apenas moldar bons cidadãos e profissionais, mas cristãos comprometidos, preparados para a “vida eterna”<sup>4</sup> - como descrito na premissa desse sistema educacional.

George Knight, teólogo e educador adventista, escreveu que o objetivo primordial da educação na escola “é conduzir os jovens a um relacionamento salvífico com Jesus Cristo” (KNIGHT, 2010, p. 46). Ele se opõe à visão de que o propósito principal da educação cristã seja “desenvolver habilidades intelectuais e/ou preparar jovens para o mercado de trabalho”, ou mesmo “desenvolver o caráter e/ou preparar jovens para o serviço” (KNIGHT, 2010, p. 44). Segundo a educadora Ellen G. White (apud KNIGHT, 2010, p. 47), o mais importante na educação “deve ser a conversão” dos alunos.

Diante disso, quais seriam as formas de levar adolescentes e jovens à conversão? Como fazer com que os estudantes coloquem em prática os princípios de sala de aula? Como conduzi-los a esse “relacionamento salvífico”? Seria uma igreja formada por estudantes e com foco nos alunos da escola uma solução para enraizar e amadurecer o conhecimento teórico da escola?

.....  
<sup>4</sup> O livro *Pedagogia Adventista*, elaborado pela organização superior da Igreja Adventista do Sétimo dia, apontou que a finalidade da educação adventista é: “Restaurar o homem a seu estado original de perfeição, preparando crianças e jovens para uma existência significativa na Terra e para a vida eterna” (CONFEDERAÇÃO, 2010, p. 29).

## Desenvolvimento

Quando o assunto é adolescentes e religião, encontramos dois grandes problemas: 1) os que são cristão estão deixando a igreja; 2) os que não são cristãos rejeitam a igreja.

Os adolescentes convivem com inúmeros problemas ao mesmo tempo e precisam de um lugar para serem ouvidos e receberem atenção. Convivem todo o tempo com a pressão social, problemas de relacionamentos na escola e em casa, — como separação dos pais, problemas de saúde —, e questões como a escolha da faculdade e dificuldades de aprendizado, provas, trabalhos e notas. A isso somam-se os pecados novos e tentadores como bebidas, drogas e sexo, pornografia e masturbação. Como acolhê-los em seus dilemas e encaminhá-los a Deus?

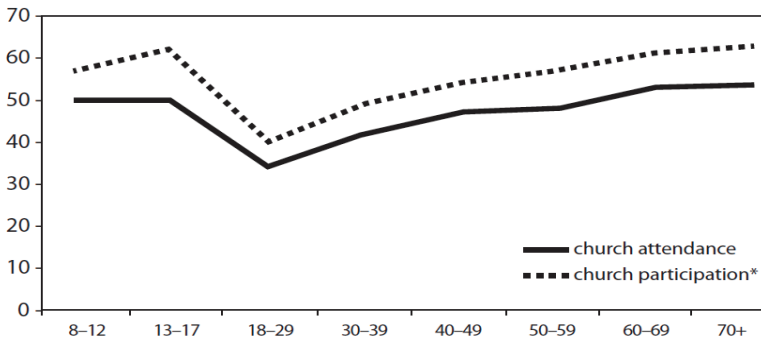
74

No primeiro caso, dos adolescentes que estão na igreja, eles têm dúvidas, precisam de acolhimento, atenção, de serem ouvidos e ajudados. Mas de acordo com David Kinnaman, autor de *You Lost Me*, os jovens cristãos não veem a igreja como um lugar seguro e hospitaleiro para expressar suas dúvidas e problemas (KINNAMAN, 2011, p. 11). Os adolescentes dizem que se sentem mais julgados que compreendidos. E por isso muitos tem abandonado a fé nesse período de tantas incertezas.

Quase três em cada cinco jovens cristãos deixam de ir a suas igrejas após 15 anos de idade, é o que aponta a pesquisa do Barna Group (KINNAMAN, 2011, p. 23). O gráfico abaixo (KINNAMAN, 2011, p. 22) mostra claramente a faixa etária de maior evasão na igreja. Entre os motivos mencionados pelos adolescentes para seu afastamento da religião, estão: falta de ação dos grupos de jovens; a superficialidade

e a imaturidade dos temas apresentados na igreja; reuniões e líderes sem atrativo para o público jovem (KINNAMAN, 2011, p. 91).

**Figura 1:** Participação dos membros da igreja



Fonte: Kinnaman (2011).

Isso não é novidade também dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em pesquisas mais antigas, como publicado no livro *The World of the Adventist Teenager*, constata-se que 66% dos adolescentes adventistas dizem que a igreja não atende às suas necessidades espirituais (DUDLEY, 1990, p. 41).

Em seu livro *Why our teenagers leave the Church*, Roger I. Dudley (2000) apresenta uma pesquisa que desenvolveu ao longo de 10 anos com adolescentes adventistas norte-americanos. Constatou que após esse tempo, somente 55% frequenta a igreja regularmente, 45% devolve o dízimo com regularidade, 34% participa da Escola Sabatina, 25% faz parte de algum pequeno grupo ou grupo de estudo, 21% desenvolve alguma atividade onde pode compartilhar sua

fé (DUDLEY, 2000, p. 36). Em suma, nota-se o enfraquecimento da fé e da vida em comunidade.

Outro dado preocupante é o da regularidade devocional. No aspecto da oração pessoal, 59% faz diariamente, 23% semanalmente, 9% mensalmente, e 9% raramente ou nunca. Sobre leitura pessoal da Bíblia, 13% faz diariamente, 30% semanalmente, 21% mensalmente, e 36% raramente ou nunca (DUDLEY, 2000, p. 42). O quadro ainda fica mais complicado quando analisados outros pontos como leitura de livros cristãos e culto familiar. Um dado interessante é que, após a mãe, o pai, e um pastor em particular, os professores da Escola Adventista apareceram como as mais importantes influências para esses adolescentes: 50% disse isso (DUDLEY, 2000, p. 44).

76 Nota-se que os adolescentes adventistas veem a escola adventista, de certa forma, como uma força para sua vida espiritual. Isso seria potencializado se houvesse um encontro semanal com seus professores e colegas adventistas, num ambiente para falar se assuntos pertinentes à idade, numa linguagem de fácil compreensão?

No segundo caso, Dan Kimball (2011), em seu livro *Eles gostam de Jesus, mas não da igreja*, alguns dos motivos pelos quais a nova geração não sem interessa por religião e, especificamente, pela igreja são: 1) igreja é uma religião organizada com interesses políticos próprios; 2) A igreja é intolerante e negativista; 3) a igreja é dominada por homens e reprime as mulheres; 4) a igreja é homofóbica; 5) a igreja é arrogante ao afirmar que todas as outras religiões estão erradas; 6) A igreja está cheia de fundamentalistas que levam a Bíblia ao pé da letra (KIMBALL, 2011, p. 7).

Os alunos das escolas adventistas têm de duas a quatro aulas semanais de Ensino Religioso. Mas apesar da enxurrada de conteúdo, as

decisões continuam sendo poucas e esparsas. O preconceito com a religião e a igreja ainda são grandes, especialmente na fase da adolescência.

Kimball chama atenção para o princípio que geralmente usamos: “Crer e então pertencer”, onde geralmente ensinamos a doutrina e depois queremos levar a pessoa a fazer parte da igreja — um modelo típico usado na Educação Adventista. Mas ele alerta: “Na maioria dos casos, o pertencer antecede o crer na cultura emergente. Hoje as pessoas só passam a confiar e a compreender quando sentem que ‘pertencem’. Então, o Espírito se move, levando-as ao ponto de crer” (KIMBALL, 2011, p. 217). Nota-se a partir daí que os métodos de conversão que a Educação Adventista tem usado estão inversos à realidade da cultura emergente.

Nessa mesma ideia de “pertencer”, Kimball percebeu que apesar dessa nova geração não gostar da igreja, eles não se opõem a participar de uma igreja. O autor argumenta:

Essas pessoas estão abertas a fazer parte da comunidade de uma igreja, mas o convite para isso tem que surgir de um relacionamento de confiança. Não pode vir de um estranho que se dirija a elas na rua e entregue um folheto. Nem elas querem que um conhecido qualquer as pressione de maneira estranha a ir para a igreja. Se apenas tivermos disposição de entender o que mantém essas pessoas afastadas, ficaremos surpresos de descobrir a abertura que elas dão à igreja (KIMBALL, 2011, p. 233).

H. E. Carnack resume a tríplice meta do ensino religioso em três curtas frases: 1) levar o aluno a Cristo; 2) desenvolvê-lo em Cristo; 3) enviá-lo a trabalhar por Cristo (apud KNIGHT, 2002, p. 25). George

Knight coloca em outras palavras: “Assim o supremo objetivo da educação cristão em geral — levar jovens além da compreensão para o relacionamento, e além do relacionamento para o serviço”. (KNIGHT, 2002, p. 25) Knight alerta que “a educação adventista tem frequentemente ensinado teologia em vez de religião” (KNIGHT, 2002, p. 24).

Wolterstorff (apud KNIGHT, 2002, p. 27) também salienta que as escolas cristãs precisam progredir além do mero ensino de conhecimento e habilidades requeridas, para agir de maneira responsável, uma vez que os alunos podem assimilar ou aprender essas sem desenvolver a “tendência de se empenhar em tal ação”. Compete à escola também criar um espaço para o desenvolvimento prático da religião ensinada em sala, classes bíblicas e demais promoções religiosas. Não seria uma igreja formada pelos adolescentes, alunos da escola, uma alternativa importante para essa religião prática?

78

Segundo o livro *Igreja Simples*, “a igreja é organizada de maneira a conduzir as pessoas a níveis maiores de comprometimento e relacionamento” (RAINER; GEIGER, 2011, p. 113). Será que criar uma igreja formada exclusivamente pelos adolescentes da escola, seria uma forma eficaz para levar alunos a esse comprometimento e relacionamento? Essa foi a solução sugerida pelo Colégio Adventista do Centro Universitário Adventista de São Paulo Campus São Paulo. No início do ano letivo de 2014, iniciaram uma comunidade jovem formada com os alunos do Ensino Médio do colégio.

Sabe-se das incontáveis igrejas adventistas que têm uma escola ao lado. A questão é que essas comunidades não têm conexão com a escola. Em pesquisa com todas as Uniões da IASD do Brasil, constatou-se que a única igreja regular formada e voltada unicamente para

os alunos da Educação Adventista é a do Colégio Adventista UNASP, chamada de Comunidade YES. Os autores de “Igreja Simples” propõem que as igrejas adotem propósitos claros, curtos, que fiquem na mente dos membros e para os quais convertam todas as ações da igreja (RAINER; GEIGER, 2011, p. 106). Daí a escolha do tripé da comunidade YES: Integração, Evangelismo e Serviço (de onde encontramos as letras I-E-S, que resultaram no nome da comunidade: YES).

O “i” representa “integração”. Adolescentes precisam estar em contato com outros da mesma faixa etária, que tenham a mesma fé, mesmos princípios, de modo que se sintam solitários nessa fase tão conturbada. Essa integração não é possível durante a semana letiva, abarrotada de atividades e estudos. Dentro da Comunidade YES, o objetivo é promover não apenas os encontros semanais, que favorecem essa integração, mas também eventos recreativos, festas e projetos sociais que incentivam o relacionamento saudável entre os adolescentes. Jovens que não estão envolvidos com amigos cristãos facilmente sairão da igreja.

O “e” aponta para a palavra “evangelismo”. A escola é um grande campo evangelístico, visto que a estatística informa que 30% dos alunos é adventista e 70% é de outras religiões ou sem nenhuma filiação religiosa. A partir daí, a Comunidade YES é um lugar estratégico para receber esses alunos englobados nesses 70%, porque toda a programação é adequada à faixa etária, com temas relevantes e um formato mais informal, como um encontro de amigos. Os alunos adventistas sentem-se mais à vontade para convidar seus colegas de sala de aula. O Evangelismo faz parte da essência da comunidade. O “s” refere-se a “serviço”. É sabido da passividade e falta de envolvimento com as atividades da igreja, sobretudo adolescentes. Dentro

da Comunidade YES, o objetivo é que todos estejam envolvidos em um dos sete ministérios sobre os quais está dividida a comunidade. São eles:

- ◆ Ministério do Envolvimento, que coordenada não apenas a recepção, mas que conversa, faz amizade e convida os amigos durante a semana para o encontro do sábado seguinte.
- ◆ Ministério da Música, que coordena o louvor, a banda, músicas especiais, e leva os jovens a estarem em conexão com Deus.
- ◆ Ministério da Dramaturgia, que desenvolve, ensaia e apresenta peças teatrais ligadas ao tema.
- ◆ Ministério da Cenografia, responsável por montar o cenário de acordo com o tema que será apresentado.
- ◆ Ministério da Mídia, que gerencia a projeção e áudio dos encontros, bem como a publicidade e propaganda da comunidade.
- ◆ Ministério Social, responsável por desenvolver projetos assistenciais na comunidade.
- ◆ Ministério de Eventos, que promove os encontros sociais extra-igreja, festas temáticas e encontros esportivos.

## Considerações finais

Pode-se concluir que jovens que não estão integrados, trazendo seus amigos para a igreja e não estão servindo em alguma causa, mais facilmente irão abandonar a igreja. No caso de adolescentes da rede adventista de educação, com maioria de alunos sem religião ou de outras denominações, faz-se necessário o uso de ferramentas que permitam a prática dos conteúdos teológicos aprendidos em sala de aula. No caso específico do Colégio do Centro Universitário Adventista de São Paulo, esse espaço para o desenvolvimento dos conteúdos das aulas de ensino religioso foi a Comunidade YES, igreja voltada exclusivamente para alunos, permitindo integração, evangelismo e serviço. Com certeza esse não é o único modelo de espaço para a prática da religião, desenvolvendo a teologia apresentada em sala de aula. Outras formas e projetos devem ser buscados para que essa interação teologia versus prática seja real na Educação Adventista, de modo que o objetivo primordial seja alcançado: a conversão dos alunos.

81

## Referências

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

DUDLEY, R. L. **The world of the adventist teenager**. Washington: Review and Herald, 1990.

DUDLEY, R. L. **Why our teenagers leave the Church.** Hagerstown: Review and Herald, 2000.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus mas não da igreja:** insights das gerações emergentes sobre a igreja. São Paulo: Vida, 2011.

KINNAMAN, D. **You lost me:** why young christians are leaving the church and rethinking faith. Grand Rapids: Baker Books, 2011.

KNIGHT, G. R. Ensino de Religião versus Ensino de Teologia: um destaque desequilibrado? **Revista de Educação Adventista**, n. 15, 2002.

KNIGHT, G. R. **Mitos na educação Adventista:** um estudo interpretativo da educação nos de Ellen G. White. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2010.

RAINER, T. S.; GEIGER, E. **Igreja Simples:** retornando ao processo de Deus para fazer discípulos. Brasília: Editora Palavra, 2011.

# A capelania e o ateísmo

Daniel Meder<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** o capelão é o ministro encarregado pelo serviço religioso em um ambiente secular como, por exemplo, o exército, o congresso ou uma escola. Ou seja, enquanto um líder religioso responsável por cuidar de um templo e seus fiéis, atende às necessidades de pessoas religiosas que buscam o crescimento e aperfeiçoamento em sua fé, o capelão lida diretamente com pessoas em um ambiente secularizado, onde a espiritualidade não é a principal preocupação.

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: danisan7@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

**Palavras- chave:** Capelania; Ateísmo; Escola.

**Abstract:** The chaplain is the minister in charge of the religious service in a secular environment like, for example, the army, the congress or a school. In other words, while a religious leader is in charge of a temple and its members, attending the needs of religious people that seek improvement and growth in their faith, the chaplain deals directly with people in a secular environment, where the spirituality is not the main concernment.

**Keyword:** Chaplaincy; Atheism; School

## Introdução

As pessoas que se dirigem a uma igreja estão em busca de uma mensagem espiritual, um encontro com Deus ou, na pior das hipóteses, mesmo que não busquem nada, sabem o que esperar daquele momento e ambiente. Já o capelão, trabalha em um território diferente, não especificamente espiritual. O objetivo da instituição (hospital, escola, empresa) tem como prioridade uma atividade secular. O exército, por exemplo, não define sua existência pelo conforto espiritual. Um hospital tem como objetivo ajudar as pessoas a terem suas dificuldades físicas amenizadas ou curadas. Uma escola recebe suas mensalidades de pais e alunos que buscam o conhecimento em uma determinada área que o ajudará a conseguir um emprego e sustentar sua família.

Por essas razões, mais do que no ministro de uma congregação, o capelão entra em contato direto com a indiferença ou mesmo a hostilidade de alguns em relação ao espiritual. Uma boa parte dessa indiferença vem de ateus ou agnósticos. Este capítulo tem como objetivo levar o leitor a compreender a definição e o crescimento do ateísmo ao redor do mundo, bem como suas principais características. O leitor poderá também se familiarizar com as principais razões pelas quais alguém toma a decisão de se tornar ateu ou agnóstico, bem como abordar tais motivos. Por fim, buscaremos abordar diferentes formas para o capelão de colégio lidar com o crescente pensamento ateu e agnóstico em sala de aula.

## O que é ateísmo e agnosticismo?

85

De acordo com o dicionário Aurélio, ateu é a pessoa que nega ou simplesmente não acredita na existência de Deus ou de alguma divindade. Já o agnóstico declara o absoluto inacessível ou indiferente ao espírito humano (FERREIRA, 1988).

O número de pessoas que se dizem ateus tem crescido significativamente. Segundo *Phil Zuckerman (2007, p. 5)*,

a Suécia está na liderança com 85% de sua população se autodenominando ateus. Com uma população de quase 9 milhões de habitantes, 7,6 milhões se dizem ateus. A Dinamarca vem em segundo lugar com 80% da população do país dizendo que não acredita em Deus ou qualquer divindade. O terceiro país da lista também se encontra na Escandinávia. A Noruega possui 72% de sua população também dizendo ser ateu.

**Tabela 1:** Países com maior porcentagem de ateus

País	População	Ateus	Porcentagem
Suécia	8,9 milhões	7,6 milhões	85%
Dinamarca	5,4 milhões	4,3 milhões	80%
Noruega	4,5 milhões	3,2 milhões	72%
Japão	127 milhões	82 milhões	65%
República Tcheca	10 milhões	6,2 milhões	61%
França	60,4 milhões	32,6 milhões	54%
Coreia do Sul	48,5 milhões	25,2 milhões	52%

*Fonte: Zuckerman (2007).*

86

O Brasil se encontra em quarto lugar no ranking de países com alguma crença no divino.

**Tabela 2:** Porcentagem de pessoas com alguma crença

País	Porcentagem de pessoas com alguma crença
Itália	90%
Filipinas	80%
México	76%
Brasil	73%

*Fonte: Zuckerman (2007).*

A mesma pesquisa mostrou 11% da população mundial se diz ateu. Desse grupo, 56% são homens e 44% são mulheres, sendo que a maioria se encontra na idade entre 18 e 34 anos.

**Tabela 3:** Porcentagem de ateus por idade

18 e 34 anos	54%
35 e 49 anos	24%
50 a 64 anos	15%
65 anos	7%

*Fonte: Zuckerman (2007).*

87

## **Categorias do ateísmo e agnosticismo**

Grande parte das pessoas que se dizem ateus professaram, no passado, algum tipo de fé na divindade, porém em algum momento da vida deixaram de crer, ou apostataram da fé. Benjamin Beit-Hallahmi define apostasia como “desafeto, alienação, desengajamento, descompromisso, desfiliação de um grupo religioso” (BEIT-HALLAHMI, 2009, p. 302). David Caplovitz e Sherrow (1977) dizem que apostasia não se resume apenas à perda da fé, mas também à “rejeição de uma comunidade religiosa específica como base da identificação própria do indivíduo” (CAPLOVITZ; SHERROW, 1977, p. 30-31).

Da mesma forma que ocorre com as denominações religiosas os ateus também podem ser divididos em algumas categorias dependendo das formas e razões pelas quais eles começaram a se distanciar de sua antiga fé.

De acordo com Armand Mauss (2000) a apostasia, ou distanciamento de sua fé, pode ser:

Intelectual, quando a pessoa simplesmente passa a deixar de acreditar; Social, quando a pessoa começa por se distanciar de sua comunidade religiosa; Emocional, quando o distanciamento ocorre devido a decepções em relação às pessoas de sua comunidade ou doutrinas de sua denominação (MAUSS, 2000).

Merlin Brinkerhoff e Kathrin Burke (1980) classificam a apostasia em outras três formas:

Ritualistas, quando a pessoa começa a perder sua fé, porém ainda continua participando das cerimônias de sua comunidade devido ao fator social; Excluídos, quando a pessoa ainda crê, porém se distancia completamente do convívio de sua comunidade religiosa; Apóstata verdadeiro, quando a pessoa perde completamente sua fé e como resultado se afasta de sua comunidade religiosa (BRINKERHOFF; BURKE, 1980).

Na maioria dos casos, a transição de uma pessoa religiosa para o ateísmo se dá gradualmente, de forma quase imperceptível.

De acordo com Zuckerman (2012) a apostasia pode ser antecipada ou tardia na vida de um indivíduo.

A apostasia antecipada ocorre quando a criança cresce em um lar onde a religião faz parte do dia a dia. Nesse caso a criança não tem escolha e sua religiosidade ocorre simplesmente por inércia em seu ambiente de desenvolvimento. Ao chegar à adolescência, quando esse indivíduo começa a desenvolver sua individualidade e sua maneira própria de pensar, interpretar a vida e tomar decisões, ele percebe que sua religiosidade não passava de uma extensão da religiosidade de sua família. Ao não encontrar suas próprias razões para prosseguir na crença de seus pais ele a abandona. Conforme Pasquale (2010), essa forma de apostasia é a mais comum entre os ateus e acontece antes dos 22 anos de idade.

A apostasia tardia é aquela que ocorre quando o indivíduo já é adulto. Ele decidiu seguir uma religião, uma crença, quando já maduro e anos depois ele chega à conclusão de que não o fará mais. Esse tipo de apostasia entre ateus é mais raro.

Há também a apostasia superficial e apostasia profunda, sendo que a primeira se dá quando a pessoa se desliga de sua comunidade religiosa e suas crenças, porém continua crendo em “alguma coisa” ou se denominando espiritual. Já a apostasia profunda se refere ao indivíduo que rompe completamente seus laços com sua comunidade religiosa, não se considera espiritual e não tem nenhum interesse em participar de qualquer evento que pode ser considerado religioso.

A profundidade da rejeição de um indivíduo em relação a sua religiosidade pode variar. E, dependendo dessa variação, podemos ter diferentes maneiras de lidar com ele.

## Motivos mais comuns pelos quais alguém rejeita a religião e a abordagem por parte do capelão

A apostasia normalmente não acontece de um momento para o outro. Não é uma decisão espontânea e imediata. Mesmo que uma ou outra pessoa tenha decidido deixar sua crença em um momento específico, a maioria das pessoas diz ser uma transformação gradual.

Também não há um fator único que leva a pessoa à decisão de se afastar completamente de sua fé, mas um conjunto de fatores que, com o tempo, amadurece na mente.

Um apóstata também não necessariamente precisa ser um completo ateu. Muitos se denominam agnósticos e simplesmente deixam de se preocupar com a busca do divino.

Veremos a seguir os principais fatores que fazem parte do conjunto de razões para que uma pessoa deixe suas crenças.

### Religiosidade dos pais

De acordo com o sociólogo Stephen Hunt (2005), a probabilidade de uma pessoa permanecer em sua crença é maior quando ambos os pais são ativos em suas crenças. Caso um dos pais seja ativamente religioso e o outro seja morno ou descrente, as chances de os filhos desse casal abandonarem a fé serão muito maiores.

Para uma abordagem eficaz nessa situação o capelão deverá ter um conhecimento da família daqueles alunos com quem trabalha.

No caso de pais que estão mornos na fé (ou mesmo apenas um deles estar morno na fé), trazer à tona o assunto da influência desse mornidão nas decisões futuras de seus filhos fará uma grande diferença em relação à motivação do pai ou mãe para se firmar na fé. Muitas das decisões dos pais são tomadas em função do futuro dos filhos. Deixar isso claro pode ser o único caminho para o futuro da fé dos filhos, e muitas vezes, de toda a família.

## Educação

Muitas crianças e adolescentes possuem uma fé relativamente forte quando estão protegidos dentro de um ambiente familiar, sem muitas perguntas ou mesmo desafios em relação as suas crenças. Mas quando precisam sair desse ambiente confortável para estudarem ou mesmo trabalharem, se deparam com uma realidade completamente diferente, e como consequência, novas perguntas e questionamentos. Muitas dessas pessoas não conseguem responder aos novos questionamentos e acabam perdendo a fé que passa a ser considerada como resultado de credices e falta de cultura. Dessa forma, muitas vezes o cristianismo é visto como atrasado, anticientífico e sinônimo de baixo nível cultural e intelectual. Esse fator se torna ainda mais nocivo quando os líderes religiosos, ou mesmo a família de tais pessoas, pedem para que eles se retirem de tais ambientes ou se isolem de tais questionamentos para não perderem a fé. Esse pedido simplesmente aumenta a ideia de que a fé cristã só sobrevive em um ambiente onde

não há questionamentos, cultura, conhecimento ou mesmo ciência. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Para evitar esse tipo de pensamento, o capelão deve, desde cedo, levar seus alunos a um senso crítico da sua própria fé. Principalmente aqueles que trabalham com alunos de ensino fundamental e ensino médio devem desafiá-los a defenderem suas crenças diante de diferentes questionamentos e argumentos.

Nem mesmo Jesus pediu para que Seus discípulos tivessem uma fé cega. Em João 1:38 e 39 dois discípulos fazem uma pergunta para Jesus, mas Ele não simplesmente responde e exige que eles creiam nEle. Nesse momento, Jesus ainda era completamente desconhecido e está disposto a responder às perguntas das pessoas com fatos e provas. Então Ele responde: “Vinde e vede.” O texto diz que eles foram, viram e ficaram com Jesus aquele dia. Jesus não apenas dá a resposta, mas quer que eles adquiram a resposta, que tenham certeza dela, uma certeza baseada em conhecimento e não falta dele.

Em João 1:46 Natanael não acredita nas palavras de Filipe sobre Jesus. Então Felipe diz: “Vem e vê”.

Muitas vezes, exigimos que as pessoas creiam simplesmente porque nós cremos. O capelão deve ter em mente que, para muitos, a fé precisa ser desenvolvida a partir do básico. E, de acordo com o exemplo de Jesus, levando o aluno a querer vir e ver. Dessa forma, a pessoa terá acesso à maior conhecimento e cultura, a fim de ter uma base para sua fé.

Vemos outro exemplo da busca de uma fé com base na história de João Batista. Ele era o próprio primo de Jesus, que já havia pregado

por tanto tempo, que havia sido o primeiro a identificar Jesus como Cordeiro de Deus, que havia batizado Jesus, que havia visto o Espírito Santo descer sobre Ele. Mas então ele é preso. Jesus continua fazendo Seu trabalho e não vem resolver o problema de João. Os discípulos de João passam a trazer informações sobre Jesus para João (Lucas 7:18). Sua fé começa a ser abalada. Ele precisa de mais provas. Ele precisa de mais confirmações. Questionamentos invadem sua mente. Alguns trazidos por seus discípulos, outros nasceram ali mesmo. Então João resolve desabafar. Ele envia seus discípulos para perguntarem a Jesus: “És Tu o Messias, ou devemos esperar outro?” (Lc 7:19).

Mas quando os discípulos de João se aproximam de Jesus e fazem a pergunta, Jesus não se irrita. Ele não cobra uma fé que João não tinha. Ele simplesmente diz “Vem e vê.” O verso 21 diz que Jesus continuou trabalhando e aparentemente os discípulos de João ficaram ali assistindo. Depois de certo tempo, Jesus se volta para eles e não dá uma resposta, mas simplesmente coloca em palavras o que eles haviam testemunhado. “Agora vão e contem a João.” Jesus não exigiu que João acreditasse, mas pediu que ele usasse sua liberdade de escolha e sua razão para decidir em que acreditar.

O capelão escolar deve fazer o papel dos discípulos de João, ele deve receber de Cristo e levar aos alunos a realidade sobre o Messias, nunca exigindo uma fé cega por parte deles, muitos menos crendices e tradições, mas levando os alunos a conhecerem a Jesus.

O exemplo mais forte de uma fé baseada em educação e informação é encontrado em Lucas 24. Quando os dois discípulos caminhavam em direção à Emaús estavam tristes, pois Jesus havia morrido. De repente,

um estranho se junta a eles e pergunta a razão daquela tristeza. De forma aparentemente grosseira, os dois repreendem aquele desconhecido. “Você é o único que não sabe o que aconteceu por aqui?” E aquele homem paciente, aceitando a reprovação em silêncio, pede para que eles contem a ele. Diante de uma tristeza tão grande, por que Jesus esconde sua identidade? Por que Jesus, o Todo Poderoso, não termina de uma vez por todas com esse sofrimento? Jesus passa horas naquele caminho ouvindo tudo o que Ele já sabia e então explicando as profecias para aqueles dois discípulos. Mais tarde, quando eles O convidam para jantar com eles, ao partir o pão, eles O reconhecem. Jesus poderia ter Se revelado antes, mas Ele queria basear a fé daqueles homens nas evidências das Escrituras. Ele não esperava simplesmente a euforia da revelação, mas a certeza da razão, baseada em provas. Depois daquela tarde, os dois homens teriam uma fé muito mais fortalecida, pois essa fé fazia mais sentido do que nunca.

94

O capelão deve fazer o aluno se perguntar sobre a razão de sua fé. Debates entre grupos de alunos é uma ótima forma para fazer com que eles entrem em contato com questionamentos e busquem sair deles. Caso os alunos não tenham conteúdo para gerar os questionamentos, o capelão deve fazê-lo. E então dirigir o grupo de alunos para responderem a tais questionamentos.

## **A Questão do Sofrimento**

Em muitos casos o indivíduo que passa por dificuldades grandes como perda de um ente querido, doença, traição por alguém em quem

confiava, pergunta para si mesmo sobre a realidade da existência de Deus. Afinal, se Deus pode tudo e me ama, por que me deixa passar por tais sofrimentos? Logo, se estou sofrendo dessa forma, concluo que Deus não existe ou não se importa. (LEWIS, 1940).

Devemos manter em mente que o objetivo do inimigo de Deus é atribuir a Deus as consequências de suas próprias ações. O sofrimento é o resultado das decisões que tomamos e as consequências delas e não dos caprichos do Criador.

Deus criou leis que devem funcionar para manter a ordem no Universo. Se eu resolvo pular de um prédio, Deus pode me salvar das consequências da minha decisão errada, mas caso Ele decida fazer isso e anular a lei da gravidade para me livrar do resultado do meu próprio ato, a falta de gravidade irá causar enormes danos ao ambiente, pássaros, peixes, pessoas que estão utilizando máquinas que dependem das leis da física etc. Tais danos seriam infringidos a pessoas que não escolheram pular de um prédio. Logo, Deus pode resolver o meu problema, mas ele irá decidir aquilo que é melhor para a humanidade e não apenas para mim.

Além disso, há o problema da acusação do diabo de que Deus impõe certas coisas. Ao permitir que o mundo veja as consequências de suas ações, Ele está nos dando liberdade para colhermos o que plantamos. Quando plantamos o pecado, colhemos o sofrimento e a morte.

Mesmo assim, Deus não nos deixou à mercê de tais resultados. Ele pagou o preço dessas decisões com sua própria morte. Ele sofreu a morte eterna para nos dar a chance de termos a vida eterna. Logo, quando sofremos e perguntamos onde Deus está, quando temos dor

e perguntamos o motivo, quando vemos pessoas inocentes sofrendo, podemos encontrar a resposta sobre onde Deus está ao olharmos para a cruz. Ele passou muito mais do que qualquer ser humano poderia imaginar para resolver o problema da consequência do meu pecado. Na cruz Jesus fez com que meu sofrimento, dor, saudade [...] sejam temporários. Quando nossa dor imensa nos leva a questionar a existência de Deus, podemos ter a certeza de que a dor de Jesus Cristo foi maior, para que a minha pudesse ser passageira.

## Contato com outras Culturas e Tradições

96

Algumas pessoas, ao entrarem em contato com outras religiões, outras culturas, outros povos, passam a questionar suas próprias crenças. Por que determinada ação é considerada pecado em uma cultura e não é considerada em outra? Por que usar tais roupas e acessórios pode ser considerado normal em um país, porém um pecado grave em outro? Quem pode dizer qual país, cultura ou crença estão certos e quais estão errados?

O capelão deve deixar clara a diferença entre princípios e tradições para os alunos, de forma que eles tenham capacidade de análise quando expostos a diferentes influências. Tradição é um conjunto de costumes que variam de acordo com o lugar, a época ou mesmo a cultura de um país. Muitas vezes elas são usadas para proteger um princípio.

Podemos citar como exemplo a forma que os fariseus usavam para lavar as mãos antes das refeições. Lavar as mãos para comer

sempre foi higiênico, porém eles chegam a reclamar com Jesus porque seus discípulos não lavavam as mãos sete vezes. Eles haviam ido além do princípio de higiene e criaram uma tradição para proteger o princípio, que agora estava sendo seguida como se fosse o próprio princípio. Ou seja, eles julgavam ser pecado o não lavar as mãos sete vezes antes das refeições. Aquilo havia se tornado sagrado para eles.

Em outro momento podemos ver pessoas que deixam de ir a uma igreja porque não estão propriamente vestidas. O uso da saia para mulheres foi instituído como forma de decoro em uma época em que a calça era mal vista. O uso da saia na igreja era a tradição. O decoro era o princípio. Mas quando tratamos a tradição como se fosse princípio, cairemos no problema do julgamento superficial e deixaremos de lado o verdadeiro significado do cristianismo.

## Exemplos

Muitos acabam deixando sua fé devido à admiração que possuem por determinadas pessoas. Tais pessoas podem ser amigas, parentes, professores, colegas de trabalho. Quando admiramos alguém temos a tendência de valorizar ainda mais aquilo que tal pessoa nos diz ou demonstra.

Por isso o capelão deve ser um exemplo para seus alunos. Ao ser admirado, suas aulas serão mais bem absorvidas e suas atitudes serão copiadas. Seus convites e apelos terão mais energia e sua presença será buscada. Não se trata de estrelismo banal e muito menos de orgulho

superficial, mas para movimentar uma juventude o capelão necessita ser amado por ela. Deve ser agradável, atualizado, entender a linguagem dos alunos e ao mesmo tempo ser capaz de ter sua própria linguagem para atraí-los a Cristo. Deve ser original, mas entender o pensamento de massa. Deve exigir respeito, porem através de suas atitudes e sua presença. E ao mesmo tempo, deve fazer com que as pessoas se sintam a vontade a sua volta a ponto de abrirem o coração.

## Leis e Regras

98

Muitos jovens vivem uma vida angustiante enquanto lutam arduamente para cumprirem todas as leis “impostas” por Deus e pela igreja. Enquanto isso, outros vivem com um profundo sentimento de culpa devido às leis e regras que simplesmente não conseguiram cumprir. Um terceiro grupo decide não viver com tal luta ou culpa e deixam a fé para sempre. Podemos perceber que os três grupos estão sofrendo porque possuem uma visão distorcida de Deus e Suas leis. Parte dessa culpa está na maneira como aprendemos sobre Deus e na forma como enxergamos autoridade.

As leis de Deus fazem parte de um conjunto de conselhos para uma vida melhor. Deus nunca obrigou ninguém a fazer nada, e exatamente por isso Lúcifer teve a liberdade para escolher andar no seu próprio caminho. Mas como um Pai Amoroso, Deus nos aconselha sobre qual caminho seguir e qual caminho não seguir, pois nos trará consequências ruins. Essas leis não devem ser vistas como conjunto

de testes para eliminar candidatos ao céu, mas conselhos amorosos de um Pai preocupado. O capelão deve modelar a visão errônea que muitos alunos possuem das leis de Deus.

## Medo do Autoritarismo de Deus

A linguagem, aparentemente autoritária, usada por Deus no Antigo Testamento, não necessariamente reflete o caráter de Deus, mas reflete o caráter do povo de Deus. Naquela época, quando o povo ia do Egito à Terra de Canaã, a única linguagem que um povo que havia sido escravo por 430 anos entendia, era a linguagem curta, direta e prática.

Mais tarde, no Novo Testamento, Jesus vem demonstrar de forma mais profunda o caráter de Deus. Na vida de Jesus podemos ver a aceitação, carinho, sabedoria e ao mesmo tempo determinação. Pessoas O seguem porque querem e não por serem obrigadas. Quando um grupo de pessoas acha difícil o que Jesus ensina, eles simplesmente vão embora e Jesus permite. Quando Jesus chora e diz que tentou juntar Seu povo sob Suas asas, Ele chora porque as pessoas usaram de sua liberdade para rejeitarem a proteção de Deus. E Ele permite que elas exerçam o livre arbítrio.

Quando os alunos percebem que as leis de Deus são simplesmente o mapa para se ter uma vida ao lado de Deus, perceberão que aquilo que julgavam imposição não passava de convites. E convites são mais chamativos do que regras.

## **Evolucionismo X Criacionismo**

No passado muitas pessoas buscavam usar o evolucionismo para combater o criacionismo e a ideia da existência de Deus. Porém, cada vez mais a ciência tem se mostrado perfeitamente compatível com a Bíblia.

O capelão deve estar bem informado sobre estudos feitos no campo da ciência que ajudam a mostrar a veracidade das Escrituras. Um grande número de livros, sites e institutos estão disponíveis para estudo e pesquisa. Congressos sobre criacionismos e capelas especiais sobre o assunto podem ajudar tanto alunos como pais a se familiarizarem com o assunto, bem como perceberem o crescente número de cientistas criacionistas e cristãos.

100

## **Considerações Finais**

Por trabalhar em um ambiente secular, muitas vezes o capelão terá que alcançar as pessoas onde elas estão, ao invés de esperar que elas venham até ele. Neste capítulo abordamos a definição de ateísmo e agnosticismo, bem como as principais causas para a apostasia e a aversão à religião.

Ao trabalhar com tais barreiras o capelão poderá, com cuidado e empatia, mostrar ao aluno que elas são desnecessárias e assim, colocar uma base em sua vida para que sua decisão por Cristo possa ser forte e permanente.

## Referencias

BEIT-HALLAHMI, B. Morality and Immorality among the Irreligious. In: ZUCKERMAN, P. **Atheism and secularity**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2009.

BRINKERHOFF, M.; KATHRYN, B. Some notes on falling from faith. **Sociological Analysis**, v.1, n. 41, p. 41-54, 1980.

CAPLOVITZ, D.; SHERROW, F. **The religious drop-outs**. Londres: Sage Publications, 1977.

FERREIRA, A. H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

HUNT, S. **Religion and every day life**. Londres: Routledge Publishing, 2005.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. Londres: W. Collins Sons & Co. Ltd. Londres, 1940.

MAUSS, A. Dimensions of Religious Defections. **Review of Religious Research**, v. 3, n. 10, p. 128-135, 2000.

PASQUALE, F. A Portrait of Secular Group Affiliates. **Atheism and Secularity**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010. v. 1.

ZUCKERMAN, P. **Cambridge Companion to Atheism**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Faith no More**. New York: Oxford University Press, 2012.

# O perfil do capelão frente a filosofia da educação adventista

Elber Rizziolli Domingos<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** Na atualidade, é possível observar a crescente necessidade que existe em se definir o perfil de um profissional, levando em conta as consequências da pós-modernidade, sem deixar de lado os princípios e valores do empregador. Nas escolas adventistas que

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: elber.domingos@unasp.edu.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

possuem um capelão, esta necessidade não é diferente, ainda mais se for considerado o fato de não existir muito material escrito sobre o assunto. O presente artigo tenta preencher um pouco desta lacuna, discutindo as categorias nas quais o capelão atua, e propondo a existência de basicamente três delas, sendo (1) categoria do professor; (2) categoria do facilitador e (3) categoria do membro de igreja líder. Cada uma destas categorias possui suas temáticas próprias e suas atribuições, as quais são colocadas de forma sucinta. O leitor perceberá que não é objetivo deste artigo colocar uma lista exaustiva das diversas reponsabilidades que um capelão poderia ter, mas sim de guiar a discussão para compreender a necessidade de trabalhar princípios norteadores das funções de Capelania. Sendo assim, o trabalho exercido para a elaboração e delimitação das atribuições do capelão se tornam mais simples e práticas.

104

**Palavras-chave:** Capelão; Capelania; Filosofia da educação adventista; Escola adventista.

**Abstract:** Nowadays you can see the growing need that exists in defining the profile of a professional, taking into account the consequences of post-modernity without forgetting the principles and values of the employer. In Adventist schools that have a chaplain, this need is no different. This article attempts to fill some of this gap, discussing the categories in which the chaplain works, and proposing the existence of basically three of them, being (1) category of the teacher; (2) category of the facilitator and (3) leader church member category. Each

category has its own theme and its functions, which are put succinctly. The reader will notice that it is not the objective of this article to present an exhaustive list of the various responsibilities a chaplain could have, but to guide the discussion to understand the need to work guiding principles of chaplaincy duties.

**Keyword:** Chaplain; Chaplaincy; Philosophy of adventist education; Adventist school.

## Introdução

Definir o perfil de qualquer profissão é uma tarefa complexa, ainda mais quando se entende que o ser humano está vivendo num momento de pluralidade cultural, onde o profissional deve estar preparado para uma diversidade de conflitos (TODD, 2011). Saber interpretar corretamente as funções do profissional é de suma importância para o bom andamento da profissão, pois o leva a entender e realizar suas tarefas de maneira mais prática e coerente.

Bernardo Pina<sup>4</sup> explica que para se definir o perfil de qualquer profissional se faz necessário primeiramente identificar as categorias de ação profissional, onde serão definidas as diversas esferas de ação e as consequências das mesmas para o público alvo. Em segundo lugar, deve-se definir as temáticas abordadas por cada categoria.

.....  
<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2qr4VQh>>. Acesso em: 5 de outubro de 2014.

Sendo assim, quando se tem a categoria conseqüentemente se define as temáticas da mesma. O terceiro passo consiste em atribuir funções para cada temática, a fim de que o profissional saiba o que realizar na categoria que lhe seja designada. É bom lembrar que as ferramentas para a execução do trabalho e o ambiente correto são necessidades primordiais para a realização da função. O quarto passo ressalta a necessidade de buscar pessoas preparadas para desempenhar tais tarefas, as quais possuam uma formação acadêmica coerente.

A definição das categorias, temáticas e atribuições relacionadas ao capelão é um grande desafio para a Capelania escolar adventista, pois, com o pouco material escrito sobre o tema, torna-se mais trabalhoso definir o perfil ideal do capelão. Neste mesmo contexto, pode-se acrescentar a complexidade que existe na elaboração do perfil ao examinar-se a filosofia da educação adventista frente à contextualização pós-moderna. Douglas Reis<sup>5</sup> sugere que o contexto pós-moderno resulta em gerações de pessoas voltadas aos valores momentâneos, sem se preocupar com as conseqüências a longo prazo. Este pensamento diverge da filosofia educacional adventista, onde os valores ensinados devem ser de tal forma arraigados, que produzam frutos para o serviço na Terra e para a vida eterna (WHITE, 1977). Por conta destes fatores é que se pode visualizar e projetar os possíveis problemas concernentes ao trabalho do capelão.

A filosofia da educação adventista, elaborada por sua precursora, Ellen G. White, não trata especificamente do processo de definição

.....  
<sup>5</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2pjSlSN>>. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

do perfil do capelão (VIEIRA, 2007). Este processo, na verdade, é retirado das características atribuídas ao professor de Bíblia, ao qual são designadas várias responsabilidades. Dentre as características citadas por White, podemos destacar que o professor de Bíblia (1) deveria ser perfeito estudante da Bíblia; (2) deveria ser um cristão exemplar e devoto e (3) não deveria ser um jovem instável no caráter e sim um homem cujo o comportamento seja constante e meritório (CADWALLADER, 1993). Estas três características resumem bem o alto valor dado ao professor de Bíblia.

O professor de uma escola adventista assume o papel de pastor na missão de restaurar a imagem de Deus nos alunos como prioridade de seu trabalho (KNIGHT, 2010). Tamanha responsabilidade não poderia ser diferente para com o capelão, que assume não apenas a posição de professor, mas especialmente a de pastor, cuidando dos estudantes, docentes, pessoal técnico e administrativo, como também contribui de maneira efetiva para o desenvolvimento espiritual da escola (VIEIRA, 2007).

O capelão depende de uma boa definição das suas funções para que, ao ser cobrado, ele possa gerar os resultados esperados pela liderança. Não existe forma de se cobrar sem antes ter em mente o formato adequado das atribuições, que são parte integrante de uma filosofia mais ampla vinculada à educação adventista. Também não é possível realizar o trabalho sem antes preparar o caminho para que o mesmo seja executado, permitindo que o capelão realize seu dever com liberdade, sem precisar se preocupar com possíveis problemas que não deveriam estar sobre sua responsabilidade. Esta

responsabilidade deve estar inteiramente voltada e focada nos deveres e na missão a ser desempenhada.

## Desenvolvimento

O mundo está cada vez mais globalizado, possibilitando que as mudanças aconteçam de forma rápida. Segundo Eduardo Vieira (2007, p. 26), o nosso planeta

tornou-se quase do tamanho de uma bola de golfe, facilitando uma interligação crescente entre as pessoas de todos os cantos do planeta, onde as distâncias geográficas entre as diversas culturas tornaram-se insignificantes com os grandes meios de transporte e das tecnologias de comunicação (grifo nosso).

108

A facilidade que existe na interligação das pessoas é uma das características que mais tem influenciado diretamente a forma de se enxergar o trabalho em qualquer profissão. Quando se define o perfil de um profissional deve ser levado em conta este fator predominante. Ao se fazer a análise do perfil do capelão, é necessário reconhecer o fato de que todos que estiverem na esfera de ação do mesmo estão inseridos num contexto globalizado. Portanto, toda a análise do perfil estará sendo feita considerando estes aspectos pós-modernos.

Ellen G. White (1977) sugere diversas atividades para o professor de Bíblia, colocando-o numa posição de grande influência para com os alunos. Desta forma, pode-se considerar que uma importante

categoria de atuação de um capelão está vinculada ao seu envolvimento no ensino e educação dos alunos. White (1977, p.187) acrescenta que “Não menos eficiente será hoje o ensino da Palavra de Deus, se encontrar um reflexo assim tão fiel na vida do ensinador”. Esta categoria é importante, pois mostra a necessidade do capelão de estar em contato com os alunos não somente nos ambientes comuns de uma escola, mas também na sala de aula.

Dentro da categoria de professor, as temáticas são os aspectos que fazem do professor um bom profissional, e as atribuições são as responsabilidades que acarretam por ser um professor como, por exemplo, preparação de aulas, apresentação de aulas com recursos que captem a atenção dos alunos. Cadwallader (1993) afirma que o professor deve ensinar a Bíblia de forma simples para que seja bem compreendida, e que o objetivo maior é “moldar o caráter e influenciar a crença e o comportamento” (CADWALLADER, 1993, p. 347). Faz-se necessário um estudo aprofundado das temáticas de um bom professor e conseqüentemente de suas atribuições, o que não é o objetivo deste artigo.

George R. Knight (2010) encontra a harmonia do ‘ser professor’ com a filosofia da educação adventista quando diz que

Os professores cristãos são agentes de reconciliação. São indivíduos que estão em busca de “procurar e salvar o que está perdido”. São pessoas desejosas de trabalhar no Espírito de Cristo, para que seus alunos possam ser trazidos à harmonia com Deus através do sacrifício de Jesus e serem restaurados à imagem de Deus (KNIGHT, 2010, p. 180).

O autor descreve, em outras palavras, o que qualquer professor cristão deveria fazer, mas está especialmente designado ao professor de Bíblia e, conseqüentemente, ao capelão. Não se pode deixar de notar que estas atribuições são também atribuições de um pastor. Este é um dos fatores que tornam o capelão ainda mais responsável, pois, para se desempenhar tais tarefas, o ideal é que o mesmo tivesse uma formação acadêmica que corresponda à função, ou seja, uma formação não apenas pedagógica, mas teológica.

Vieira (2007) aprofunda o tema ressaltando que o capelão não poderia ser apenas professor, pois ele também é responsável em ajudar a escola em sua cosmovisão. Ajudar na cosmovisão significa prover meios para que o aluno vivencie e reflita o modo como a escola enxerga o mundo. De forma prática, pode-se considerar que outra categoria importante do capelão é prover meios para que os alunos vivenciem a cosmovisão cristã, que busca “inverter os efeitos da queda e reestabelecer a dignidade e os propósitos originais da humanidade” (VIEIRA, 2007, p. 32).

Para que o capelão consiga prover esses meios, ele necessita ter tempo livre para desenvolver e aplicar projetos que façam os alunos vivenciarem a cosmovisão. Knight (2010) sugere quatro temáticas que podem atribuir à categoria de prover meios de vivenciar a cosmovisão, sendo (1) criar meios de desenvolver uma mente cristã; (2) criar meios de desenvolver a responsabilidade social; (3) criar meios de desenvolver a saúde física e (4) criar meios de desenvolvimento para o mundo do trabalho. Todas estas temáticas resultam na finalidade de servir a Deus e aos outros, tanto aqui na Terra quanto no Céu. O desafio do

capelão encontra-se no fato de saber aproveitar estas temáticas e criar projetos que envolvam holisticamente todas elas.

As atribuições para cada temática podem ser variadas, pois cada capelão possui uma forma de trabalhar, mas não se pode ignorar a importância de formar uma equipe de trabalho. David Pohlmann (2013) afirma que uma equipe de capelania faz um trabalho muito melhor e mais eficiente não apenas para a escola, mas para toda a comunidade. O autor ressalta que a equipe pode ser formada por (1) o capelão ou capelães; (2) outros colaboradores de interesse, como professores de matérias afins e (3) líderes da igreja local, como o pastor. Esta equipe tem como responsabilidade primordial apoiar o capelão nos projetos, fazendo com que esses projetos não se estendam apenas à escola, mas também à comunidade, como pais de alunos e até membros de igreja. Assim sendo, o capelão pode se concentrar em treinar equipes, apoiar projetos, sem se sobrecarregar no trabalho (POHLMANN, 2013).

David Pohlmann (2013) também ressalta que cuidados pastorais e evangelísticos são dois focos de trabalhos diferentes, mas que representam objetivos similares, portanto não se pode trabalhar um em detrimento do outro. Ter um olhar diferenciado para cada um destes aspectos levando em consideração o trabalho em equipe, pode potencializar a influência da Capelania na escola. Tendo em mente o planejamento para se atingir objetivos de uma cosmovisão, o capelão também deve participar de reuniões administrativas onde são tratados assuntos do calendário escolar, para que ele possa ajudar na elaboração do mesmo. Neste ponto, Vieira (2007, p. 41) ressalta que

A atuação dinâmica e direta do Capelão na hora da realização do programa anual, elaborado pela escola, ajudará a inclusão da integração de programas que visem o crescimento espiritual da escola, sem deixar passar de lado a formação espiritual de seus alunos e de todo o pessoal da escola.

É notório que as práticas de muitas instituições de ensino adventistas não correspondam a estas expectativas, e “tentar mudar esta realidade sem a ajuda de Deus pode não ser o melhor caminho. Por esta razão é que cada Capelão precisa da busca constante do poder de Deus” (VIEIRA, 2007, p. 47). Visto desta forma, o capelão torna-se o elo que liga todos os departamentos da escola, como um catalizador ou um cimento que une as pessoas.

112

As duas categorias citadas até agora estão diretamente ligadas as atividades de Capelania. Mas existe uma terceira que se destaca: é o auxílio à comunidade como membro de uma igreja. O capelão necessita estar diretamente relacionado com a liderança da igreja local, participando das atividades da mesma. Tal importância é destacada por Ellen G. White (1977) quando demonstra a grande influência que a família e os professores exercem sobre a criança (aluno). Como a criança está inserida no contexto de igreja e escola, o capelão deve se preocupar em tomar os devidos cuidados afim de não apenas ter influência na escola, mas também através da igreja, dando bom exemplo.

As temáticas envolvidas na categoria da igreja estão relacionadas com a programação da igreja que o capelão frequenta. Como líder, ele participa de ministérios e, assim, possui suas atribuições voltadas a desempenhar a função que corresponda ao ministério na igreja. A

participação do capelão em atividades da igreja serve como exemplo para os alunos que ali frequentam e para a comunidade, inspirando-os a fazer o mesmo. White (1977) destaca que a grande necessidade em nossos dias é de bons exemplos para que os jovens possam seguir. Frequentar a igreja como responsabilidade de membro e líder é um bom exemplo para estes jovens.

## Considerações Finais

São três as categorias principais de atuação do capelão de acordo com o que foi visto até o momento, que são (1) categoria do professor; (2) categoria do facilitador para experiências do aluno com a cosmovisão cristã e (3) categoria de membro de uma igreja atuando como líder. Cada uma destas categorias possui suas respectivas temáticas, que são os detalhes de atuação, e também as atribuições.

O presente artigo não teve por intuito esgotar a discussão das categorias ou funções dos capelães, mas sim de norteá-las, apresentando possibilidades de ação dentro da filosofia da educação adventista. Portanto o capelão deve em primeiro lugar estudar e respeitar esta filosofia, sabendo que toda sua conduta está baseada nela. Em segundo lugar, o ele deve pautar as categorias citadas dentro dos limites da mesma filosofia. Em terceiro deve-se fazer um esforço para atingir os objetivos propostos.

Existem muitos outros detalhes que não foram citados, mas são importantes para o capelão, como (1) a constante atualização do conhecimento e estudos, levando em consideração os aspectos

da globalização e pós-modernidade; (2) o detalhamento minucioso das atribuições, afim de mostrar de forma clara as expectativas da escola frente à filosofia da educação adventista; (3) regravar os limites de atuação em cada categoria; (4) estabelecer princípios chaves para a elaboração de plano de ação por categoria. Estes são apenas alguns aspectos que se poderia enfatizar nesta discussão.

Sabe-se que o trabalho do capelão vem sendo valorizado e, por isso, existe a necessidade de se estabelecer tais princípios norteadores. A forma de trabalhar pode se diferenciar de acordo com o tempo e as mudanças da sociedade, mas os princípios filosóficos nunca mudarão, pois estão baseados nAquele que não muda.

## Referências

CADWALLADER, E. M. **Filosofia básica da educação adventista**. Entre Rios: Universidad Adventista del Plata, 1993.

KNIGHT, G. R. **Filosofia e educação**: uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2010.

POHLMANN, D. **School chaplaincy**: an introduction. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2013.

TODD, S. Educating Beyond Cultural Diversity: redrawing the boundaries of a democratic plurality. **Studies in Philosophy and Education**, v. 30, n. 2, 2011.

VIEIRA, E. C. **A influência da capelania no crescimento espiritual da escola.** Dissertação (Mestrado em educação). Facultad de Humanidades, Educación y Ciencias Sociales, España, 2007.

WHITE, E. G. **Conselho sobre educação.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977.



# Pequenos grupos

Ezequiel José de Castro<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como temática, analisar o Pequeno Grupo como uma ferramenta de Evangelização na Educação Adventista. Parte-se do pressuposto que o Pequeno Grupo deve ser núcleo propulsor da prática de Evangelização, e o Capelão dentro de suas atribuições precisa desenvolver as atividades do Pequeno Grupo para garantir a eficácia e a qualidade no processo de Evangelização. Ante esta temática e em virtude do processo

.....

<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: ezequiel.c.2007@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

de Evangelização realizado no Pequeno Grupo, o presente estudo busca responder à questão: Qual o papel do Pequeno Grupo. Este estudo ganha relevância na medida em que o Capelão passa a identificar e assumir o Pequeno Grupo como sua mais importante e inovadora ferramenta no processo de Evangelização. Em suma pode-se dizer que o Pequeno Grupo desempenha um papel importantíssimo na Evangelização, inovação pedagógica e na prática da Capelania.

**Palavras chave:** Pequenos Grupos; Evangelização; Capelania.

118

**Abstract:** This study is subject, analyze the Small Group as an evangelization tool in Adventist education. This is on the assumption that the Small Group should be propellant core practice of Evangelization, and the chaplain within his authority needs to develop the activities of the Small Group to ensure the effectiveness and quality in the evangelization process. Before this issue and because of the evangelization process carried out in the Small Group, this study seeks to answer the question: What is the role of the Small Group. This study becomes relevant in that the Chaplain shall identify and take the Small Group as the most important and innovative tool in the evangelization process. In short it can be said that the Small Group plays an important role in evangelization, educational innovation and practice of Chaplaincy.

**Keyword:** Small Groups; Evangelization; Chaplaincy.

## Introdução

Segundo Jolivê e Timm (2011) a palavra de Deus no Novo Testamento da ênfase substancial sobre as necessidades que os cristãos tinham de conhecer uns aos outros, repreender, exortar, admoestar. O ambiente escolar é um celeiro propício onde se encontram meninos e meninas, que procuram estreitar os seus laços de amizade, essa procura relacional abre precedentes para que o Capelão através do pequeno grupo apresente a palavra de Deus.

A nomenclatura “pequenos grupos” não é novidade na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Semanalmente ocorrem reuniões na Escola Sabatina, reuniões que podem ser caracterizadas como pequenos grupos e nessa reunião, os irmãos estudam uma lição com um assunto em comum. Depois, o professor da Escola Sabatina apresenta o assunto de maneira que todos os participantes desse pequeno grupo possam envolver dando contribuições ou fazendo perguntas sobre o tema apresentado.

Na Escola, o Capelão pode utilizar-se da mesma abordagem feita na Escola Sabatina com uma metodologia que atenda às necessidades e anseios de seu público, permitindo que os seus alunos tenham uma participação direta, com perguntas, sugestões, louvores, encenações. Portanto, esta investigação fundamentou-se nas contribuições dos teóricos: Burril (2005), Vieira (2007), Cruz e Ramos (2007), Jolivê e Timm (2011), Mesa (2009), Pereira (2009), White (2007; 2008).

## Conceituando os Pequenos Grupos

De acordo com Cruz e Ramos (2007), pequeno grupo se caracteriza como uma pequena congregação de pessoas motivadas por um objetivo em comum. Além da busca de um objetivo comum, existem outras características que definem um grupo tal, a saber: a interação entre os membros, o dinamismo específico de cada grupo e a comunhão.

Os pequenos grupos, segundo sociólogos e psicólogos sociais, por viabilizarem relacionamentos mais próximos, são facilitadores das redes de comunhão, interação, e comunicação entre os participantes, permitindo maior funcionalidade e uma dinâmica mais eficaz e criadora em suas atividades. Por essa razão o pequeno grupo passou a ser utilizado em vários setores sociais, dentre eles, o religioso (CRUZ; RAMOS, 2007, p. 18).

120

“No campo religioso, especialmente entre os evangélicos, a estratégia de pequenos grupos vem sendo adotada, principalmente, na edificação espiritual de cristãos e na evangelização dos não crentes” (CRUZ; RAMOS, 2007, p. 18).

Para Cruz e Ramos (2007), pequeno grupo pode ser definido como: uma pequena quantidade de pessoas que se reúnem regularmente, com o propósito de se relacionarem uns com os outros, visando o estudo da palavra de Deus, o estreitamento da relação entre criatura e criador através da oração, a troca de experiências, tendo como objetivo final a edificação do caráter de homens e mulheres, sendo fieis ao Senhor e verdadeiros seguidores de Jesus Cristo.

Segundo Cruz e Ramos (2007), na tentativa de entender com mais profundidade a definição de pequeno grupo, podemos elencar cinco características comuns a essa estratégia citadas no livro *Implantando Grupos Familiares*, de David Kornfield e Gedimar Araujo (2002).

I Reuniões regulares - a regularidade das reuniões em grupos pequenos é um instrumento pelo qual a mutualidade e a afinidade entre os membros são desenvolvidas dentro de um ambiente informal.

II Comunhão - os pequenos grupos proporcionam a comunhão entre seus membros, uma vez que enfatiza o compromisso do cuidado mútuo, ordenança expressa no Novo Testamento através dos “mandamentos recíprocos”, a exemplo de “amai-vos uns aos outros”, “servi uns aos outros”, “sujeitai-vos uns aos outros”.

III Tamanho do grupo - o grupo, enquanto pequeno, é viabilizador da rede de relacionamentos interpessoais, suprimindo, dessa forma, as lacunas características das grandes reuniões.

IV Discipulado - o grupo pequeno é o lugar propício para o discipulado de seus membros, entendendo discipular como “ensinar as coisas que o Senhor Jesus ordenou” (Mt 28:20), pois o compartilhamento da Palavra de Deus através de relacionamentos íntimos gera novos discípulos.

V Evangelização - o pequeno grupo contribui para a evangelização dos não crentes, à medida que oferece oportunidade de não apenas ouvirem o evangelho, mas também de o verem em ação na vida dos cristãos. O pequeno grupo é o ambiente em que cada membro nascido de novo é encorajado a ter uma atitude de servo, proporcionando, assim, ao descrente, a oportunidade de também se tornar servo de Jesus Cristo.

Para compreendermos a constituição e o funcionamento de um pequeno grupo, é indispensável entender sua dinâmica interna, ou seja, a forma como as energias e forças dos seus componentes interagem entre si, uma vez que é esta dinâmica que produz o funcionamento equilibrado de um grupo. Logo, cabe definirmos cada uma das forças essenciais para o bom andamento do pequeno grupo (CRUZ; RAMOS, 2007, p. 20).

- ◆ Relações humanas são estabelecidas através da boa convivência no trabalho em conjunto. A motivação, a participação, a produtividade e a satisfação são maiores quando os membros do grupo possuem grau relativamente alto de relações humanas;
- ◆ A comunicação concretiza-se na medida que transmitimos aos outros nossas ideias, crenças e sentimentos;
- ◆ Participação é estar presente de maneira dinâmica no grupo. Esta presença é o poder de criar em comunhão;
- ◆ Padrões de liderança se estabelecem constituindo-se na capacidade de dar pistas, oferecer caminhos, provocar reflexões e ações, aprofundamentos, orientar e dirigir com o outro;
- ◆ A atmosfera é o estado de espírito, o modo de sentir e de agir, que permeia no grupo como um todo. Deve-se levar em consideração, também, o espaço físico onde o grupo desenvolve seu trabalho;

- ◆ Heterogeneidade-homogeneidade - heterogeneidade “é a presença de diferença no grupo, percebidos em relação à idade, aos padrões de moralidade, ao grau de educação e juízos de valor dos membros”; e homogeneidade “é a presença no grupo com relação a interesses, situação pessoal, inteligência e ocupação”;
- ◆ “Sentimento do nós ou identidade” é o laço, a simpatia comum, a consciência de que existe união dentro do grupo;
- ◆ Função geral fundamenta-se na expectativa geral dentro do grupo sobre o papel dos membros e dos subgrupos;
- ◆ Papeis de ação conjunta - as funções dos membros são desempenhadas por líderes e membros visando à produtividade grupal;
- ◆ Volume - é um fator de importância considerável, pois diz respeito ao tamanho do grupo, sendo uma variável que pode limitar o número e a qualidade da comunicação entre os membros.

123

“Essas características dinâmicas da ação grupal constituem elementos imprescindíveis à seleção e à orientação dos objetivos, bem como à escolha dos métodos a serem aplicados para as atividades grupais” (CRUZ; RAMOS, 2007, p. 21).

Assim sendo de acordo com Cruz e Ramos (2007), é importante ressaltarmos que o dinamismo do pequeno grupo é o resultado de aplicação de técnicas, estimulando o indivíduo a interagir com o grupo visando sempre o objetivo comum de todo o grupo.

A Divindade é realmente o pequeno grupo perfeito que todos os pequenos grupos deveriam imitar. A essência de Deus é comunidade. O próprio Deus não existe à parte de comunidade. No coração de Deus está a ideia completa de comunidade. Não se pode entender Deus à parte de Sua existência em comunidade. E como Deus não existe sozinho, Seu povo também não pode existir. Por isso, Deus está nos chamando para participar de pequenos grupos nos quais as pessoas vivam em comunidade. Num mundo fragmentado, Deus está buscando restaurar na humanidade convertida uma demonstração do que é comunidade genuína, porque isso é um reflexo do Deus que vive em comunidade. É impossível restaurar a humanidade à imagem de Deus sem a restauração da comunidade (BURRIL, 2005, p. 26-27).

124

“Os seres humanos, porém, não são completos separados do companheirismo com os outros. A beleza do Éden é vista na perfeita comunidade que existia entre Deus e os seres humanos” (BURRIL, 2005, p. 20).

## Pequenos Grupos da Concepção a Prática

Segundo Burrill (2005), “pequeno grupo” é uma nomenclatura moderna que descreve a formação e o ajuntamento de um grupo de pessoas que compartilham crenças e ideias comuns com o intuito de cuidar e fortalecer a fé umas das outras.

Nos últimos anos, o fenômeno dos pequenos grupos tem se espalhado por toda a América do Norte e pelo mundo. Tanto na Igreja Adventista como em outras

denominações, um movimento tem ocorrido que está realmente transformando a igreja e o mundo. Muitas congregações adventistas começaram o processo de reinventar suas igrejas com base nos pequenos grupos. Uma associação nacional de pequenos grupos e oração se reúne pelo menos uma vez por ano e muitas convenções regionais têm sido realizadas regularmente. De Fato, há muito interesse em pequenos grupos na Igreja Adventista (BURRILL, 2005, p. 19).

Para Burrill (2005), pouca importância tem se dado a historicidade e a compreensão teológica dos pequenos grupos dentro do movimento adventista.

Burrill (2005) ressalta que no inverno de 1988, assistia a um megaculto da Igreja do Evangelho Pleno, liderada pelo Coreano Paul Cho, em Seul. A reunião era composta por uma multidão de vinte mil pessoas, contritas em oração e fervorosa adoração. Burrill (2005) salienta que o sucesso do crescimento da Igreja do Evangelho Pleno está relacionado com o grande número de pequenos grupos, compostos por 750 mil membros e 50 mil líderes de pequenos grupos, que se reúnem todas as quartas-feiras à noite para receber instrução e capacitação.

Cho afirma que sua igreja “não tem uma porta dos fundos” por onde os membros saem de sua comunhão. Ele pode ter essa confiança, porque a igreja está estruturada para ministério pessoal num ambiente de pequenos chamados de “células”. O “DNA” dessas células contém todos os ingredientes de uma igreja completa, incluindo material que habilita e treina membros a ganhar pessoas para Cristo em seu círculo de amigos ou conhecidos, dentro de três a nove meses após terem ingressado na célula (BURRILL, 2005, p. 9-10).

Segundo Burrill (2005), as células recebem orientações para serem fragmentadas em duas novas células, ao atingirem o número de 15 pessoas. O novo converso terá um líder preparado para instruí-lo e acompanhá-lo de perto, assim o novo converso será estimulado a pregar o Evangelho visualizando o crescimento e fragmentação da célula. Considerando a Escola Adventista como uma “Igreja em potencial”, sendo uma extensão do núcleo familiar, cabe ao Capelão criar pequenos grupos, treinar os líderes desses pequenos grupos e fornecer material para o crescimento espiritual dos membros dos pequenos grupos.

Por causa do envolvimento de Jesus com um pequeno grupo e pelo Seu exemplo em focalizar a maior parte de seu ministério no desenvolvimento daquele grupo, é imperativo que as igrejas (escolas) atuais estejam envolvidas no ministério de pequenos grupos. Dessa forma, elas moldam seu ministério pelo ministério de Jesus. É inconcebível que uma igreja (escola) edificada com base nas Escrituras possa existir sem o ministério de pequenos grupos, quando pequenos grupos foram a essência do estilo ministerial de Jesus. (BURRILL, 2005, p. 56).

O Capelão recebe de Deus a unção para ser o mentor intelectual do pequeno grupo, estando a frente das atividades desenvolvidas no pequeno grupo. Ainda de acordo com Burrill (2005), o Senhor prometeu que onde estivessem pessoas reunidas em seu nome, ali Ele estaria presente. Todos os que se reúnem em um pequeno grupo em espírito de oração receberão do Senhor poder, terão os seus pedidos atendidos, verão a manifestação de Deus em suas vidas.

Para Vieira (2007), é dever de cada Capelão envolver-se ao máximo no pequeno grupo, tendo em mente que o seu trabalho pode colocar os seus alunos em sintonia direta com o céu.

“O objetivo mais elevado de uma Escola Adventista deve ser o preparo de seus alunos para a eternidade. E compete ao Capelão, como responsável pelas atividades religiosas da Escola, ser o primeiro a buscar tal objetivo” (VIEIRA, 2007, p. 77).

## Finalidade da Evangelização

Os seres humanos são sociáveis. Não fomos criados para vivermos sozinhos, mas em comunidade. A necessidade de viver em comunidade foi instituída por Deus, a criatura é semelhante ao seu criador, isso indica que o criador também vive em comunidade.

127

Na vastidão da eternidade, o Deus da Bíblia sempre existiu. Ele é o Deus único que criou o céu e a Terra. Contudo, a qualidade de “único” de nosso Deus não está expressa em singularidade, mas em trindade. O Deus bíblico é apresentado nas Escrituras como uma pluralidade que é “um”. Os adventistas, juntamente com a maioria dos outros cristãos, falam de Deus como “trindade”. Os três membros da Divindade Pai, Filho, Espírito Santo são três pessoas distintas, mas uma em caráter, unidade e propósito. Não entendemos a singularidade de Deus à parte da pluralidade dessa singularidade. É nesse sentido que a Divindade é em si um “pequeno grupo” (BURRILL, 2005, p. 25).

Desde os primórdios do cristianismo, a Evangelização tem se configurado como uma poderosa ferramenta de salvação.

Segundo Pereira (1999, p. 30), “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do filho, e do Espírito Santo”. Esta é a grande comissão designada aos filhos de Deus.

Todo filho e filha de Deus é chamado para ser missionário; somos chamados ao serviço de Deus e de nossos semelhantes; e habilitar-nos para essa obra deve ser o objetivo de nossa educação. É para fortalecer os jovens contra as tentações do inimigo, que estabelecemos escolas onde possam habilitar-se para ser úteis nesta vida, e para o serviço de Deus através da eternidade (WHITE, 2007 p. 49).

128

O pequeno grupo é um celeiro propício para a evangelização no ambiente escolar. Através do pequeno grupo, muitas almas podem ser convertidas para o reino dos céus, pessoas que não teriam outra oportunidade de conhecer o plano da salvação se não fosse por intermédio do pequeno grupo.

“Visto que o ser humano necessita ser restaurado ao estado original de perfeição, a educação adventista se propõe alcançar os seguintes objetivos por meio da evangelização” (MESA, 2009, p. 54).

- ◆ Promover o reconhecimento de Deus como fonte de toda sabedoria, tendo em vista que “todo o saber e desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de Deus.”

- ◆ Incentivar o reconhecimento e aceitação da Bíblia como referencial de conduta, visto que “o ensino da Bíblia deve ter os nossos mais espontâneos pensamentos, nossos melhores métodos, e o nosso mais fervoroso esforço.”
- ◆ Conhecer a Deus, ter a oportunidade de entregar a vida a Ele e manifestar uma fé crescente nEle, caracterizada por devoção pessoal, adoração congregacional, serviço e testemunho para cumprir a missão da igreja.

O evangelismo no ambiente escolar está diretamente relacionado com a integração fé e ensino dentre os princípios metodológicos apresentados, talvez o que demande maior necessidade de reflexão seja a integração fé e ensino. Tal concepção é um chamamento para que todo o espaço escolar seja permeado pela atmosfera do Céu, compreendendo que na educação adventista não há espaço para tratar apenas das coisas terrenas e que, mesmo ao trata-las, o fundamento será a visão bíblica (MESA, 2009, p. 54).

129

Mesa (2009) ressalta o corpo administrativo das instituições de ensino adventista, devem priorizar a disciplina ensino religioso como imprescindível no currículo, pois a mesma tem o poder influenciador no preparo dos estudantes para a vida de serviço e a constituição de novos discípulos.

Nesse sentido, todos os ambientes e atividades devem ser preparados para oferecer aos estudantes a compreensão da vontade de Deus para a vida. Isso é percebido na coerência dos discursos e nos exemplos individuais dos que ali trabalham, na elaboração de rotinas da sala de aula e outras atividades relacionadas ao lazer, à cultura e ao estudo da Bíblia (MESA, 2009, p. 54).

“A razão para pregar o evangelho de Jesus Cristo, de acordo com João, é estabelecer comunidade. Não era só para salvar pessoas individualmente, mas para que pudessem ter comunhão com o Pai e Seu Filho” (Burrill, 2005, p. 94).

Assim como o pai e o filho existem em comunidade com a igreja, a qual Cristo é a coluna, aqueles que se unem a Cristo se juntam a outros da comunidade cristã. O Novo Testamento descreve uma teologia prática, enfatizando a importância do convívio em comunidade.

O pequeno grupo é o lugar mais lógico para o cumprimento do tipo de comunidade demonstrado no Novo Testamento. A evidência bíblica claramente aponta para a absoluta necessidade de pequenos grupos comunitários. Esses grupos não existem só para estudar a Bíblia, mas para o propósito da comunhão (BURRILL, 2005, p. 102).

130

O propósito do pequeno grupo nas Escolas Adventista não se limita somente em trazer pessoas à comunidade cristã. O verdadeiro evangelismo ocorre quando as pessoas absolvem o conhecimento da salvação, da verdade impressa na palavra de Deus e a importância do convívio em comunidade, essa conscientização levará o indivíduo a aproximar-se de Cristo.

João declarou que as comunhões vertical e horizontal não podem ser separadas. Se vivermos em comunhão com o Pai e o Filho, viveremos em comunhão uns com os outros. Aqui está um retorno à ideia original de comunidade em Gênesis, quando Deus, que vivia em comunidade com o Filho e o Espírito,

---

ampliou a comunidade criando Adão e Eva, para viverem em eterna comunhão com a trindade (BURRILL, 2005, p. 94).

O pequeno grupo é o melhor lugar para que se concretize o plano original de Deus estabelecido no jardim do Éden.

Burril (2005, p. 96) ressalta “O pequeno grupo é o lugar ideal para Jesus realizar Seu principal desejo de transformar as pessoas. Ele as transforma individualmente, mas também faz isso em grupos”.

## Considerações Finais

O presente estudo na área de pequenos grupos e evangelização, ajuda-nos a compreender que o pequeno grupo desempenha um papel importantíssimo nas Escolas Adventistas sendo um elo de ligação entre criatura e criador. Para que isto ocorra de maneira satisfatória, o Capelão tem que ter uma ampla compreensão do que é um pequeno grupo, sua finalidade, sua importância, e como transformar o pequeno grupo em uma ferramenta de evangelização, para que haja uma plena integração entre teoria e prática, a fim de gerar frutos.

Considerando o contexto atual em que nos encontramos, onde impera a busca pelo prazer, pelo dinheiro em detrimento dos valores éticos e morais eternos externados por Deus, temos que ter atenção especial sobre a dura tarefa de qualquer escola, sobretudo nas atividades desenvolvidas que são de âmbito espiritual. Um Capelão precisa estar atento a tudo isso, pois este contexto tem afetado profundamente a maneira de

pensar e agir dos estudantes, por isso o líder espiritual da escola diante de suas atribuições necessita buscar diariamente os melhores métodos de como trabalhar com essas mentes jovens em formação.

O Capelão é o que une todos os departamentos da escola, é o cimento que solidifica a espiritualidade de uma escola. Trabalha incansavelmente para determinar uma linha mestra a qual possa a escola trilhar. Linha esta que esteja de acordo com a cosmovisão bíblica e com o plano educacional estabelecido por Deus. Deve ter sempre uma comunhão direta com Deus, a fim de proporcionar meios e atividades que promovam o crescimento espiritual da escola e ainda deve ser o responsável direto por planos a serem executados pela escola para a preparação do aluno como missionário.

132

Burrill (2005 p. 148) “A formação de pequenos grupos como base do esforço cristão foi-me apresentada por Um que não pode errar”. Considerando a visão de Ellen G. White entende-se que o pequeno grupo é um meio de evangelização que nasceu na mente de Deus por isso é relevante e imprescindível que as Escolas Adventistas invistam no pequeno grupo para a salvação de seus alunos.

A evangelização através do pequeno é um processo que ocorre em detrimento de um trabalho contínuo a longo prazo, que exige paciência e perseverança.

## Referencias

BURRILL, R. **Como reavivar a igreja do século 21**: Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

CRUZ, V.; RAMOS, F. **Pequenos grupos para a igreja crescer**. Viçosa: Editora Ultimato, 2007.

CRUZ, V.; RAMOS, F. **Pequenos grupos**: para a igreja crescer integralmente. Viçosa: Ultimato, 2007.

JOLIVÊ, C.; TIMM, A. R. **Pequenos grupos**: aprofundando a caminhada. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

KORNFIELDD, D.; ARAÚJO, G. **Implantando grupos familiares**. São Paulo: Sepal, 2002.

MESA, C. A. **Pedagogia adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

PEREIRA, M. **Bíblia Sagrada de auxílio à capelania**. Santo André. Editora Geográfica, 2009.

VIEIRA, E. C. **A Influência da capelania no crescimento espiritual da escola**. Del Plata: Universidade Adventista Del Plata, 2007.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, E. G. **Serviço Cristão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.



# Projeto de capelania em escola pública

Getúlio Nunes Corrêa<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Francisca Pinheiro da Silveira Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo trata da relação entre a aula de capelania como instrumento promotor de integração entre instituições escolares adventistas e escolas públicas da comunidade em torno. Demonstra como as atividades de capelania podem servir de elemento motivador para aproximar as duas comunidades em suas esferas

.....

<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: getulio.correa@paulistasul.org.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

administrativas, educacionais e estudantis. Identifica elementos estratégicos que melhor se adequam a um projeto de integração para a boa relação de amizade entre as escolas.

**Palavras-chave:** Capelania; Integração; Serviço Comunitário.

**Abstract:** The article deals with the relationship between class chaplaincy as an instrument to promote integration between Adventist educational institution and public schools around the community. Demonstrates how the chaplaincy activities can serve as a motivating element in bringing the two communities in their administrative, educational and student balls. Identify strategic elements that best fit an integration project for the good friendship between the schools. The process and favored the appropriation of knowledge by the student.

136

**Keyword:** Chaplaincy; Integration; Community Service.

Este artigo apresenta como uma ação da Capelania Adventista associada aos demais departamentos da escola podem criar oportunidades através da mobilização da escola toda: gestores e funcionários, professores e estudantes, unidos ao capelão, podem promover a prática de ações comunitárias levando a uma interação entre a instituição educacional adventista e escolas públicas da comunidade do em torno. Segundo Moreira e Candau<sup>4</sup>, “essa

.....  
<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/1Zk0j5V>>. Acesso em: 20 maio 2014.

pluralidade pode propiciar enriquecimento e a renovação das possibilidades de atuação pedagógica”.

Existem muitas escolas na comunidade em torno de uma unidade educacional adventista que trabalham com objetivos de promoção do crescimento humano onde numa interação as trocas de experiências serão sempre enriquecedoras e, por vezes, a falta do diálogo causa perda de grandes ideias e momentos especiais na educação, oportunidades assim devem ser alcançadas através de interação e enriquecimento de cada parte envolvida. E através das aulas de capelania pode-se criar instrumentos promotores de integração entre as escolas adventistas e escolas existentes na comunidade próximas a ela, aproximando professores, estudantes e a administração de ambas.

O cristianismo está fundamentado na visão bíblica de educação e como está afeta os valores morais, sociais, intelectuais e espirituais. A igreja adventista crê que “educar e redimir são a única e mesma coisa” (WHITE, 2007; STANDISH; STANDISH, 2007) e quando é oferecido um plano educativo deve-se pensar na oportunidade de o aprendiz participar ativamente no processo de crescimento e interação total com o conhecimento para que possa alcançar o grau máximo do aprendizado (KNIGHT, 2010; TIMM, 2004).

A escola adventista surge no século XIX (SCHWARTZ; GREENLEAF, 2009), tendo como filosofia o desenvolvimento simétrico do caráter, treinamento religioso e preparo de rapazes e moças capazes de levarem o evangelho a outras terras. Cada estudante da escola

adventista deve estar preparado para interagir com a sociedade à sua volta, e em um programa como este cada estudante poderá aprender e contribuir para o seu crescimento e o de outros estudantes em outras escolas vizinhas à sua. White (2007) diz que “o amor, base da criação e redenção, é o fundamento da educação verdadeira”.

Em todo período de sua história a escola adventista tem a presença de obreiros, “capelães”, que se dedicavam a manter pulando o coração da educação adventista de modo que não nos esquecêssemos dos ideais da escola e do preparo para o cumprimento da missão. Em 1873, Urias Smith, aparece na história “uma série de conferências”, e em todas as fases da história educacional daí em diante a importante presença dos capelães foi bem-vinda na educação adventista.

138

Neste ambiente de espaço e tempo é que as aulas de capelania podem servir de argumento motivador para a aproximação positiva entre a Escola Adventista e as escolas da comunidade. Hoje com facilidades de comunicação e sem as interferências do preconceito, a aproximação poderá ser feita através de programações em comum ao mundo estudantil.

Em uma experiência realizada entre o Colégio Adventista de Interlagos — SP CADI e a escola Municipal “Vila Santa Maria” (VILA), pôde-se notar a riqueza destas informações e como os resultados são gratificantes.

A aproximação teve seu início através de uma visita do capelão do CADI à Direção do VILA, apresentando demonstrando interesse em desenvolver programas e projetos em parceria. Causando impacto

positivo o que motivou a principal dirigente a nos apresentar às coordenadoras de ensino fundamental I e II, nesta primeira reunião foram entregues livros O Desejado de Todas as Nações e Educação para a diretora e Educação para as Coordenadoras.

O projeto inicial se deu na data comemorativa do “Dia Mundial do Meio Ambiente”, com a entrega de um Kit contendo o livro A Grande Esperança, um exemplar da revista Vida e Saúde e sementes de Girassol para todos os estudantes.

Os resultados foram gratificantes, para os estudantes envolvidos no projeto, diziam “que foi algo muito legal”, solicitando participação em outros projetos semelhantes. A Coordenação do CADI compreende que “as possibilidades de crescimento de nossos estudantes aumentam quando participam de ações como esta!”. O Diretor e o Tesoureiro, que também ajudaram na distribuição do material, ofereceram bolsas de estudos para dois estudantes concluintes de período que O VILA indicasse, sendo um do 5 ano Fundamental I, outro do nono ano para iniciarem os próximos ciclos no CADI.

Um convite foi feito para que os estudantes e professores da Escola pública assistam palestras, (capelas) no auditório do Colégio Adventista, o que se deu um mês após este primeiro contato podia se notar a alegria em cada face tanto de alunos como dos Professores que os acompanharam a palestra proferida pelo capelão com caráter motivacional utilizando-se de exemplos bíblicos, a atenção e o interesse se notava através do silêncio de cada ouvinte a saída ganharam um brinde e declaravam estarem gratos por

terem ido ao CADI, os professores do VILA apreciaram tanto esta palestra como a ideia de seriam quinzenais outras palestras como estas acontecendo agora no VILA.

Um programa de palestras, com temas sobre saúde e assuntos de interesse à educação, apresentando uma visão educacional Adventista, foi oferecido aos professores do VILA durante os momentos de estudo e planejamento que ocorrem semanalmente.

A interação, entre escolas adventistas e escolas públicas, é uma oportunidade em que o capelão deve encontrar meios de alcançar corações prontos para estudar a Bíblia. Cada contato feito com oração e planejamento, trará resultados positivos para cada escola com crescimento de ambas, onde estudantes terão oportunidades de reconhecerem meios de interação entre escolas diminuindo distâncias e preconceitos, Professores sentiram desejo de trocar experiências com outros professores, e as administrações alcançarão êxito em aproximar suas escolas para realização de projetos em favor das comunidades ao redor.

## Referências

KNIGHT, G. R. **Filosofia e educação**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2010.

SCHWARTZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de Luz**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009.

STANDISH, C. D. STANDISH, R. R. **Uma visão adventista da educação.** Engenheiro Coelho: Alfa, 2007.

TIMM, A. R. (Org.). **A educação adventista no Brasil:** uma história de aventuras e milagres. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2004.

WHITE, E. G. **Educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.



# O que é capelania

Jurandir Cristiano Gouveia<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Vandeni Clarice Kunz<sup>3</sup>

**Resumo:** Antes de entendermos um assunto devemos definir seu significado, do contrário podemos correr o risco de, no meio da discussão, voltarmos os olhos para o princípio e nos questionarmos: Sobre o que estamos falando? Aquilo que você entende por Capelania possui o mesmo significado para mim? Estamos falando a mesma língua?

**Palavras-Chave:** Capelania; Escola; Religião.

.....

<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: jc.gouveia@outlook.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

**Abstract:** Before we understand a subject we must define its meaning, otherwise we have the danger, in a middle of a discussion, to look back to the principle and ask ourselves: What are we talking about? What you understand by chaplaincy has the same meaning to me? Are we talking the same language?

**Keywords:** Chaplaincy; School; Religion

“Bispos e presbíteros nós conhecemos, bem como conhecemos diáconos, mas o que são capelães?” (MILTON, 2005, p. 526).

Responder à pergunta de John Milton deve preceder qualquer esforço em determinar a obra da Capelania. O que é o capelão? A pergunta é básica, mas essencial.

144

Por não ser um termo comum no dia a dia da maioria da população, tendemos a definir a Capelania pelas ações do capelão, ao invés de seu significado real. Por essa razão começaremos definindo a Capelania como um Ministério.

A palavra capela deriva do latim *capella* sendo um diminutivo de *cappa*, ou seja, um pequeno manto ou capa (COLERIDGE, 1971, p. 277). A palavra está ligada a São Martinho de Tours. Martinho (316-397) nasceu em Pannonia, atual Hungria, filho de um oficial do exército que o dedicou à Marte, o deus da guerra. Na sua infância, mudou-se para Pavia onde conheceu o cristianismo e tornou-se catecúmeno, mesmo contra a vontade do seu pai. A fim de força-lo a abandonar o cristianismo, seu pai o coloca no exército aos quinze anos de idade. Por volta de seus vinte um a vinte dois anos de idade,

Martinho estava fazendo uma patrulha noturna quando encontrou um homem pobre, seminu, vindo em sua direção. Como não tinha dinheiro com que ajudar o homem, Martinho teria cortado seu manto e dividido com o mendigo. Na noite seguinte, durante um sonho, Martinho viu novamente aquele homem que se revela como sendo Jesus e o louva por tê-lo ajudado mesmo antes de se tornar um cristão. A partir de então, sua história passa a ser repleta de cenas incríveis e difíceis de imaginar: ele teria curado um leproso com beijo, fez uma árvore cair usando o sinal da cruz, numa viagem teve seu jumento devorado por um urso e, por isso, colocou sua bagagem sobre o urso que levou seus pertences até Roma, transformou água em vinho, dentre outras histórias. Ele ficou conhecido como “o décimo terceiro apóstolo” e patrono dos mendigos, oprimidos, soldados e cavaleiros, alfaiates e peleiros, bem como dos curtidores, estalajadeiros, oleiros e até dos bêbados (LANZI; LANZI, 2004, p. 104).

145

A capa de Martinho tornou-se parte da história da arquitetura dando nome ao local de atividade religiosa. Primeiramente seu nome foi adotado para designar o local onde era guardado seu famoso manto que os reis merovíngios preservaram como relíquia sagrada. No sétimo século tornou-se tão reverenciada que juramentos eram feitos sobre ela e era carregada pelos reis em viagens e batalhas como amuleto para boa sorte (SNAPE, 2008, p. 15)

Com o passar do tempo, *cappellanus* tornou-se o termo que designava as pessoas especialmente encarregadas de carregar as relíquias sagradas dos reis e era o título que se dava aos sacerdotes que atuavam na área militar (BABCOCK, 1971, p. 375). A partir do oitavo

século, capela passa a ser um local reservado para o culto e capelão o sacerdote encarregado do aspecto religioso (MACHADO, 1989, p. 60).

Apesar de todo o misticismo e superstição que envolveu o surgimento da Capelania, podemos entender que, na verdade, a figura do capelão já existia antes mesmo de Martinho. Da forma como entendemos hoje, capelão é o ministro encarregado pelo serviço religioso em um ambiente secular, seja o exército, o congresso ou uma escola.

A despeito de estar primariamente relacionada à área militar, no decorrer da história a Capelania tornou-se mais ampla, sendo executada em instituições públicas bem como privadas. Há, atualmente, três maiores áreas de atuação do capelão: militar, hospitalar e educacional. Não se limita, porém, apenas a esses setores.

A integração da Capelania na área educacional não apenas parecia óbvia, mas inevitável. Isso porque a relação entre religião e educação sempre foi estreita, principalmente se a entendermos a partir do contexto bíblico e da história do cristianismo.

Ao observarmos o modelo educacional praticado nos tempos bíblicos, por exemplo, percebemos claramente a estreita relação da religião com a educação, tornando quase impossível a tarefa de definir onde começava uma e terminava outra. Isso porque a religiosidade estava tão impregnada na vida daquele povo que tudo o que faziam estava, de alguma forma, relacionado às suas crenças. Mas no caso da educação não vemos apenas uma relação acidental. Do ponto de vista bíblico a educação é a própria ferramenta de transformação da humanidade para que esta possa compreender melhor seu Criador e as obras dele. No Antigo Testamento a educação era basicamente

doméstica, não apresentando indícios de uma instituição formal que ministrava às crianças. Principalmente os meninos eram instruídos na lei e nas tradições. Para jovens havia a escola de profetas no Antigo Testamento e no Novo Testamento a maior aparição de escribas denota algum tipo de sistema educacional.

Essa educação, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, tinha como objetivo moldar o caráter do aluno, tornando-o seguidor de seu mestre. A antropologia cristã que observa o ser humano naturalmente mau, encontra na educação a solução para a necessária transformação. Nesse processo o aluno era instruído através da Palavra de Deus e era incentivado a misturar a teoria e prática cristã no seu dia-a-dia.

Para que a sabedoria fosse conquistada pelo aluno, era fundamental que este reconhecesse que primariamente Deus é Criador. Isso assume importância mais enfática na educação na medida em que o aluno percebe que as matérias que estuda não fazem parte de um conjunto de descobertas ou invenções humanas, mas que o próprio Deus é a fonte de conhecimento e, como Deus pessoal, transfere o conhecimento ao ser humano. Ou seja, a busca pelo conhecimento é, em última instância, a busca pelo próprio Deus. Todos os objetos de estudo, “todo o mundo do ser humano”, foram criados por Deus. Não apenas os objetos do conhecimento são criação de Deus, como a própria capacidade cognoscitiva o é.

Dessa forma a busca pela excelência intelectual é parte indissolúvel da correta compreensão da educação no contexto bíblico. O conhecer e o conhecimento procedem de Deus e este não apenas nos capacitou com a possibilidade de entender o mundo ao nosso redor,

mas nos dotou com a curiosidade e as oportunidades para desenvolver a mente a fim de entendermos, mesmo de forma um tanto pálida se compara ao conhecimento absoluto, um pouco da magnitude divina e de Seu conhecimento e sabedoria.

Já no Novo Testamento o ensino era parte integrante da própria adoração nas sinagogas. As crianças tinham um lugar separado onde eram instruídas na lei sendo guiadas por um mestre.

Vemos claramente que, do ponto de vista bíblico bem como dos educadores cristãos, a ligação entre educação e espiritualidade é inegável. Mas ela afeta mais do que o aspecto espiritual do educando. Por ser ampla, holística, a educação acaba transformando todas as ações e pensamentos do estudante. Pensa-se, por esta razão, que o ensino é mais do que formação, mas primariamente é transformação.

148

A antropologia cristã, que percebe o ser humano como caído física, moral e espiritualmente forma a base para a problemática que a educação tenta solucionar. Diferentemente da visão grega de dualidade em que a mente é mais valiosa que o corpo, a visão cristã percebe ser todo e sua necessidade completa. Por isso a educação se alia neste objetivo focalizando-se na reestruturação do educando, buscando sua completa restauração.

Portanto há a necessidade de que haja profissionais que estejam capacitados a trabalharem cada um desses aspectos, inclusive o espiritual. O capelão se apresenta em tal contexto.

Isso fica mais claro quando observamos o contexto da Educação Adventista. Ela surgiu em 1853 em Nova York por iniciativa de Martha Byington. Ao observar a necessidade de que os filhos da igreja recebessem uma educação de qualidade e, ao mesmo tempo fossem protegidos

das más influências que as escolas da época poderiam exercer sobre as crianças, Martha abriu uma escola a fim de ensinar aos filhos dos membros da Igreja Adventista. Foi, no entanto, quase vinte anos depois, em 1872, que a primeira escola adventista patrocinada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia foi inaugurada, na cidade de Battle Creek, Michigan. Neste mesmo ano a escritora Ellen G. White escreve seu primeiro ensaio sobre educação, intitulado “Proper Education” (posteriormente publicado dentro do livro “Testemunhos para a Igreja volume 3” no capítulo 13 com o título “A Educação Ideal”) onde lança as bases para o seu pensamento sobre os objetivos da verdadeira educação<sup>4</sup>.

Desde então a Rede Adventista de Ensino tem crescido rapidamente, se espalhando por todo o mundo e alcançando números expressivos: 7.883 escolas que abrangem desde o jardim até a graduação e pós-graduação, 89.063 professores que atendem cerca de 1.750.651 alunos ao redor do mundo<sup>5</sup>.

Apesar dos desafios da pós-modernidade e das novas tendências educacionais o fundamento da Educação Adventista mantém-se inalterado como declarado no Regulamento Eclesiástico-Administrativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia, livro que contém os fundamentos sobre os quais a educação adventista deve se manter e quais são os objetivos da mesma. Nele temos a seguinte declaração (CONFEDERAÇÃO, 2013, p. 329):

.....  
<sup>4</sup> Floyd Greenleaf em Journal of Adventist Education. Disponível em: <<http://bit.ly/2pwXQsD>>. Acesso em: 13 de março de 2016.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2pktTAJ>>. Acesso em: 13 de março de 2016.

A filosofia adventista de educação é cristocêntrica. Os adventistas creem que, sob a direção do Espírito Santo, o caráter e os propósitos de Deus podem ser conhecidos, conforme revelados na Bíblia, em Cristo Jesus e na natureza. As características distintivas da educação adventista — derivadas da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White — apontam para o objetivo redentor da verdadeira educação: restaurar os seres humanos à imagem de seu Criador.

Unglaub (2005), que vê a educação adventista como uma atividade redentora, ao falar sobre suas bases filosóficas ele afirma que “o aluno é considerado um ser integral que deve ser restaurado à imagem e semelhança de Deus em todos os seus aspectos: físico, intelectual, social, emocional e espiritual” (UNGLAUB, 2005, p. 21). Este processo acontece através de uma fundamentação bíblica para o ensino, pois, ainda segundo ele, na Bíblia temos a maior fonte de revelação do Criador e o “conhecimento verdadeiro só pode ser adquirido através de Deus — fonte de infinita sabedoria”. No livro “Pedagogia Adventista” a finalidade da educação é cunhada como sendo “Restaurar o homem a seu estado original de perfeição, preparando crianças e jovens para uma existência significativa na Terra e para a vida eterna” (2010, p.29).

Monroe (2012, p. 11) em sua obra *Comenius School of Infancy* nos lembra que o objetivo da educação é tornar o aluno uma imagem viva de Deus para refletir seus preciosos atributos. Ao explicar a necessidade desse processo ele argumenta ser essa propriamente a finalidade da existência humana, se tornar como seu Criador, sendo útil nesta vida e dignamente preparados para a vida futura. Isso nos lembra de que, apesar do alvo maior ser essa vida no porvir, de forma nenhuma

a vida presente deve ser negligenciada no desenvolvimento do aluno. Ele precisa ser útil nesta vida. Isso fica claro quando entendemos que seres em reconstrução à imagem de Deus devam ser competentes em tudo, não apenas nas matérias eternas, como também nas que são necessárias para o saudável desenvolvimento da sociedade. A educação é, portanto, holística, visando o ser como um todo.

Nas palavras de Gross e Gross (2012, p. 133):

educação não se resume a métodos, não é apenas preparação para a vida, mas ela é a própria vida [...] o encaminhamento, por meio dos conhecimentos próprios e humanos, dos estudantes ao conhecimento de Deus.

Estes conceitos são refletidos constantemente na literatura educacional adventista, muito provavelmente por todas “beberem” da mesma fonte, a saber, Ellen G. White. Como precursora do sistema educacional adventista e pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, White dedicou boa parte dos seus escritos para descrever o que seria a verdadeira educação e como as escolas deveriam trabalhar o desenvolvimento do aluno.

Sua produção mais significativa sobre este assunto encontra-se no livro “Educação”. Nele White (2008, p. 15 e 16) declara:

Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação - tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida. O amor, base da criação e redenção, é o fundamento da educação verdadeira.

Isto se evidencia na lei que Deus deu como guia da vida. O primeiro e grande mandamento é: “Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento.” Luc. 10:27. Amá-Lo - o Ser infinito e onisciente - de toda a força, entendimento e coração, implica o mais alto desenvolvimento de todas as capacidades. Significa que, no ser todo - corpo, espírito e alma - deve a imagem de Deus ser restaurada.

Entendemos por esse texto que a educação para White é um processo de restauração, de recriação. A imagem de Deus, seu caráter, seus princípios, deveriam ser impressos na mente humana após o pecado a fim de restaurá-lo e isso se dá através da educação. O alvo claramente é a perfeição, não apenas moral, mas de todo o ser.

152

Knight (2006) também entende que o objetivo da educação é o mesmo da própria existência humana. Para ele o relacionamento do homem com Deus é singular por ele ter sido feito à Sua imagem e isso implica em compartilhar da natureza divina. Com o pecado o relacionamento com Deus se rompe, não de Sua parte, mas da humanidade, e inicia o processo redentivo no qual o Criador parte em busca da criatura a fim de salvá-la. Por essa razão, Knight acertadamente afirma que devemos olhar para os alunos como “indivíduos que tem potencial infinito, por serem filhos de Deus” e “cuja maior necessidade é conhecer a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador” (KNIGHT, 2006, p. 206). A clara compreensão desse assunto proporciona um foco para avaliar todas as outras atividades da educação cristã como o papel do professor, a estrutura curricular e as metodologias utilizadas.

Num primeiro momento o objetivo de se ter escolas adventistas era proteger as crianças adventistas das influências negativas que elas poderiam sofrer nas escolas não confessionais bem como da ridicularização da qual poderiam tornar-se alvo. Dessa forma, a escola adventista era vista como um local seguro para o desenvolvimento espiritual dos filhos bem como um local de preparo para o serviço à igreja como pastores ou obreiros (BURTON, 1987, p.2)

Em suas orientações sobre a construção de novas escolas, Prescott, então secretário de Educação para a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, afirmou que sempre que possível os professores empregados deveriam ter sido formados em escolas adventistas e especialmente no estudo da Bíblia. Esse ponto era tão fundamental que se tornou um dos seus objetivos pessoais a alcançar (BURTON, 1987, p.303)

Na fase embrionária da Educação Adventista, Prescott entendia que as bases desse sistema educacional deveriam ser lançadas levando em consideração a cosmovisão bíblica e sentiu que a educação deveria ser conduzida de tal forma que o resultado seria conhecimento mais íntimo de Deus, não apenas como uma teoria, mas como uma experiência (BURTON, 1987, p. 308)

Dentro da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia há um departamento dedicado apenas à Capelania. O ministério da Capelania na Igreja Adventista começou no Battle Creek College em 1875 e logo após se expandiu para o Sanatório de Battle Creek e outras instituições de saúde adventistas. Com a Segunda Guerra Mundial alguns ministros adventistas com visão se aventuraram no serviço militar como capelães. Atualmente cerca de cem ministros adventistas

servem como capelães militares, provendo cuidado pastoral para adventistas em serviço militar. Há também capelães adventistas em presídios, sendo que o primeiro a realizar esse tipo de trabalho serviu no sistema prisional do estado da Califórnia em 1959.

Os capelães adventistas estão engajados em vários ministérios no campo missionário. Eles trabalham em escolas, universidades, prisões, instituições de saúde, na área militar, policial, em aeroportos e até mesmo em eventos esportivos como as Olimpíadas.<sup>6</sup>

A presença do capelão nas escolas não é, portanto, um capricho ou um modismo, mas faz parte necessariamente do entendimento que a Igreja Adventista do Sétimo Dia possui de qual seja o objetivo da própria educação.

154

Apesar da aparente dicotomia moderna entre intelectualidade e espiritualidade (DAWKINS, 2007, p. 114) não devemos nos esquecer que aquela deriva necessariamente desta. Se entendermos a inteligência como oposta à religiosidade, a Capelania não vai parecer apenas inútil, mas ofensiva. Devemos, no entanto, nos lembrar que tal diferenciação parte do preconceito e falta de informação. De fato, não apenas a religião e a ciência são compatíveis, como foi graças àquela que essa passou a existir como matéria tendo como seus maiores precursores grandes homens de saber e de profundo respeito pelo divino (ROTH, 2003, p. 49).

Se a religião é a ferramenta que religa o ser humano com o divino, a educação é a cola que propicia tal união. A Capelania é, portanto, como definimos logo no princípio, um Ministério.

.....  
<sup>6</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2qTwCkA>>. Acesso em: 16 de março de 2016.

Dentro das escolas a Capelania deve atuar como promotora dessa cosmovisão ajudando professores, pais e alunos a entenderem que, em última instância, tudo o que se aprende nada mais é do que uma gota no oceano do infinito conhecimento de Deus. Mas também que nada adianta entender as obras de Deus ou mesmo o próprio Deus, sem que haja um relacionamento saudável com Ele.

O famoso poeta inglês John Milton em uma de suas obras questiona qual a razão de existir capelães (MILTON, 2005, p. 526). Ele argumenta que a Bíblia menciona diáconos, presbíteros, bispos, mas não faz nenhuma menção a capelães. Primeiro precisamos entender seu questionamento dentro do contexto histórico em que foi pronunciado. Ao questionar a necessidade de capelães da forma severa como o faz, Milton estava levando em consideração como era realizada a Capelania em sua época, que, segundo seus próprios escritos, exercia uma influência muito grande sobre os líderes e até mesmo sobre o rei, se tornando uma forma de conselheira, não apenas em questões espirituais, substituindo, de certa forma, a própria consciência do rei. O capelão de então, Dr. John Gauden, teria conseguido tornar-se Bispo de Worcester.

Se o nome capelão, ou Capelania ou qualquer que seja seu equivalente, não aparece em nenhum lugar na Bíblia, qual seria a necessidade de haver esse tipo de classe eclesiástica hoje?

É bem verdade que as Escrituras não nomeiam tal classe. Sua obra, porém, é facilmente identificada na Bíblia. O capelão nada mais é que um ministro, um pastor, que atua em instituições com o fim de cuidar do aspecto espiritual das mesmas. Na Bíblia não temos a separação entre governo e religião, educação e religião, nem

mesmo entre secular e religioso. A vida do homem e da mulher dos tempos bíblicos está tão imersa na religiosidade que todas as suas ações, todos os seus empreendimentos estão ligados à espiritualidade. Os conselheiros espirituais dos reis sempre existiram. Na Bíblia eram os profetas que assumiam a perigosa tarefa de aconselhar o rei e até mesmo de repreendê-lo caso fosse necessário, como vemos na história do rei Saul (1 Sm 13) ou do rei Davi (2 Sm 12).

Na atualidade, onde o ser humano parece cada vez menos interessado no aspecto espiritual de suas ações, torna-se ainda mais relevante que haja uma figura que atue como um elo entre a espiritualidade e a vida real. Para isso, os ministros não podem mais ficar trancafiados em suas igrejas esperando que alguém sinta a necessidade e vá em busca do conselho, batendo às portas de sua congregação. É preciso que o ministro saia e esteja onde estão as pessoas, onde elas vivem seu dia-a-dia, suas frustrações, conquistas e derrotas, onde sua mente fica tão absorvida nos afazeres que não consegue nem ter tempo para pensar em sua vida espiritual ou suas necessidades morais.

O pastor deve estar onde estão suas ovelhas e por esta razão o ministério da Capelania existe e persiste. Para dar às pessoas a oportunidade de refletirem em sua existência, suas escolhas, sua vida presente e eterna e dar a elas um outro ponto de vista do que seja viver, o ponto de vista que a Bíblia apresenta. Trazer à mente das pessoas que, não importa a atividade que exerça, a vida espiritual deve ser uma prioridade.

Na educação não é diferente. Em meio ao caos mental de seus muitos questionamentos, crianças e adolescentes podem, através da

Capelania, encontrar a paz e serenidade de um propósito maior do que o observado por olhos humanos. Os alunos podem descobrir que todo seu conhecimento adquirido e almejado é também um presente e que o próprio Doador está presente, mesmo na escola.

## Referências

BABCOCK, P. (Ed.). **Webster's third new international dictionary on the english language unabridged**. Londres: Encyclopaedia Britannica, 1971. v. 1.

BURTON, W. A. **A history of the mission of Seventh-Day Adventist education, 1844 - 1900**. Dissertação (Doutorado em Filosofia). Kansas State University, Kansas, 1987.

COLERIDGE, H. (Ed.). **The compact edition of the oxford english dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1971. v. 1.

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Regulamentos eclesiástico-administrativos da igreja Adventista do Sétimo Dia**. 2013.

DAWKINS, R. **Deus - um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GROSS, R.; GROSS, J. S. **Filosofia da educação cristã: uma abordagem adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

KNIGHT, G. R. **Filosofia e educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

LANZI, F.; LANZI, G. **Saints and their symbols: recognizing saints in art and in popular images**. Collegeville: Liturgical Press, 2004.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

MILTON, J. **Eikon Basilike with selections from Eikonoklastes**. Ontario: Broadview press, 2005.

MONROE, W. S. **Comenius school of infancy: an essay on the education of youth**. Washington: Forgotten Books, 2012.

158

ROTH, A. **Origens: relacionando a ciência com a Bíblia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

SNAPE, M. F. **The royal army chaplains' department, 1796-1953: Clergy Under Fire**. Suffolk: Boydell Press, 2008.

UNGLAUB, E. **A prática da pedagogia adventista em sala de aula**. Engenheiro Coelho: Editora Paradigma, 2005.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

# Fundamentos bíblicos da capelania escolar adventista

Matheus Grillo Ramos de Carvalho<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Vandeni Clarice Kunz<sup>3</sup>

**Resumo:** a Capelania Escolar Adventista cresceu e necessita de uma fundamentação bíblica tão objetiva quanto possível. Este trabalho visa suprir essa carência extraíndo dos conceitos de “Capelania”, “Escolar” e “Adventista” seus respectivos significados, os quais apontam para uma metodologia, público-alvo e objetivo

.....

<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: matheus.carvalho@paulistasul.org.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

desse ministério. Analisando esses dados sob a ótica do Antigo e Novo Testamento concluiu-se de que forma esse ministério é coerente com a Teologia Bíblica.

**Palavras-Chave:** Capelania; Escolar; Adventista; Antigo Testamento; Novo Testamento.

**Abstract:** the Adventist Educational Chaplaincy has grown in Brazil and needs a biblical foundation as objective as possible. This paper aims to fill this gap by drawing from concepts of “chaplaincy”, “educational” and “Adventist” their meanings, which points to a methodology, target audience and purpose of this ministry. Analyzing this data from the perspective of the Old and New Testament, the conclusion is how this ministry is consistent with the Biblical Theology.

160

**Keyword:** Chaplaincy; Educational; Adventist; Old Testament; New Testament.

## Introdução

É notório o crescimento da capelania educacional adventista brasileira nos últimos anos. Ela nasceu no meio protestante brasileiro, em virtude da necessidade que se havia que as pessoas aprendessem a ler a Bíblia para serem evangelizadas. Com essa estratégia, as igrejas de origem protestante desenvolveram um trabalho vigoroso que

estabeleceu a capelania escolar como uma de suas poderosas ferramentas no crescimento de suas igrejas.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, com sua ênfase educacional que remonta ao final do século 19, atualmente tem percebido cada vez mais as vantagens que existem no desenvolvimento de um trabalho ministerial dentro da escola. Dessa forma, uma nova necessidade surge: a de se estabelecer uma fundamentação bíblica segura para a prática da Capelania Escolar Adventista.

Com o fim de atingir esse objetivo, é importante que se estabeleça: o conceito de capelania escolar; o conceito de capelania escolar adventista; e, finalmente, com base nas características ali estabelecidas, demonstrar como esses conceitos aparecem tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento.

## **A capelania escolar**

O pastor Márcio Santos (2008, p. 15) assim define o trabalho da Capelania Escolar: “A Capelania Escolar procura atender as necessidades espirituais das pessoas em seu ambiente escolar”. A partir dessa simples definição delimita-se a tarefa e o escopo do trabalho do capelão escolar. A tarefa é suprir as “necessidades espirituais das pessoas”. Mas quais são elas?

O mesmo autor prossegue explicando que o atendimento visa priorizar caso de pessoas “que estejam passando por conflitos nas esferas pessoal, familiar, doença, luto, problemas financeiros ou outras

áreas que gerem conflito interior, comprometendo assim seu rendimento”. Desta forma, entende-se que há necessidade de auxílio espiritual para qualquer pessoa em situação de conflito interno e nesse sentido o papel do capelão é levar esperança e capacitar o indivíduo a enfrentar essa fase da sua vida com mais determinação, segurança e confiança (SANTOS, 2008).

Outro autor, Damy Ferreira (2011, p. 33), vai mais além em sua definição do trabalho da capelania: “o trabalho fundamental do capelão escolar é dar assistência espiritual aos alunos, e, dentro das possibilidades, respeitadas as questões de Direito, passar o Evangelho de Cristo para salvação”. Esse autor, por outro lado, une ao trabalho de assistência espiritual também o trabalho de evangelização, ou seja, a tarefa de despertar o interesse para a Palavra de Deus e, havendo possibilidade, guiar no conhecimento da Verdade como ela se encontra em Jesus Cristo.

162

Além disso, Ferreira (2011) destaca também a importância da “educação religiosa” e da “assistência espiritual”, como um meio de proporcionar uma nova maneira de encarar sua formação intelectual e profissional, afastando os jovens da delinquência e das drogas. Vale a pena destacar que o elemento chave é a figura da “conversão”, de forma que, ligada a Deus, ela adquire um novo estilo de vida.

Portanto, para esses autores a necessidade de uma capelania escolar emerge exatamente das demandas da escola numa sociedade moderna que sofre a pressão da explosão da sexualidade, do aumento da violência, da enorme quantidade de lares desajustados, da invasão das drogas no ambiente escolar e da desmotivação dos professores. É

um ministério que busca responder a essas necessidades com a pregação, com o ensino, com o aconselhamento e com assistência social.

## **A Capelania escolar adventista**

Tendo exposto brevemente em que consiste a capelania escolar cristã hoje, é necessária uma reflexão sobre de que forma o conceito de “adventista do sétimo dia” altera ou amplia o papel da capelania escolar, antes que possamos investigar fundamentos bíblicos para essa prática.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu na esteira do chamado movimento milerita que atingiu os Estados Unidos na primeira metade do século XIX. Dessa forma, surgiu a partir da pregação do iminente retorno visível de Jesus Cristo ao mundo em 22 de outubro de 1844. Após o desapontamento e a fragmentação do grupo dos mileritas, o adventismo do sétimo dia se desenvolveu em torno de quatro pontos fundamentais que encontraram nas Escrituras, conforme aponta o historiador George Knight (2006, p. 75):

No início de 1848, os líderes adventistas sabatistas, por meio de extenso e intenso estudo da Bíblia, haviam chegado a um consenso básico em pelo menos quatro pontos: (1) a volta pessoal, visível e pré-milenial de Jesus; (2) o ministério bifásico de Cristo no santuário celestial; (3) a perpetuidade do sábado do sétimo dia e sua importância escatológica e (4) o conceito de que a imortalidade não é inerente, mas algo que recebemos somente como um dom por meio de Cristo.

Esse conjunto doutrinário inicial se desenvolveu posteriormente, mas manteve uma característica interessante. Essas doutrinas formam um todo unificado em torno de duas ideias bíblicas centrais: o santuário e a tríplice mensagem angélica. O santuário é central porque era o próprio centro do sistema cristão apontando para a obra de Cristo a nosso favor, assim como para os dez mandamentos. E a tríplice mensagem angélica liga a teologia adventista ao ritual do santuário, coloca os adventistas dentro do tempo profético e geram o impulso para a missão mundial (KNIGHT, 2000).

O foco constante na iminência da volta de Jesus fez com que os adventistas não sentissem inicialmente a necessidade do desenvolvimento educacional. Foi apenas depois da assembleia da conferência geral de Minneapolis de 1888 que finalmente a educação adventista conseguiu harmonizar sua teoria e prática pedagógica resultando em uma grande expansão educacional (CONFEDERAÇÃO, 2010, p. 26).

Portanto, em que consiste a capelania escolar adventista? Levando em conta que a educação é vista pelos adventistas como um agente redentor/restaurador no contexto do conflito cósmico entre o bem e o mal, o capelão escolar adventista tem por finalidade trazer o evangelho eterno (Ap 14:6) para dentro da realidade escolar, apontando pelos diversos meios que lhe são permitidos a Cristo e a harmonia com Sua vontade como caminho para que a criança encontre a solução para suas mazelas presentes e para sua vida futura, e um modelo de utilidade para o serviço ao próximo.

## Em busca de fundamentos bíblicos

Uma vez estabelecido em que consiste a Capelania Escolar Adventista, é possível agora conduzir uma investigação bíblica sobre o assunto. Por ser capelania, faz uso da pregação, do aconselhamento, do ensino e do serviço ao próximo como metodologias de trabalho. Por ser escolar, tem como alvo primário crianças e jovens. E por ser adventista, possui como objetivo a proclamação da mensagem da Bíblia. Assim, a fundamentação bíblica será analisada dentre essas três etapas, que irão envolver o objetivo (a proclamação do evangelho eterno), o público alvo (as crianças e jovens) e as metodologias (pregação, ensino, aconselhamento e serviço).

### O Objetivo: proclamação

165

O objetivo é a proclamação do evangelho eterno, como se encontra revelado na Bíblia, crendo que por meio dele é efetivada cura e restauração no ser humano. No Antigo Testamento, a ideia de anunciar algo a mando de Deus é principalmente através do verbo *קרא*. Seu significado básico é chamar atenção por meio do uso de voz alta. É empregado em diversas ocasiões como termo técnico para introduzir algo que o profeta deve dizer, como por exemplo em Jeremias 3:12, Jonas 3:2 e Zacarias 1:4 (KOEHLER et al., 1999). Outros verbos também expressam a ideia de proclamação em menor escala.

Já no caso do Novo Testamento, as mesmas palavras que indicam a ideia de proclamação indicam também a ideia de pregação. As duas

principais palavras são κηρυσσω e ευαγγελιζομαι. A primeira, na septuaginta, é a principal tradução para a palavra hebraica אָרַב e significa anunciar de forma oficial, anunciar publicamente ou pregar, proclamar com o objetivo de persuadir. Ocorre em passagens como Marcos 5:20, Romanos 10:14 e 1Pedro 3:19. A segunda, por outro lado, se refere exclusivamente a dar uma boa notícia e sempre ocorre em um contexto de alegria, de modo que apenas traduz a hebraica nos contextos de boas novas, nunca de novas ruins. Essa boa notícia a ser pregada a todas as nações (Mt 26:13; Ap 14:6) é de forma especial centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo, que oferece um novo caminho de Salvação para todo aquele que crer (Mc 16:15-16) (SPICQ; ERNEST, 1994).

166

Portanto, no Antigo Testamento ideia de proclamação está ligada a anunciar aquilo que o Senhor o comunicara. No Novo Testamento, por outro lado, essa proclamação fica mais específica, centrando-se na mensagem de salvação em Cristo, que deveria ser pregada por todos os discípulos dele até o fim. Desta forma, concluímos que, quanto ao seu objetivo de proclamar e anunciar a mensagem da salvação, a Capelania Escolar Adventista encontra-se seguramente sustentada biblicamente.

## O público-alvo: crianças e Jovens

Na Bíblia, a referência a crianças é muito ampla. Por vezes, a mesma palavra pode se referir a crianças pequenas, adolescentes ou mesmo a adultos que exibam características de ignorância ou de pensamento estreito. Além disso, merece nota que, em decorrência de

no Antigo Testamento o povo de Israel ser considerado sob a ótica de uma grande família, é comum a referência ao povo como “filhos” ou mesmo “crianças”. No Novo Testamento, é digno de nota que autoridades da igreja comumente se dirigem a membros da mesma forma.

No Antigo Testamento, em diversas ocasiões as crianças são alvo da proclamação da vontade divina. A começar por Deuteronômio 31:12, Moisés ordena que as crianças estivessem presentes nas ocasiões de leitura da lei (no caso, da festa dos tabernáculos). A incorporação de crianças para ouvir a vontade divina também foi aplicada em 2 Crônicas 20:13, por ocasião de um cerco a cidade de Jerusalém. Não obstante, o papel de ensinar os feitos e a vontade de Deus às crianças cabia principalmente aos próprios pais (Dt 6; Ex 12:24, 26 e 27; Dt 4:10, Js 4:6 e 10), mas também se estendia mesmo a avôs (Ex 10:2). Apesar disso, Davi se direciona a crianças de uma forma geral para ensinar o temor do Senhor (Sl 34:11), assim como faz Asafe se direcionando aos demais filhos dos seus antepassados (Sl 78:1-6). Finalmente, deve ser notado que em Malaquias, o profeta que prepara o mundo para a vinda do Senhor, cuja obra é identificada com a do profeta Elias, igualmente possui por missão se dirigir a crianças (filhos) para reconciliá-las com seus pais a fim de prepará-las para o Dia do Senhor (Mt 4:5 e 6). Dessa forma, concluímos que as crianças e jovens também precisam conhecer os atos de Deus e seus mandamentos tanto quanto os adultos, e embora essa missão recaia principalmente sobre seus pais e familiares, não se limita a eles principalmente no contexto de preparação para o Dia do Senhor.

No Novo Testamento, Jesus se dirige em diversos momentos a crianças para curá-las (Mt 17:18, Lc 8:51 e 54, 9:49, Jo 4:51) e mesmo

para abençoá-las simplesmente (Mt 19:13, Mc 10:13, Lc 18:15). Os pais também são considerados responsáveis por dar a instrução do Senhor aos filhos. Mas elas também estavam presentes em pelo menos algumas das ocasiões em que Cristo ensinava ao povo (Mt 14:21, 15:38). Além disso, Jesus ensina que seus discípulos devem receber as crianças como ele as recebia e João se dirige diretamente a crianças e jovens em uma de suas cartas (1 Jo 2:12 e 13).

Portanto, conclui-se que as crianças, além de serem uma preocupação recorrente das Escrituras, são em diversas ocasiões colocadas como um alvo da proclamação do evangelho eterno de Deus, por meios que não se limitam a sua própria família.

## **A metodologia da capelania escolar adventista**

Como visto anteriormente, a capelania é um ministério, ou seja, é uma maneira que o povo de Deus possui de cumprir a missão. Como ministério, ela faz uso de metodologias bem variadas como a pregação, o ensino, o aconselhamento, e o serviço ao próximo. Nos tópicos a seguir, abordaremos cada um desses métodos à luz das Escrituras

### **A pregação**

A pregação, entendida como proclamação pública da Palavra de Deus, é tanto o objetivo como um dos métodos da Capelania Escolar

Adventista. Disto posto, não nos deteremos a analisar novamente este ponto nas Escrituras, bastando voltar ao item “O objetivo: proclamação” acima. Basta destacar que o parâmetro básico na pregação deve ser centrado na transmissão fidedigna da revelação de Deus através da Bíblia.

## O ensino

Na Bíblia, o ensino é basicamente outra faceta da pregação. No Antigo Testamento a principal palavra para ensinar é *למד* cujo significado básico é aprender. Contudo, no modo intensivo se torna ensinar e é muito utilizada principalmente em Deuteronômio e Salmos. Deus é apresentado na Bíblia como alguém que ensina (Sl 25:5, 94:10, 12), assim como Moisés (Dt 4:1, 6:1), alguns oficiais enviados pelo rei Josafá (2Cr 17:7-9) e Esdras (Ed 7:10). Não obstante, todo o povo também tinha ordem de ensinar seus filhos (Dt 4:10, 5:31, 11:19 e 31:19). Quanto as coisas ensinadas, entre elas estão a guerra (Jz 3:2, 2Sa 22:35), a música (Dt 31:19, Jr 9:20), línguas estrangeiras (Dn 1:4), mandamentos (Dt 4:5, Sl 119:12), o temor do Senhor (Sl 34:12) e os caminhos de Deus (Sl 25:4, Sl 51:13), mas o mal também pode ser ensinado (Jr 2:33, 9:4) (KOEHLER et al., 1999).

No Novo Testamento, a principal palavra para ensino é *διδασκω*, presente principalmente nos Evangelhos e no livro de Atos. João Batista foi chamado de mestre ou professor (Lc 3:12), assim como Paulo (2Tm 1:11), Barnabé e outros (At 13:1). Por Jesus ser um grande mestre, ele era chamado de Rabi, que significa basicamente a mesma coisa (Jo 1:38, 49, 3:2). O evangelho

de Mateus, em particular, foca em Jesus como mestre, de forma que a maior parte do livro está organizado em cinco blocos de ensinamentos de Jesus, concluindo ainda com a ordem para que os discípulos ensinassem o mundo a obedecer seus mandamentos (Mt 28:19 e 20). Através dos escritos de Paulo, verifica-se que uma importante característica do ensino é que seja fiel ao ensino dado pelos apóstolos (1Tm 4:6, 11, 16 e 6:3 e 4) (POWELL, 2011a).

Vale a pena destacar ainda que esse ensino pode ser feito de diversas maneiras, através do exemplo (1Co 11:1, Fp 4:9), através de diálogo direto com o professor (At 19:8 e 9, 20:7), por meio de explicação de cerimônias (Ex 12:26 e 27, 13:14-16), por meio de parábolas (Mc 4:2), por meio de situações cotidianas (Mt 9:16 e 17), por meio de objetos (Mt 6:26-29, 22:19-21), por meio de perguntas (Lc 10:36 e 37), utilizando música e sabedoria (Cl 3:16) entre outros métodos.

170

Portanto, o ensino é uma metodologia para a proclamação do evangelho coerente com o testemunho das Escrituras e com a conduta do próprio Jesus e dos discípulos.

## O aconselhamento

A ideia do aconselhamento é bem presente na Bíblia, mas de forma especial no Antigo Testamento. O livro de Provérbios, por exemplo, mostra que o suporte de conselheiros é essencial para o sucesso em qualquer empreendimento (Pr 11:14, 15:22 e 24:6). Esses conselheiros podem ser os próprios pais (Pr 1:8), pessoas mais velhas (Ed 7:26), profetas (2Cr 25:16), homens sábios (Jr 18:18) ou jovens amigos

(1Re 12:8). É importante destacar, contudo, que nem todo conselheiro ou conselho é confiável (Sl 1:1), mas é apenas no conselho de Deus que se pode depender completamente (ELWELL; BEITZEL, 1988).

Deus é descrito como aquele que não sente necessidade de conselho (Is 40:13), porque com ele está o conselho e a sabedoria (Jó 12:13). O Messias é chamado de Maravilhoso Conselheiro (Is 9:6) e possui o Espírito do Senhor que concede extraordinária sabedoria e conselho (Is 11:2). Além disso, Deus também é descrito como aquele que remove o conselho (2Sm 15:31, Jó 12:17, Is 3:1-3) (POWELL, 2011b).

O Novo Testamento, talvez em virtude da urgência da proclamação da ressurreição do Senhor e da sua volta, dá muito menos atenção a ideia de aconselhar. Apesar disso, Paulo oferece conselho no navio a caminho de Roma (At 27:21) e Jesus Cristo oferece um conselho à igreja de Laodicéia (Ap 3:18). A mesma ideia do Antigo Testamento de que há conselhos que não são bons também está presente, pois Caifás também ofereceu conselho (Jo 18:14) e Paulo não tomou conselho com homens quando soube qual era a vontade de Deus (Gl 1:16).

Portanto, aconselhar faz parte das atividades dos instrumentos de Deus, mas deve-se ter o cuidado de que todo conselho seja dado de acordo com o temor do Senhor (Pr 1:7).

## O serviço

O conceito de serviço é muito importante na Bíblia. A principal palavra para “servo” ou “escravo” é muito importante no Antigo

Testamento (cerca de 800 vezes), sendo que cerca de 270 ocorrências apontam especificamente para a ideia de “servo de Deus”, ou seja, de serviço como parte das atividades relacionadas com Deus. Entre os diferentes tipos de serviço a Deus, deve ser destacado que metade dessas passagens se referem a pessoas ou grupos comissionados por Deus para servir a Ele agindo em prol do Seu povo. É dessa maneira que muitas vezes Moisés, os patriarcas, reis e profetas são chamados de servos de Deus (JENNI; WESTERMANN, 1997).

172

No Novo Testamento a palavra grega para “servo” ou “escravo” aparece cerca de 130 vezes e continua sendo uma forma de expressar a relação entre o homem e Deus. Sendo escravo um bem, que pode ser comprado ou vendido, os cristãos, portanto, entendem que foram comprados por meio do sangue de Cristo (1Co 6:20), devendo imitar a forma de servo assumida por Jesus (Fp 2:7, Lc 22:26 e 27) e atuando em prol do próximo com amor (Gl 5:13) (SPICQ; ERNEST, 1994).

Dessa forma, o serviço ao próximo como método de proclamação, expresso por meio de projetos sociais, auxílios, bolsas de estudo e outras atividades que amenizem a ação do mal sobre a humanidade cumprem tanto o propósito de Deus revelado no Antigo Testamento (Is 1:17) como no Novo Testamento (Tg 1:27).

## Considerações finais

Foi propósito desse trabalho analisar a fundamentação bíblica para a Capelania Escolar Adventista. Partindo de uma definição de

termos, buscou-se extrair o significado de cada um desses conceitos a fim de expressá-los em termos de conceitos bíblicos. Nesse processo, verificou-se que capelania escolar adventista expressava um objetivo para esse ministério, delimitava um público alvo específico e uma metodologia (ou conjunto de metodologias) característica.

A partir disso, o conceito de Adventista aponta para a proclamação do retorno de Jesus Cristo em sua vinda gloriosa a fim de inaugurar “Novos Céus e Nova Terra” com base na tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12. Essa proclamação, verificou-se, encontra eco nas mensagens tanto dos profetas como dos apóstolos.

O conceito de Escolar delimita (sem restringir) o público alvo envolvido na atividade da capelania ao conjunto de pessoas que fazem parte da comunidade escolar, com especial atenção aos jovens estudantes. Estes são alvo de diversas recomendações bíblicas tanto no Antigo como no Novo Testamento e, naturalmente, inclusos na Grande Comissão que determina que a proclamação seja feita a todos independente de fatores linguísticos, etários, geográficos entre outros (Mt 28:18-20).

E, finalmente, o conceito de Capelania compreende uma série de metodologias utilizadas pelo ministro a fim de alcançar os objetivos propostos. As principais dessas metodologias são a pregação, o ensino, o aconselhamento e o serviço ao próximo. Cada uma delas foi analisada dentro do contexto do Antigo e do Novo Testamento concluindo-se que são todas metodologias proveitosas sob a ótica da Palavra de Deus.

Por motivos de limitação de espaço, esses tópicos não puderam ser abordados de forma aprofundada, mas a título de sugestão, outros temas a serem abordados em pesquisas futuras são características da

pregação bíblica, o papel das crianças na Escrituras, identidade e métodos dos conselheiros bíblicos, entre outros.

Por fim, a Capelania Escolar Adventista constitui-se num método muito interessante de pregação para o século XXI, que se adequa tanto às demandas modernas de maior proximidade com a nova geração como às bíblicas fazendo uso de métodos empregados sob orientação divina, sendo, portanto, um ministério que pode e deve ser desenvolvido em maior grau no seio da Igreja Adventista do Sétimo Dia na atualidade.

## Referências

174

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. **Baker encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1988.

FERREIRA, D. **Capelania Escolar Evangélica**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2011.

JENNI, E.; WESTERMANN, C. **Theological lexicon of the Old Testament**. Peabody: Hendrickson Publishers, 1997.

KNIGHT, G. R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

KNIGHT, G. R. **Uma igreja mundial: breve história dos Adventistas do Sétimo Dia.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W.; RICHARDSON, M. E. J.; STAMM, J. J. **The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament.** New York: E. J. Brill, 1999.

POWELL, M. A. Counselor. In: POWELL, M. A. (Ed.) **The HarperCollins Bible Dictionary.** New York: HarperCollins, 2011a.

POWELL, M. A. Teaching. In: POWELL, M. A. (Ed.) **The HarperCollins Bible Dictionary.** New York: HarperCollins, 2011b.

SANTOS, M. A. **Manual de instrução do capelão escolar: fazendo diferença no ambiente escolar.** São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

SPICQ, C.; ERNEST, J. D. **Theological Lexicon of the New Testament.** Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.



# O capelão como gestor espiritual

Patrick Vieira Ferreira<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Vandeni Clarice Kunz<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe analisar o papel administrativo do capelão, expandindo e ao mesmo tempo delimitando seu foco de atuação: expansivo por apresentar um novo método de trabalho que o posiciona como gestor; delimitado por revelar atribuições contextualizadas a sua nova estratégia de trabalho. Abordando questões de liderança e como o

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: prpatrickvf@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

capelão deve gerir a escola para conduzi-la à melhor espiritualidade. A figura do capelão deve ter uma nova releitura, não como alguém inferior na hierarquia, mas como diretor espiritual da escola, colocando-o com mesma condição de autoridade que os demais membros da equipe diretiva, bem como especifica seu trabalho junto à professores e administração. Toda essa mudança de paradigma demonstra-se desafiadora, contudo, se o capelão for chamado para essa função deve estar preparado e capacitado para atender as novas expectativas.

**Palavras-chave:** Gestão Escolar; Administração Escolar; Hierarquia.

**Abstract:** This article aims to analyze the administrative role of the chaplain, expanding while defining its focus: expanding to present a new method of work that stands as manager; delimited reveal contextualized tasks your work strategy. Addressing issues of leadership and as chaplain to manage the school to lead it to the best spirituality. The figure of the chaplain should have a new reading, not as someone lower in the hierarchy, but as spiritual director of the school, placing it in the same condition authority that other members of the management team, as well as specify their work with the teachers and administration. All this paradigm shift is demonstrated challenging, however, if the chaplain is called for this function must be prepared and able to meet the new expectations.

**Keywords:** School Management; School Administration; hierarchy

## Introdução

A capelania escolar, como proposta de trabalho integrante da educação adventista tem a missão de colaborar na formação integral do ser humano, fornecendo oportunidade de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios ético-cristãos, possuindo como instrumento principal a apresentação da Bíblia como a Palavra de Deus em suas diversas formas de abordagens e práticas, para melhor compreensão, sistematiza suas atividades, utilizando-as como diretrizes para dinamizar a execução das diversidades de projetos organizados pela escola adventista e delega-se a um pastor adventista a responsabilidade de desempenhar atividades que alcancem esse objetivo.

Ao longo do tempo a capelania escolar tem sofrido diversas alterações em relação ao foco de sua atuação no formato adotado pela Rede Adventista de Educação, e mesmo hoje é provável que não exista uma definição exata e clara das atribuições do capelão adventista. Essa atividade pode tornar-se complexa em algumas situações: primeiro por causa dos diversos papéis que ele tem que desempenhar intrínseca e automaticamente por assumir a função, tais como de: conselheiro, líder, orientador disciplinar, terapeuta, conciliador familiar, mobilizador etc.; segundo, em detrimento da forte demanda de suas atividades eclesiais, que ele assume paralela ou conjuntamente ao de capelão, seja por delegação superior ou voluntariamente, já que, para o pastor adventista que ocupa o papel de capelão, o objetivo primordial do seu ministério é alcançar o pastoreio eclesial.

Outro aspecto que dificulta o desempenho profissional do capelão é a constante desvalorização do seu ministério educacional, que com certeza é herdado também do próprio trabalho docente, que não possui no Brasil a devida valorização, apesar da grande responsabilidade que envolve as atividades da área (NÓVOA, 1992) e também por não haver uma clara posição de que o trabalho pastoral na escola, não é inferior ao do pastor convencional que geralmente desenvolve suas atividades com igrejas.

O documento intitulado *EUD Education Department Guidelines For School Chaplaincy* (apud VIEIRA, 2007), organizado pela Divisão Euro-Africana da Igreja Adventista do Sétimo Dia trata de descrever uma extensa lista de parâmetros para o trabalho dos capelães, essas atribuições referem-se a:

180

- ◆ Velar pela atmosfera espiritual da instituição;
- ◆ Coordenar o evangelismo integrado: classes bíblicas, duplas missionárias, grupos de oração intercessória, projetos de evangelismo, pequenos grupos, ministério da recepção;
- ◆ Auxiliar no desenvolvimento do plano mestre de desenvolvimento espiritual;
- ◆ Ensinar classes bíblicas e de religião;
- ◆ Organizar semanas de oração;

- ◆ Organizar outras semanas ou atividades em benefício dos alunos;
- ◆ Coordenar cultos de professores e funcionários;
- ◆ Ter sessões de aconselhamento;
- ◆ Realizar períodos de Semana Santa e Semana da Colheita;
- ◆ Realizar seminários bíblicos para professores e pais;
- ◆ Colaborar com a administração no programa do sábado do educação nas igrejas;
- ◆ Promover atividades JA possíveis de serem realizadas na Instituição;
- ◆ Coordenar com os pastores dos distritos que possuem escolas, um trabalho a favor da educação cristã para crianças e jovens de cada igreja que não estão recebendo esta educação;
- ◆ Dirigir o departamento de educação religiosa para toda a escola;
- ◆ Organizar atividades de assistência comunitária, junto com os profissionais da área;
- ◆ Fazer o aconselhamento espiritual dos alunos trabalhando com os pastores do distrito escolar;

- ◆ Ser o principal responsável pela preparação dos alunos ao batismo;
- ◆ Realizar entrevistas com os alunos;
- ◆ Planejar, organizar e orientar as atividades de grupos missionários com estudantes;
- ◆ Preparar o calendário de pregações da Instituição em coordenação com a Igreja;
- ◆ Reunir-se periodicamente com os representantes de juvenis das instituições, para avaliar e orientar o trabalho realizado e a realizar;
- ◆ Trabalhar diretamente com os conselheiros pessoais a fim de orientar nas vocações do serviço missionário;
- ◆ Colaborar com a Comissão de Promoções e Relações Públicas no plano de visitação nas igrejas a fim de demonstrar o que tem de melhor na educação adventista;
- ◆ Atender, em relação direta com a secretaria psicopedagógica e a comissão de orientação e disciplina, nos casos de alunos com problemas de disciplina;
- ◆ Encarregar-se dos temas espirituais nas reuniões escolares, de pais em todos os níveis;

- ◆ Visitar os lares dos membros, se interessar por suas necessidades espirituais e velar pelo melhor desenvolvimento de sua saúde espiritual;
- ◆ Visitar aos alunos e familiares em seus lares;
- ◆ Coordenar e acompanhar a realização de retiros espirituais e os diversos níveis da Instituição.

Por vezes o capelão também realiza a atividade de professor de ensino religioso, o que exora grande investimento do seu tempo diário. Em detrimento disso, cabe ao capelão desenvolver sua função com esmera habilidade, isso acontece de maneira facilitada quando ele não executa diretamente a função de docente, na verdade existem vantagens e desvantagens quando se limita o trabalho do pastor de escola ao de professor de ensino religioso ou assumindo uma posição unicamente administrativa, restringindo-o, por exemplo a de gestor.

Como vantagem de ser professor, ele consegue desenvolver profundo relacionamento com os alunos por causa do contato diário ou semanal com eles já que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, e isso ocorre a partir das interações sociais num processo vincular. Pensando, especificamente, no ambiente escolar, a trama que se tece entre alunos e professores, não acontece puramente no campo cognitivo, existe uma base afetiva permeando essas relações e elas podem ser melhor consolidadas quando há contato direto entre eles; associando mais

diretamente com o aluno, torna-se mais fácil alcançar os objetivos do trabalho pastoral (TASSONI, 2000).

Contudo, como já foi dito, por causa da grande quantidade de tempo que ele utiliza desempenhando a tarefa de professor, geralmente o capelão não consegue realizar veementemente as demais atividades de suma importância, tais como: promoção de eventos religiosos, aconselhamento diferenciado, atendimento aos pais, ensino bíblico, reuniões administrativas, contato com a comunidade, implantação de projeto educacional religioso etc., isso acaba convertendo-se em desvantagem. Em razão desses aspectos, as escolas têm preferido adotar um modelo em que o capelão desempenha sua atividade como gestor, sendo inclusive evidenciado em algumas escolas adventistas na cidade de São Paulo mantidas pela Associação Paulista Leste da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nesse modelo o capelão assume uma posição de liderança com status administrativo, atuando como gestor das atividades espirituais.

184

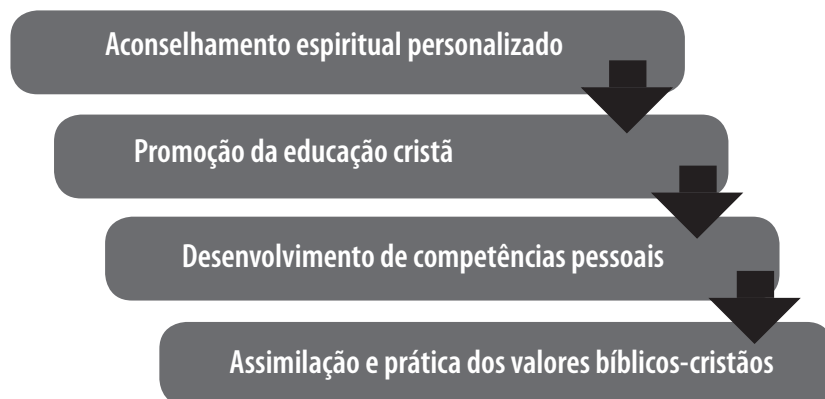
## **O trabalho pastoral do capelão**

Sem uma definição básica da posição hierárquica do pastor que atua na escola, todo o processo para execução do seu trabalho pode tornar-se difícil ou até mesmo inviável, para isso é necessário que ele desenvolva seu papel em parceria com a diretoria, coordenação, orientação e tesouraria, trabalhando alinhadamente em

equipe. O imperativo da gestão democrática nas escolas tem demandado dos pastores maior compromisso com a escola, ao mesmo tempo em que exige deles a capacidade de colaborar, de trabalhar em equipe, de discutir coletivamente. Para que isso aconteça deliberadamente, precisa-se primeiro, delimitar a área de ação de um Capelão. As escolas desempenham uma ampla variedade de tarefas e para que elas sejam executadas com mais eficiência, é imprescindível que haja uma especialização dos envolvidos. Essa especialização do trabalho é o grau em que as tarefas da escola são divididas e fragmentadas em atividades separadas.

O capelão deve especializar-se em desenvolver suas tarefas em: realizar programações promovendo a educação cristã na escola, nas igrejas ou outros ambientes; promover cursos e treinamentos de capacitação evangelística para os alunos e seus familiares, professores e funcionários da escola, dando oportunidade para que os mesmos desenvolvam suas competências e habilidades; organizar e realizar atendimento pessoal aos membros da comunidade escolar, dando assistência domiciliar, oferecendo, assim, atendimento espiritual personalizado, incluindo o ensino bíblico e conduzindo-os ao discipulado; programar atividades sociais e recreativas extracurriculares para os alunos, onde terão a oportunidade de desenvolver seus dons e habilidades no serviço à comunidade; oferecer atendimento padrão, em tempo integral, para a comunidade escolar no âmbito espiritual e familiar, realizando aconselhamentos e apresentando o conhecimento bíblico de forma sistemática e contextualizada.

Essas atividades, concentram-se em 4 áreas, e são melhor demonstradas no diagrama abaixo:



186

A realidade educacional mostra que o capelão como gestor, pode fornecer importante contribuição com o papel de articulador e integrador dos processos educativos que se constroem no interior da escola, pois a visão espiritual e missionária que ele possui deve influenciar cada decisão tomada pela instituição.

## **A posição hierárquica do capelão dentro da escola**

Estruturas organizacionais são instituídas para dar suporte a todos os envolvidos em realizar suas funções e fortalecer a liderança. Para que os componentes da equipe de trabalho da escola possam realizar eficientemente as suas tarefas, deve existir a hierarquia administrativa clara. Chiavenato (2004, p. 290) pontua que a função

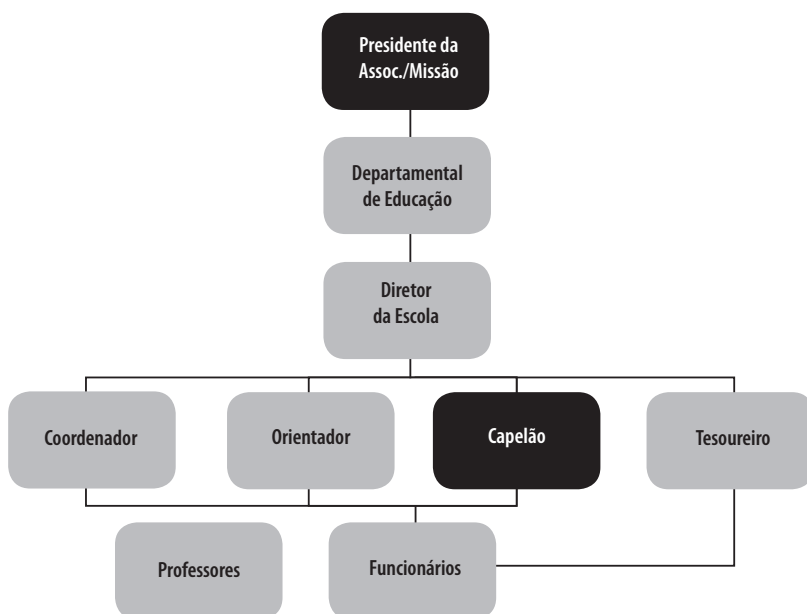
principal da hierarquia é assegurar que as pessoas executem suas tarefas e deveres de maneira eficiente e eficaz. A hierarquia administrativa refere-se ao número de níveis de administração que uma organização adota para assegurar a realização das tarefas e o alcance de seus objetivos, ou seja ela existe para assegurar que o trabalho dividido entre os diversos membros da organização seja devidamente executado.

É de suma importância que o capelão conheça muito bem qual a sua posição hierárquica dentro da instituição a qual trabalha, pois, dependendo daquilo que a instituição propõe para a posição do capelão, sua área de ação aumenta ou diminui. O capelão não tem autoridade administrativa, mas sim uma autoridade de responsabilidade e de reconhecimento, até mesmo pelo objetivo da instituição escolar, uma vez que ele é o responsável espiritual de uma escola, é ele quem determinará até certo ponto o nível espiritual da mesma.

O Capelão deve ser o elemento catalizador entre todos os departamentos da esfera da escola, ele é o responsável por fazer a ligação espiritual de todos os elementos que compõem esse ambiente. Para que o pastor da escola assuma a posição de gestor espiritual não deve estar em posição hierárquica em que ele não tenha autonomia para alterar processos educacionais, ele deve ser investido de autoridade que o permita se envolver de tal maneira nas decisões do corpo administrativo que sua influência como líder espiritual seja consolidada. Para tanto, o ideal é que o capelão tenha o mínimo de conhecimento pedagógico que o habilite a compreender toda a complexidade do trabalho educacional.

Se ele é posto em posição, tal qual a de um funcionário comum, a qual sua opinião e influência não alcance a tomada de decisão,

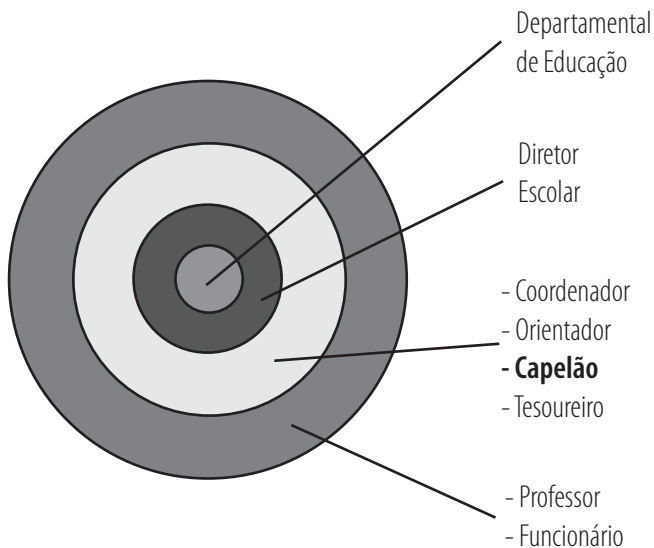
difícilmente conseguirá realizar seu trabalho com eficiência. Como opção para alcançar seu objetivo o capelão acaba apelando para o uso de sua influência por meio do relacionamento interpessoal, o que, com certeza não é o ideal. A estrutura e clima organizacional tem que oferecer um papel agregador para o funcionamento do trabalho em equipe permitindo que prosperem relações apropriadas ao ambiente espiritual da escola. Para tanto o cronograma abaixo apresenta a posição ideal do capelão na hierarquia organizacional:



Nesse organograma, o capelão está subordinado apenas ao diretor da escola devendo dar conta do seu trabalho e recebendo orientações apenas a ele e seus superiores, estando em igualdade de autoridade com

o coordenador, orientador e tesoureiro. Sua autoridade deve estar sobre professores, funcionários e com certeza sobre os alunos.

No organograma vertical (também chamado de clássico), que foi apresentado acima é mais usado para representar claramente a hierarquia na instituição, mas o organograma circular (ou radial) exemplificado abaixo, é exatamente o contrário, usado quando se quer ressaltar o trabalho em grupo, não há a preocupação em representar a hierarquia. É o mais usado em instituições que exige grande empenho do voluntariado, onde cada área e seus setores têm igual importância dentro do processo e que com certeza demonstra uma visão mais clarificada o se quer ressaltar nesse artigo, já que não é intenção dele despertar um espírito competitivo:



Assim, um ponto importantíssimo que pouco se tem observado é que nas instituições que suportam um Capelão deveria ser implementado o Departamento de Capelania Escolar. Cada instituição ao destacar um obreiro para desempenhar a função de Capelão deve estar bem ciente de que estará delegando a esta autoridade para ser o responsável pela coordenação das atividades espirituais da escola

O Capelão, nessa função, tem que ter liberdade suficiente para definir, o que deve ou não ser levado avante no que concerne à escolhas das atividades espirituais, salvaguardando claro, os princípios bíblicos defendidos por nossas instituições e sem dúvida, as particularidades de cada uma delas e de seus dirigentes.

## Considerações finais

A Capelania Escolar foi criada para oferecer conforto espiritual, dando ânimo e esperança, independente de crença ou religião, auxiliando na manutenção do equilíbrio emocional, tão importante nos momentos de adversidade.

O capelão como gestor das atividades espirituais, é o responsável pelo clima espiritual da instituição, é sua incumbência assegurar que seus liderados tenham possibilidade de estar em profundo relacionamento com Deus. Ele tem uma função mediadora, no sentido de revelar/desvelar o significado da missão discipuladora da escola, para que a direção, professores, funcionários e alunos elaborem e compreendam qual seja sua verdadeira função de discipulador no ambiente escolar e fora dele.

Como articulador, seu papel principal é oferecer condições para que a equipe de trabalho alcance qualidade na coletividade, instaurando na escola o significado do trabalho coletivo, para isso é fundamental que ele possibilite ações de parceria, de modo que, movidos por necessidades semelhantes, (as pessoas) se implicam no desenvolvimento de ações para atingir objetivos e metas comuns às de Cristo, de modo a pôr em movimento a escola em direção a cumprir sua missão evangélica; como formador, compete-lhe oferecer condições para que todos se aprofundem em sua área com influência positiva; como transformador, cabe-lhe o compromisso com o questionamento, ou seja, auxiliar a equipe a ser reflexiva e crítica em sua prática missionária. Só assim a escola se instituirá não apenas como espaço de concretização da sua missão de ensino, mas também como espaço de mudança na comunidade (ORSOLON, 2005).

## Referências

CHIAVENATO, I. **Administração nos novos tempos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

ORSOLON, L. A. M. O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TASSONI, E. M. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VIEIRA, E. C. **A influência da capelania no crescimento espiritual da escola.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidad Adventista del Plata, Argentina, 2007.

# Capelania hoje

Paulo Gregório Costa da Silva<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Vandeni Clarice Kunz<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta as três aéreas de atuação de um capelão, a capelania militar, hospitalar e educacional. O presente artigo demonstra o que o capelão realiza nestas áreas anteriormente citadas e como funciona a capelania hoje nestes setores.

**Palavras-chaves:** Militar; Hospitalar; Educacional.

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: paulo.gregorio@adventistas.org.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

**Abstract:** This paper presents the performance of three flights a chaplain, military, educational and hospital chaplaincy. This article demonstrates that the chaplain performs these areas mentioned above, and as the chaplain works in these sectors today.

**Keywords:** Military; Hospital; Educational.

## Capelania hoje

O presente capítulo propõe expor o ofício de capelania em suas áreas de atuação: capelania militar, hospitalar e educacional. Começaremos com a capelania militar, depois a hospitalar e por fim, a educacional.

194

## Capelania Militar

A capelania militar existe desde há muito tempo; não só nas forças armadas, Exército, Marinha e Aeronáutica como também na Polícia Militar e Corpo de Bombeiros.

Podemos remontar a história do início da capelania militar no Brasil no século XIX com a vinda dos primeiros missionários norte-americanos para o Brasil.

Segundo Giraldi (2012, p.148), o Brasil passou por um período de instabilidade política nas décadas de 1830 e 1840 e começou a segunda metade do século XIX com importantes conquistas; o ensino

público passou a ser maiormente difundido; o tráfico negroiro foi abolido em 1850, e os traficantes de escravos expulsos do Brasil.

Tais acontecimentos repercutiram muito bem nos Estados Unidos e Europa, o que motivou o envio de missionários para o Brasil.

Na década de 1850 em nosso país o primeiro missionário a exercer um trabalho permanente, segundo GiralDI (2012, p. 149), foi o pastor presbiteriano Rev. James Cooley Fletcher (1823-1901), que após longos anos de um trabalho frutífero no Brasil, se tornou uma das figuras mais importantes no processo de introdução da Bíblia no Brasil.

Sobre a trajetória de Fletcher, conforme GiralDI:

Fletcher fixou residência na cidade do Rio de Janeiro, onde passou a exercer uma dupla função de capelão e missionário. Como capelão da Sociedade Americana dos Marinheiros, deu assistência espiritual aos marinheiros que passavam pelo Rio de Janeiro [...] como o canal do Panamá ainda não havia sido construído, os navios que saíam da cidade de Nova York com destino ao Estado da Califórnia tinham que contornar toda a América do Sul passando pelo Rio de Janeiro. Por isso milhares de marinheiros americanos transitavam pelo porto do Rio de Janeiro a caminho da Califórnia, na costa Oeste dos Estados Unidos, via Estreito de Magalhães (GIRALDI, 2012, p. 150-151).

Em seu trabalho como capelão, acrescenta GiralDI (2012, p. 152) que Fletcher além dos marinheiros americanos, ele também atendia aos marinheiros ingleses e alemães, pois não tinha outro capelão protestante na cidade para atendê-los. Ele também realizava os cultos

nos navios, visitava os enfermos nos hospitais e nas embarcações e celebrava os batismos e casamentos.

Segundo Barry C. Black (2008, p. 107-112) como capelão da marinha dos Estados Unidos, em 1979 na Filadélfia, Pensilvânia, ele estava em uma base naval e seu trabalho era prestar apoio pastoral para os navios da base e atender os marinheiros para aconselhamento e também a tarefa de realizar casamentos e chegou a atuar como professor na Academia Naval.

Hoje a capelania está presente nas forças armadas, e segundo o Portal da Marinha do Brasil<sup>4</sup>, os padres ou pastores precisam fazer um concurso para ingressar nas forças armadas e sendo aprovados passam por treinamento militar e ingressam no corpo de oficiais como capelães.

196

O capelão começa recebendo um salário inicial de R\$ 5 mil, e pode chegar a R\$ 11 mil, no caso da Aeronáutica, quando o capelão atinge o posto máximo de coronel, que é o posto máximo que o capelão pode alcançar neste caso.

Cavallini diz em sua reportagem ao site G1<sup>5</sup> que quando se fala de concursos para capelães militares católicos, são aceitos candidatos do sexo masculino, pois somente padres podem concorrer.

Nos concursos para capelães evangélicos, dependendo da corporação, são aceitos candidatos de ambos os sexos, como é o caso do Exército. O órgão, assim como a Marinha e a Aeronáutica, limita a idade dos candidatos. Passar para indireta

.....  
<sup>4</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2fAUP9a>>. Acesso em: 27 de julho de 2014.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://glo.bo/2pJ9DFI>> Acesso em: 24 de julho de 2014.

Ainda segundo fonte do site de notícias G1, Cavallini acrescenta:

Os requisitos para admissão ao cargo podem variar entre as corporações militares, mas em todas é exigido que os candidatos sejam padres ordenados ou pastores ordenados, precisam ter formação superior em teologia e pelo menos três anos de atividades como sacerdote ou pastor<sup>6</sup>.

O candidato a capelão militar para ingressar realizará provas objetivas e discursivas, teste de aptidão física, avaliação psicológica, exame médico, investigação social e da vida pregressa e prova de títulos, e então após isso o candidato receberá um treinamento militar para atuar; este pode ser de 13 a 39 semanas, dependendo da força armada que o capelão atuará.

Ao ser aprovado no concurso específico, o militar capelão é matriculado em curso militar de Estágio e Adaptação de Oficial Capelão.

Embora tenha treinamento militar, o capelão atuará como responsável por celebrar casamentos, batizados, formaturas, visitar hospitais e enfermarias, prestar aconselhamento e participar de cerimônias oficiais e inaugurações militares. A rotina do capelão militar é a de prestar atendimento ao contingente e seus familiares, de uma região militar, quando solicitado.

Segundo a Constituição Federal Brasileira (1988)<sup>7</sup> «É assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades

.....  
<sup>6</sup> Disponível em: <<https://glo.bo/2pJ9DFI>>. Acesso em: 24 de julho de 2014.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2pqUHud>>. Acesso em: 28 de julho de 2014.

civis e militares de internação coletiva” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, ART. 5º, VII).

## Capelania hospitalar

Tomando por base o ministério de Cristo como referido no evangelho de Mateus no capítulo 4 e no verso 23, “percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo”, encontramos a base para um ministério de conforto e auxílio aos doentes exercido por um pregador do evangelho, isto é, um capelão que pode atuar na área hospitalar.

198

Segundo Ellen G. White (2006a, p. 17-18),

A obra do Salvador não era restrita a qualquer tempo ou lugar. Sua compaixão desconhecia limites. Em tão larga escala realizava Ele Sua obra de curar e ensinar [...] e em todo lugar a que os doentes lhe podiam ser levados, aí se encontrava seu hospital. As religiões de origem cristã desenvolvem atividades juntos aos enfermos, seja por visita-los para uma oração ou outros cuidados, ou ainda por ofertar em hospitais o serviço de capelania hospitalar.

Ainda segundo White (2006b, P. 174-175)

Os doentes necessitam que se lhes digam palavras sábias. A influência de cada obreiro deve exercer sobre as mentes uma impressão em favor da religião de

Cristo”. E “Não deve haver divisão entre o ministério e a obra médica”. O médico deve trabalhar em igualdade com o ministro, e com igual fervor e inteireza para a salvação da alma, tanto quanto para a salvação do corpo.

No livro *a Ciência do Bom Viver* capítulo dezesseis, Ellen G. White (2006a) trabalha o tema da oração pelos doentes, bem como no livro *Medicina e Salvação* (WHITE, 2006b) nas páginas 192 e 195 são citados o trabalho de visitação e oração pelos doentes.

A Bíblia em Tiago 5:14 e 15 oferece subsídios para intervenção religiosa, espiritual na vida dos enfermos quando diz: “está alguém entre vós doente Chame os presbíteros da igreja, e estes farão oração por eles. E a oração da fé salvará o enfermo”.

Assim sendo desde os primórdios da igreja Adventista do 7º Dia no Século XIX é exercido um trabalho de assistência espiritual nos hospitais Adventistas. Hoje em Hospitais de diversas denominações religiosas está presente a figura do capelão hospitalar.

Ao realizar uma busca na internet podem ser encontrados diversos sites sobre capelania hospitalar, como o site [abceh.com.br](http://abceh.com.br), Associação Capelania Evangélica hospitalar, esta fundada em 1983 pela capelã Eleny Vassão de Paula Aitken que foi capelã evangélica titular do Hospital das Clínicas da FMUSP, que organizou cursos de capelania hospitalar e a própria associação já aqui citada que desenvolve um projeto de capacitação para aqueles que querem atuar como capelães na área hospitalar; o referido site fala do trabalho de capelania hospitalar como sendo o trabalho de acolhimento ao paciente e sua família que muitas vezes tem de permanecer no hospital por longo tempo o que causa grande stress

Ainda outro site como o da Confecap que é o Conselho Federal Evangélico de Capelania Hospitalar refere-se ao trabalho desta instituição como: prestar assistência humanitária voluntária em hospitais e presídios, atendendo internos, enfermos, familiares e funcionários, dando-lhes auxílio espiritual, emocional e social.

Podemos perceber que os referidos sites citados acima demonstram uma mesma obra desenvolvida em hospitais com suas ligeiras diferenças ou peculiaridades, ou seja, a capelania hospitalar é um trabalho de acolhimento ao paciente e em muitos casos aos familiares deste, e também aos funcionários da unidade hospitalar, prestando auxílio espiritual em momentos de fragilidade emocional e espiritual. O capelão procura se colocar à disposição ou espera ser solicitado e então pode oferecer uma oração, conselho ou simplesmente ouvir.

200

O capelão trabalha em conjunto com a equipe médica e de assistência social e direção do hospital.

Por falta de material de pesquisa, tais como livros para descrever a capelania hospitalar, duas entrevistas foram feitas com capelães de hospital e estão no apêndice deste artigo para aclarar a obra do capelão de hospital.

## **Capelania escolar ou educacional**

Agora falaremos sobre a capelania educacional ou escolar; exercida em escolas cristãs confessionais, como na escola Adventista por exemplo.

Segundo Douglas Menslin (2012, p. 122) O capelão escolar na rede Adventista tem como a principal razão da existência a evangelização. Sendo assim o capelão escolar deve procurar desenvolver: estudos bíblicos e classes bíblicas, pequenos grupos, visitas aos lares dos alunos, visita aos lares dos professores, visitas às salas de aula; deverá oferecer orientação espiritual aos alunos e funcionários da unidade escolar, promover as semanas de oração e outras semanas especiais.

E Menslin (2012, p. 127-129) acrescenta ainda sobre o tema, que em sua rotina diária na unidade escolar o capelão deverá manter o culto diário para professores e funcionários, o devocional para os alunos em sala, reuniões de capela escolar de cunho religioso.

Há alguns casos em que o capelão também é o professor de ensino religioso para algumas turmas no colégio; o que torna possível uma proximidade maior com os alunos.

Relembrando do início da educação Adventista no Brasil, Vieira (2011) relata que as aulas do Colégio Internacional de Curitiba, por exemplo, começavam com oração e cânticos, e que ainda aos sábados havia cultos onde muitos alunos não adventistas participavam; o que indica que o cuidado espiritual religioso naquele colégio acontecia como um verdadeiro setor de capelania.

Vieira (2011) ainda faz saber que no início da Igreja Adventista no Brasil, isto é, nos três primeiros anos, já havia em funcionamento duas escolas com orientação denominacional cristã, a saber, as escolas de Gaspar Alto e o Colégio Internacional de Curitiba. Ele nos faz lembrar que a base fundamental era a Bíblia.

Ou seja, desde os primórdios a educação Adventista no Brasil trabalha a espiritualidade do aluno; trabalho este desenvolvido pelo capelão/pastor da instituição de ensino. Segundo Renato Gross (2013) Martinho Lutero participou ativamente no processo de criar escolas em que a orientação espiritual estivesse presente.

Martinho Lutero revelou grandes preocupações em criar escolas protestantes, em reformar os currículos para, além de uma nova igreja, criar uma nova mentalidade. Sua crença no poder transformador da educação era profunda. Para ele, essa era a maneira mais segura de formar um novo homem religioso (GROSS, 2013, p. 104).

No caso da rede educacional adventista, existe o serviço de um capelão em escolas de externato que tem ensino médio, e em escolas de internato, isto é, aquelas em que o aluno reside no colégio.

202

Segundo Ferreira:

A capelania escolar é um serviço de assistência espiritual, emocional e social, que é oferecido no ambiente escolar. Ainda segundo Sérgio, o ambiente escolar proporciona lidar com os diferentes problemas que atingem crianças e adolescentes, e possibilita praticar a missão ao se apresentar o evangelho de Cristo. O capelão é peça fundamental para aconselhar, mobilizar equipes para promover palestras que atendam às necessidades dos juvenis e adolescentes. A capelania deve usar o elemento da convivência o que é de muita eficiência para atender alunos e funcionários da unidade escolar<sup>8</sup>.

.....  
<sup>8</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2p9h1sc>>.

Marsan em seu blog sobre capelania escolar escreveu sobre qual deve ser o interesse da capelania : “A Capelania escolar se interessa pela vida integral do ser humano, e isso abrange a geração da vida eterna dentro da personalidade humana, em direção à semelhança com o Deus que a dá”.<sup>9</sup>

E acrescenta ainda que

A Capelania dirige sua atenção para o desenvolvimento de toda a realidade humana, para que possa refletir com perfeição cada vez maior a personalidade de Jesus Cristo, nosso maior exemplo de Mestre, servo e Senhor<sup>10</sup>.

Concluimos que a capelania hoje está, maiormente desenvolvida nestas três áreas de atuação do capelão: Capelania militar, Hospitalar e Escolar.

Percebemos que independente do setor de atuação, o trabalho terá o mesmo cunho: acolher, aconselhar, orientar e apresentar o evangelho bíblico para os que lhe procuram ou para aqueles que o capelão percebe que precisam de auxílio, mas não sabem e o capelão pode se colocar à disposição.

203

## Referências

BLACK C., B. **Sonho Impossível**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

.....  
<sup>9</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2pciONM>>.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2pciONM>>.

VIEIRA, C. R. **Primórdios Criacionistas da Educação Adventista no Brasil:** destacando a contribuição de um pioneiro. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2011.

GIRALDI, L. A. **A Bíblia no Brasil Império.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

GROSS, R.; GROSS, J. **Filosofia da educação adventista:** uma abordagem adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

MENSLIN, D. **O que esperam de mim na gestão escolar.** Curitiba: Editora M. M., 2012.

WHITE, E. G. **A ciência do bom viver.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006a.

204

\_\_\_\_\_. **Medicina e salvação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006b.

## **Apêndice a - entrevista sobre capelania hospitalar**

PASTOR DJALMA ALVES - CAPELÃO DO HOSPITAL ADVENTISTA SILVESTRE.

### ***1. Como funciona a capelania hospitalar em nossos hospitais?***

Capelania hospitalar, no Hospital Adventista Silvestre, é um ministério de conforto e apoio ao paciente, acompanhantes, familiares e cuidadores.

### ***2. Qual a rotina do capelão do Hospital Silvestre?***

Funcionamos de segunda a sábado, desde as 07 da manhã às 17h. Periodicamente, oferecemos semanas especiais para plantonistas da

noite e ficamos de sobreaviso para situações emergenciais. Realizamos cultos diários nos diversos setores do hospital, aconselhamento diverso, visitas aos pacientes, e evangelismo pessoal, treinamentos a novos funcionários etc.

### ***3. Como se dá o acolhimento para os pacientes?***

A regra principal é: Capelão não tem uma agenda para tratar com o paciente, um sermão para pregar, um conselho para dar, um verso para ler etc. O pressuposto é que o paciente tenha a agenda. Se não tem ou não fez planos para compartilhar, é papel do capelão “entrar” nessa agenda através de seu interesse cuidadoso, disponibilidade, capacidade técnica para acessar a “alma”, falar da dor, da frustração, da impotência, do fim da vida, família, negócios, sexualidade, sonhos etc. O que quero dizer é que cada dia, cada leito visitado, cada abordagem é uma surpresa. Lidamos com as mais diferentes realidades. Para cada uma, uma resposta direcionada.

### ***4. Como é o atendimento para os funcionários do Hospital?***

Para muitos funcionários adventistas, o capelão do hospital é o pastor mais presente em sua vida, apesar do pastor de sua igreja. É imperativo que o capelão ofereça apoio e desenvolva estratégias para alcançar essas pessoas, “salvá-las”. Não é incomum o “esfriamento” espiritual/religioso/denominacional em pessoas que prestam serviços de saúde nos hospitais adventistas. O que impõe a necessidade de agendar encontros, visitas pastorais nos setores, aconselhamento conjugal, muitas vezes; orientação doutrinária, frequentemente; semanas de reavivamento etc.

### ***5. Como acontece o evangelismo no hospital?***

206 É diário! É dinâmico! É desafiador! O hospital é ameaçador para quem quer que chegue ali. De modo que, o evangelismo começa pelo contato acolhedor e desestressante. Este é um papel de cada colaborador do hospital. O que requer atenção e treinamento contínuo. O evangelismo torna-se especializado, por que não se pode aproveitar a fragilidade alheia para pregar. É antiético! Lidamos com as mais diferentes realidades religiosas e não religiosas: católicos e cristãos em geral, espíritas, budistas, judaísmo, testemunhas de Jeová, adventistas do sétimo dia, ateus, agnósticos etc. Cada grupo com suas esperanças fundamentadas em crenças e frustrações também fundamentadas em crenças. O evangelismo do hospital é pessoal! É saber lidar com essas realidades e construir pontes para o Salvador. O evangelismo no hospital não pode ser proselitista, focado no certo ou errado, numa verdade dogmática, uma igreja melhor do que a outra. O paciente percebe quando está sendo respeitado e valorizado! Frequentemente nos deparamos com decisões e chegamos até batizar alguns deles. Este ano, 2014, já foram 04 pacientes, dois funcionários e temos mais 06 na preparação. Dá fruto, só precisamos saber semear, abordar e conduzir o processo. Este é o nosso evangelismo!

Djalma Alves  
Capelão

## Apêndice b - entrevista sobre capelania hospitalar

PASTOR HENRIQUE EVALDO ROGALSKY - CAPELÃO DO HOSPITAL EVANGÉLICO DE CURITIBA.

1) Qual sua função no Hospital Evangélico de Curitiba? A minha função é a de coordenador da capelania do HE (Hospital Evangélico de Curitiba), e da SEB (Sociedade Evangélica de Curitiba).

2) Como funciona a capelania do Hospital Evangélico de Curitiba? São dezoito (18) capelães que atendem os vários setores do hospital; estes setores estão divididos por andares do hospital. Há por exemplo um capelão só para a UTI do hospital e todas as visitas da UTI tem a supervisão do capelão que acompanha a família em toda a visita, e não só isso o capelão é quem entra em contato com a família caso a equipe médica precise se comunicar com os familiares do enfermo que está na UTI. O capelão trabalha em sintonia com a equipe médica, de psicologia e serviço social.

3) Qual a rotina do capelão no HE?

4) Cada capelão tem uma rotina no seu setor visitando todos os pacientes; uma triagem é feita pelo capelão que identifica aqueles que precisam de mais atenção e, por exemplo, cuidados de outros profissionais como psicólogos ou psiquiatras; o encaminhamento é feito então pelo capelão. A capelania do hospital desenvolve algum atendimento para os funcionários do HE? Sim. Acontecem cultos voltados aos funcionários, de terça-feira a sexta-feira pela tarde. Também são feitos devocionais para os funcionários nos setores antes de começar

o trabalho. Há salas pastorais para atendimento que também estão disponíveis para os funcionários do HE.

5) O que o senhor mais gosta na capelania hospitalar? A oportunidade de divulgar o evangelho do reino de forma pura, desvestida de religião. Impressiona por exemplo o fato de falar do amor de Deus em uma UTI.

O pastor Henrique E. R. é capelão do HE desde 2008 e desde 2000 já atuava em capelania educacional. É de religião Menonita e descendente de poloneses de uma colônia Menonita na Rússia e que vieram para o Brasil no século XIX.

# O papel do capelão na formação da cosmovisão dos alunos

Paulo Roberto de Souza Moraes<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Vandeni Clarice Kunz<sup>3</sup>

**Resumo:** Se vive um contexto social onde a filosofia, socioeconomia e científico-tecnologia tem afastado as pessoas de Deus. Por viver neste conflito, as mentes dos estudantes são moldadas por uma sociedade pós-moderna. Nesta realidade, põe-se com urgência a ação pastoral no

.....  
<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: prof.paulo.moraes@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

âmbito escolar. Com a função de desenvolver uma prática divina de acordo com uma cosmovisão bíblica do plano Deus.

**Palavras-chave:** Capelania; Formação; Cosmovisão

**Abstract:** if you live in a social context where philosophy, the socio-economic and technological scientific God has removed many young people. By living in this conflict, the minds of the students are shaped by a postmodern society. This reality puts up with urgent pastoral action in schools. With the function of developing a divine practice according to a biblical worldview of God's plan.

**Keywords:** Chapellancy; Formation; Cosmovation

210

## Introdução

O papel do capelão na formação da cosmovisão dos alunos é um eixo importante para se alcançar uma sociedade mais fraterna e menos agressiva. A capelania escolar tem um papel formidável na formação da ética, moral e espiritualidade dos alunos. É um ministério que ensina valores do evangelho, é um ensino que não passa, mas marca a vida de quem aprende.

A formação do caráter é a obra mais importante que já foi confiada a seres humanos; e nunca antes foi seu diligente estudo tão importante como hoje. Jamais qualquer

geração prévia teve de enfrentar transe tão momentosos; nunca antes jovens foram defrontados por perigos tão grandes como hoje (WHITE, 2008, p. 225).

Nesta época onde os alicerces familiares que são a base da educação têm sofrido abalos contundentes. A capelania escolar é significativa e possibilita o homem há uma exteriorização cada vez mais adequada do seu caráter. Refletindo com perfeição a personalidade de Jesus Cristo, o maior exemplo de Mestre.

Portanto, este artigo tem como objetivo mostrar a importância do capelão na construção de uma Cosmovisão Bíblica Espiritual de acordo com o plano Educacional de Deus para o auxílio e fortalecimento espiritual dos alunos.

Trata-se de um estudo exploratório, para tanto, vai se concentrar em aprimorar ideias e conhecer o conteúdo do tema pesquisado. Com a importância de investigar o que é cosmovisão? Qual a importância de uma Cosmovisão cristã? Qual o papel do capelão na formação de uma Cosmovisão cristã?

211

## **Desenvolvimento**

### O que é cosmovisão?

De acordo com Boehler et al (2003), a cosmovisão fornecerá uma melhor maneira como a pessoa ver o mundo, pois toda pessoa tem uma cosmovisão, ou seja, uma percepção do mundo. Para ele a

cosmovisão é um conjunto de ideias e princípios éticos que influenciam todo o pensamento. Acrescenta a ideia que a cosmovisão possui uma conotação filosófica e ela funciona como guia para o indivíduo que irá nortear suas decisões de vida.

No livro *O universo ao Lado*, Sire (2009, p.16) traz a seguinte definição de cosmovisão:

Uma cosmovisão é um comprometimento, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser total ou parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas), que detemos (consciente ou subinconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o alicerce sobre o qual vivemos, movemos e possuímos nosso ser.

212

Neste ponto de vista, Sire (2009) diz que a cosmovisão é um conjunto de pressuposições sobre a formação básica do mundo. É o sistema de crenças completo e fundamental de uma pessoa.

Já Geisler (1997) define que a concepção de cosmovisão é como uma lente intelectual que se enxerga melhor o mundo. Logo a cosmovisão influencia na vida direta do ser humano.

Para Geisler (1997) existem sete cosmovisões básicas. Que ele define como as sete formas de enxergar o todo que são: Teísmo, Deísmo, Ateísmo, Panteísmo, Panenteísmo, Teísmo Finito e Politeísmo. Com exceção da relação muito próxima entre o Panteísmo e Politeísmo, para Geisler não há compatibilidade entre as demais cosmovisões (GEISLER, 1997).

Para o Teísmo, a cosmovisão está voltada para um Deus infinito e pessoal que existe além do universo e no universo. E Ele criou todas as coisas e sustenta tudo de modo sobrenatural. O ser humano na concepção teísta é um ser imortal por conta do pecado e suas escolhas. Contudo, são suas escolhas que determinarão se viverão eternamente com Deus ou eternamente separados. Os princípios éticos do Teísmo se baseiam na natureza de Deus. Já o Deísmo acredita que Deus está além do universo, mas não nele. Defende uma visão naturalista de mundo, assim Deus não age sobrenaturalmente naquilo que criou. O ser humano na visão deísta é muito inferior a Deus, por isso não há motivo para dizer que Ele se ira com o mal do mundo ou se ofende com as escolhas e o pecado do ser humano. Para o Deísmo o homem tem que se arrepender dos seus erros e viver conforme as leis éticas, pois a alma é imortal e está sujeita a recompensa ou ao castigo depois da morte.

213

Na visão ateísta não existe nenhum Deus além do ou no universo. Afirma que o universo físico é tudo que existe. Tudo é matéria autossuficiente. O ser humano veio de um processo da evolução e ele não tem destino, pois será aniquilado. E o mal é causado pela ignorância humana e pode ser derrotado pela educação. Para o Ateísmo a ética é relativa, determinada pela situação.

Para o Panteísmo Deus é o todo universo. Não há um criador distinto, criador e criação são a mesma realidade. O universo é Deus, a matéria é Deus, as pessoas o são. Tudo é Deus. Na visão panteísta o verdadeiro “eu” do homem é Deus e seu destino está determinado por ciclos de vida. Já o mal é uma ilusão e será reabsorvido por Deus. Seus princípios éticos são bem relativos.

No panenteísmo, Deus está no universo, como a mente está no corpo. O universo é o corpo de Deus. Já para o Teísmo finito existe um Deus finito além do e no universo. Deus é limitado em natureza e poder. Aceitam a criação, mas negam a intervenção. Em controversas o Politeísmo defende a ideia que existem muitos deuses além do mundo e nele. Tais deuses influenciam na vida humana, porém o Politeísmo nega a existência de Deus infinito.

Na medida que se aprofunda neste tema, é possível compreender duas ideias básicas. A primeira é que existem cosmovisões distintas, mas não é possível concordar coerentemente com as suas ideias centrais. E a segunda é que a realidade ganha sentido se é usado lentes corretas, ou seja, é preciso visualizar qual a cosmovisão coerente e verdadeira.

O filósofo cristão Knight (2002) diz que Deus é o elemento crucial de qualquer cosmovisão, é o que ela diz sobre Deus. As diferentes concepções sobre a figura do divino marcam a distinção entre as principais visões de mundo.

Para Knight a verdadeira cosmovisão contém respostas para os cinco grupos de crenças e essas respostas são coerentes, pois são baseadas na Bíblia: Deus, Metafísica, Epistemologia, Ética e Natureza humana (KNIGHT, 2002).

Na metafísica, ele destaca como uma cosmovisão o que inclui respostas a questões como: qual a relação entre Deus e o universo? Um Deus pessoal e onipotente? A Epistemologia é o próprio conhecimento, que também inclui respostas: É possível saber, entender e conhecer? Existe verdade? A verdade é absoluta ou relativa? O conhecimento sobre Deus é possível? Já a Ética busca responder indagações sobre a moral do ser

humano e a Antropologia que na cosmovisão inclui crenças sobre a própria natureza do ser humano, responde perguntas tais como: Qual sua origem? Existe vida após a morte? A vida tem um propósito?

Portanto, concluiu-se que cosmovisão é a maneira de interpretar o mundo, e todo o indivíduo há possui mesmo que não tenha a menor ideia do seu significado. Contudo, existem uma gama muito variada de cosmovisões, modelos pelo qual as pessoas interpretam a realidade, as diferentes maneiras de como entender o mundo. E para isso é preciso escolher uma cosmovisão que vá de acordo os princípios bíblicos, aquela que coopera com o propósito divino, que transmite o conhecimento de Deus, que molde o caráter em harmonia com o Seu (WHITE, 2008).

## **Qual a importância de uma cosmovisão cristã?**

215

Para se compreender a importância de uma Cosmovisão cristã é preciso primeiro responder. Qual o aspecto da sociedade no século 21 e para onde ela se encaminha?

Em nossa sociedade nota-se uma tendência cada vez mais de mudanças, o surgimento de novas filosofias vem trazendo uma constante mudança na família, na sociedade, na política, na maneira de ser e de viver.

Uma sociedade que vive a ausência do absoluto e da verdade. Ou seja, nada é verdade e nada é mentira, o que se tem como concepção de verdade logo é a verdade. Isso é relativo a cada indivíduo demonstrando assim uma sociedade caracterizada por aquilo que é pagão.

Desta forma o homem vem se afastando do seu Criador como descreve Izquierdo (2003, p. 20) antes deste vazio de Deus na vida do homem, ele implementou três ídolos de sua vida: o desejo de poder, o desejo por dinheiro, e a busca do prazer. Sua moral é: aproveitar e desfrutar à custa de qualquer outra coisa.

Isso descreve uma sociedade pós-moderna que não querem nada com uma cosmovisão cristã e recusam uma visão integrada e coerente dos diversos aspectos da realidade.

Segundo Gastaldi (1996), a pós-modernidade não está interessada em grandes projetos ou em ideologias dogmáticas, pois todas fracassaram na era da modernidade. Afirmando que não há valores absolutos, senão só pedaços da verdade, concluído que tudo é relativo. Portanto, desaponta o fundamento da ética e da moral.

216

Os valores morais deixam de existir, para dar lugar a uma ética e moral individualizada, criando um estilo de vida egocêntrico. Gastaldi (1996), diz que cada indivíduo possui sua ética e moral de acordo com seu prazer, uma sociedade que não se importa com seu próximo, cada um por si mesmo.

Gerando um conflito social que é bem exposto nas classes ricas e pobres, crise de uma sociedade capitalista, onde reina em primeiro lugar o fator econômico. Uma crise que não é apenas financeira, mas sim humana.

O mesmo diz Boehler et al (2003) que a falta de humanização e harmonização traz o empobrecimento da humanidade e a degradação do amor. Conseqüentemente, a sociedade sofre com o aumento da violência, da discriminação social e do desemprego. Esse quadro

tem afetado a vida de jovens e adolescentes, tornando árduo o serviço de educar. Outro fator que provoca grandes revoluções em nossa sociedade é a era da tecnologia. De acordo com Reis (2013) as mudanças tecnológicas propiciam o surgimento de uma cultura digital. Para essa geração conhecida como “y” o entretenimento digital estaria ligado a aventura e fantasia.

Vivemos numa época de tecnologia, aonde muitos jovens são influenciados pelo que veem. E os efeitos da era digital trazem consigo comunicações catastróficas para a formação do caráter.

É evidente que o avanço tecnológico colabora para avanços na cura de doenças e traz um nível de vida melhor, mas de acordo com Carvalho (2000) há um contraste, o ser humano na busca de conhecimento tende a ficar independente de Deus e isso tem causado um distanciamento da criatura do Seu Criador, ou seja, o homem de Deus.

217

A internet oferece oportunidades maravilhosas para conexão, mas elas vêm sempre acompanhadas pelo perigo do isolamento. Como muitas coisas nessa vida, nós não podemos separar o perigo da oportunidade; nós podemos somente esperar caminhar em direção à oportunidade enquanto tentamos não ignorar a natureza do perigo (CARVALHO, 2000).

Segundo Reis (2013) a revolução digital pode ter benefícios, porém há pontos preocupantes. Cada vez mais jovens estão dependentes da internet. E ainda que haja um esforço comum para o desenvolvimento do caráter, os valores morais estão modificados mediante a uma sociedade pluralista, hedonista, relativista e consumista.

De acordo com Carvalho (2000) isto tudo nos traz um grande desafio, ensinar valores absolutos designados por Deus a alunos que poderão ser influenciados por estas filosofias, pois as questões filosóficas são diferentes, mas a hostilidade do mundo para com a verdade das Escrituras não diminuiu nem um pouco.

A sociedade atual é secularizada diz MacArthur (2011), por conta disso há um distanciamento da religião. O homem que tão pouco tempo era essencialmente religioso, vive hoje cada dia se distanciando mais de Deus. Complementa dizendo que a noção da fé, pecado, salvação estão quase em extinção em nosso mundo.

Este não é o momento de fazer amizade com o mundo. E certamente não é tempo de capitular aos gritos do mundo por pluralismo e inclusivismo. A menos que recuperemos nossa convicção de que Cristo é o único caminho para o céu.  
(MACARTHUR, 2011, p. 9)

218

É nessa contextualização que entra a apropriação do conceito de Cosmovisão cristã. Neste breve esboço, é preferível caminhar na argumentação dos escritos whiteanos, pela qual é um sistema interpretativo cristão, capaz de fornecer princípios bíblicos, sobre tudo, orientados pelo próprio Deus.

A cosmovisão cristã se distingue das demais em alguns pontos fundamentais. Primeiro, ela estabelece a autoridade suprema das Escrituras, entendida por White como a fonte da Educação Cristã onde todo o seu conhecimento foi desenvolvido pelo próprio Deus. Essa educação está em plena harmonia com os princípios da Palavra de

Deus e não se mistura com outras filosofias. Para ela esse é o único ponto de partida para a construção de uma Cosmovisão cristã.

Em segundo, White nos seus escritos diz que as Escrituras são objetivamente verdadeiras não existe exceções. E essa afirmação vai totalmente contra ao pensamento pós-moderno que diz que não existe uma verdade absoluta. E a verdade é uma criação da mente humana, pois as pessoas determinam sua própria realidade e, portanto, ninguém tem a verdade.

“As tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio, e cada um dos teus justos juízos duros para sempre” (Sl 119:160). É verdade porque Deus disse que é verdadeira. “Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17). Esse é o alicerce da cosmovisão cristã que está baseada na revelação objetiva das Escrituras.

Em terceiro lugar a verdadeira cosmovisão cristã está baseada no temor do Senhor, “que é o princípio da sabedoria” (WHITE, 2008).

A cosmovisão cristã vem para diferenciar das visões modernas e humanistas. É esse o princípio bíblico que deve determinar por onde devemos seguir e qual o caminho a trilhar no plano de Deus.

219

## **Qual o papel do capelão na formação de uma cosmovisão cristã nos alunos?**

O capelão exerce a principal função de ser um assistente espiritual com o papel de elevar os educandos a uma relação pessoal com Deus, com outras pessoas e consigo mesmo. E seu objetivo deveria ser guiar jovens a Jesus, o grande Salvador.

Matos (1999) diz que o capelão deve conduzir seus alunos a uma Cosmovisão cristã a partir dos fundamentos básicos da Bíblia, pois não há outro caminho a trilhar para desempenhar um papel a altura do plano de Deus.

A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro. (WHITE, 2008, p. 13).

220

A meta do capelania é reconstruir as ruínas das escolhas de Adão e Eva e guiar os alunos para o verdadeiro plano da redenção. White declara que a grande responsabilidade dos educadores, diante do mundo que se vive, é trazer em sua obra o cunho celestial, assim estaremos demonstrando a maneira como a instituição divina sobrelva o ensino do mundo.

A verdadeira educação consiste no fixar ideias que impressionem a mente e o coração com o conhecimento de Deus, o Criador, e de Cristo, o Redentor. Essa espécie de educação renovará a mente e transformará o caráter. Robustecerá e fortificará a mente contra as enganadoras insinuações do adversário, habilitando-nos a conhecer a voz de Deus [...] se nossos jovens adquirirem esse conhecimento, serão capazes de obter tudo mais que é essencial (WHITE, 2014, p. 171).

O capelania participa do processo educativo que vai colocar Deus em primeiro lugar e tornar o aluno mais santificado, refinando-lhe o caráter e o habilitando para a sociedade. A capelania escolar tem uma importância fundamental, fazer o aluno mais íntegro e fiel aos princípios bíblicos dados pelo próprio Deus.

De acordo com o White (2005a; 2005b) é dever do capelão aplicar toda a sua energia ao trabalho de restauração. Conforme afirma Hendricks (1991) o jovem é fascinante, quanto mais nos interessamos por ele, mas facilidade terá para restaurá-lo. Portanto, a capelania é um eixo importante para alcançarmos uma sociedade mais fraterna e menos agressiva. Os valores passam pela relação que o educando tem com o transcendente, o Divino.

O capelão comprometido tem a chave não só para trabalhar os valores, mas desenvolver uma vida de fé em Deus e de respeito pela dignidade de todos os seres humanos.

221

## Considerações Finais

A capelania não se limita na escola. O capelão, o mestre dessa disciplina tem que ser consciente de seu papel. Deve o capelão possuir a capacidade de ensinar com a vida os valores do evangelho, as experiências próprias de fé, que enriquecem a vida das crianças e adolescentes. É o ensino que não passa, mas marca a vida de quem aprende e percebe o afloramento de verdadeiros valores durante as fases da vida, no que se refere ao sentido do sagrado, do humano e social.

Deve-se ensinar os jovens a ter em vista o desenvolvimento de todas as suas faculdades, tanto as mais fracas como as mais fortes. Muitos têm a disposição de restringir seu estudo a certos ramos, para os quais têm gosto natural. Devemos precaver-nos contra este erro. O professor deve constantemente ter como objetivo a simplicidade e a eficiência. Deve amplamente ensinar por meio de ilustrações; e mesmo tratando com alunos mais velhos, cumpre ter o cuidado de tornar claras e evidentes todas as explicações. Muitos alunos adiantados em idade são crianças no entendimento (WHITE, 2008, p. 233).

222

A prática da capelania, não implica numa imposição de visões, crenças e práticas, mas sim numa consciência verdadeira com a crença de uma realidade objetiva que deve ser desvelada. Portanto, a capela tem sido um extraordinário meio para a formação harmônica da mente, do caráter e da personalidade de cada aluno, o tornando um cidadão útil na prática de Deus. Tendo como norte a educação cristã de ajudar a levar de volta as pessoas a uma reunião com Deus, com as outras pessoas, consigo mesmas e o mundo natural.

## Referências

BOEHLER, G.; CANFIELD, H.; MARQUES, N. G.; PEREIRA, W. P.; SILVA, E. A. **As surpresas do cotidiano**: convite à participação. São Bernardo do Campo: UMEESP, 2003.

CARVALHO, F. V. **Pedagogia da cooperação**: uma introdução à metodologia da aprendizagem cooperativa. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2000.

GASTALDI, I. **Posmodernidad y educación**. Educación Hoy. Bogotá: Santafé de Bogotá, 1996.

GEISLER, N. L. **Introdução geral a Bíblia**. São Paulo: Editora Vida, 1997.

HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas**. Venda Nova: Editora Betania, 1991.

IZQUIERDO, P. C. **Valores de cada día**. Caracas: Paulinas, 2003.

KNIGHT, G. R. **Filosofia e educação**: uma introdução à perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2002.

MATOS, A. J. A. Integrando fé e ensino na área de ciências. **Revista da Escola Adventista**, v. 4, n. 3, p. 20-24, 1999.

223

MACARTHUR, J. **Princípios para uma cosmovisão bíblica**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

REIS, D. **Geração Y**. Ivatuba: Editora IAP, 2013.

SIRE, J. W. **O universo ao lado**. São Paulo: Hagnos, 2009.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Conselho aos professores, pais e estudantes.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Mensagens aos Jovens.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da educação cristã.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005b.

# A capelania e a responsabilidade social

Sérgio da Costa Xavier Filho<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Vandeni Clarice Kunz<sup>3</sup>

**Resumo:** Compreendemos que nosso papel como seres humanos transcende ideias e objetivos envolvendo planos e conquistas apenas pessoais e familiares, embora sejam estas vivências louváveis e relevantes. Vivemos em comunidade e é dessa maneira que a vida acontece de modo mais pleno e significativo. Este olhar social nos remete a uma ação que

.....

<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: sergio.xavier@paulistasul.org.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br

visão o outro. Sendo assim, líderes de comunidades, instituições beneficentes e escolas, podem realizar projetos beneficentes que vão ao encontro das pessoas em suas necessidades. Ações sociais realizadas pela escola serão respostas importantes para sensibilizar os alunos e toda a comunidade escolar sobre o valor da solidariedade. Também ajudam a minimizar o clamor generalizado daqueles que sofrem.

**Palavras-chave:** Solidariedade; Visão do Outro; Projetos Sociais; Escola; Comunidade; Aluno; Ações Sociais; Capelania; Capelão.

**Abstract:** We understand that our role as human beings reaches beyond ideas and goals involving only personal and familiar plans and achievements, although there are things more honorable and relevant. We live in community and this is the way life happens in a more significant and better way. This social look takes us to an action pointing the other. With this, community leaders, benefiting institutions and schools can make benefitting projects that will help needy people. Social work made by schools will be important answers to touch the students and the whole scholar community about the value of solidarity. They will also help to minimize the cry of those who suffer.

**Keywords:** Solidarity; The Other's Vision; Social Work; School; Community; Students; Social Actions; Chaplain; Chaplaincy.

## Introdução

A responsabilidade social nos remete a uma participação relevante na vida da comunidade onde estamos inseridos. As experiências revelam-nos que envolver-se em ações sociais faz bem ao emocional e traz um senso de valor pessoal. Humanizamo-nos à medida que convivemos e cumprimos papéis sociais, não nos esquecendo do compromisso que temos com nossos semelhantes em suas necessidades. Os relacionamentos interpessoais, bem como, os gestos solidários são ações humanizadoras e devem ser ensinadas em todas as esferas sociais como a família, a escola, as instituições beneficentes dentre outras. Devemos nos comprometer com ações que ensinem sobre o bom convívio e o desenvolvimento da consciência social.

Com o passar do tempo, decepções, provenientes dos desgastes nos relacionamentos e a falta de entrosamento entre pessoas e comunidade, podem nos levar a um egocentrismo existencial - o que muito já se vê por aí. Deveria tais posturas individualistas cercear nossa vontade de continuar desejando e investindo na formação do ser humano gentil e solidário? Não devemos perder as esperanças no advento de um mundo melhor, mesmo vivendo em uma época marcada pelo relativismo e pela busca individual “de um lugar ao sol”. O ser humano ainda possui uma significativa parcela de sua criação original, ou seja, apresenta traços de sua imagem e semelhança com o seu Criador. Devemos trabalhar para que essa imagem continue a ser restaurada em nós, e cooperar para que o propósito de Deus se cumpra na vida de outros.

O objetivo do presente texto é tecer algumas considerações sobre o papel da capelania como uma resposta às necessidades das pessoas na escola e na comunidade onde exerce suas funções. Buscamos sensibilizar alunos, professores e comunidade escolar sobre a importância de pensar a solidariedade, a responsabilidade social e a visão de que existimos mais plenamente quando partilhamos o bem com o nosso semelhante. Neste sentido buscamos responder os seguintes questionamentos. O que a capelania pode realizar para colaborar no desenvolvimento a consciência social na escola? Como os alunos podem ser envolvidos em projetos sociais junto à escola e à comunidade? De que modo estas ações estabelecem uma ligação entre o saber e o fazer para que o aluno seja motivado a ver a solidariedade como uma prática relevante sua vida?

228

## **Pensando de Forma Benevolente**

Para desenvolver um trabalho que sensibilize o coração das pessoas, primeiro temos que ter o próprio coração sensibilizado pelo amor e pelo desejo de ajudar os que sofrem. Ferreira (2010, p. 9-11), em seu livro, *Pedagogia da Cadeira*, fala sobre a importância da disposição amorosa de “sentar-se para ouvir alguém, sentar-se para conquistar a confiança, sentar-se para consolar, cuidar e auxiliar o que passa pela dor”. Só faremos isso se houver em nós, um coração sensível disposto a ir ao encontro daqueles que sofrem. Estas pessoas carecem de um ministério que atenda seus anseios e seja uma resposta de esperança

para sua dor. Ferreira (2010) fala do capelão como a pessoa que pode atender muito bem a estas expectativas. A partir de seu pensamento concluímos que o capelão é a pessoa que pode dedicar tempo de qualidade para ouvir, aconselhar, cuidar e ajudar pessoas necessitadas. Também pode desenvolver ações que despertem nos alunos e nos professores o desejo de servir, levando-os assim a se envolverem com as adversidades de sua comunidade. Ferreira (2010, p. 17, 21) prossegue dizendo que: “o capelão deve ter um espírito altruísta, tendo como objetivo principal cuidar do outro [...] Deve apresentar com clareza e doçura o amor de Deus, visando cuidar da dor dos que sofrem”. Ele conclui dizendo que “é necessário relacionar-se, conquistar a simpatia e gerar empatia para que a ajuda seja aceita”. Pensamos de forma benevolente quando olhamos para as pessoas de forma amorosa. Essa ideia nos reporta a Jesus. Ele trabalhava com esse propósito em mente. Ele conquistava as pessoas pela maneira como se comportava quando estava com elas. Seu amor era percebido em gestos e palavras. White (1990, p. 143) reforça a maneira como Jesus agia ao mencionar que:

Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: “Segue-Me”.

Percebemos uma similaridade entre o pensamento de Ferreira e o de White. Ferreira (2010, p. 21) diz que “além de gostar de atender, deve-se gostar dos atendidos”. White (1990, p. 143) descreve o segredo

do sucesso de Jesus em cinco passos assim descritos: (1) o Salvador misturava-Se com os homens como Alguém que lhes desejava o bem; (2) Ele manifestava simpatia por elas; (3) ministrava suas necessidades; (4) ganhava a confiança e somente depois dizia; (5) Segue-Me.

Aqui está o modelo de trabalho para qualquer empreendimento benéfico. Jesus amava todos aqueles a quem Se dirigia e Seu desejo era servir e salvar. Esse era Seu método de amor no passado e continua sendo na atualidade. A partir de Seu exemplo podemos pensar nossas ações sociais e nossa missão redentiva. Seus discípulos modernos vão onde as portas se abrem e abrem portas aonde vão, tendo como senha as ações do Mestre. Diante dos desafios de uma sociedade obcecada por marcas e promoção do ego, haja vista, a valorização do “sucesso” em ter e não necessariamente em ser, a escola pode desenvolver um trabalho social significativo no espaço onde está inserida. Segundo Cordeiro (2012, p. 16), capelães, pastores e conselheiros, podem ajudar as pessoas a caminharem pela vida com passos mais leves e a suportarem melhor as longas noites de desencanto que, de quando em quando, lhes sobrevém. Cordeiro (2012, p. 16) comenta ainda que “capelães [...] precisam incorporar em si mesmos a mensagem de esperança, e que Cristo em Sua misericórdia nos gerou para esta esperança viva, com a qual devemos alcançar os necessitados”.

Num mundo de inseguranças e incertezas, uma mensagem de esperança e de aceitação, pode abrir um mundo de oportunidades à pessoa. Vieira (2011 p. 18) diz que a capelania é uma espécie de espaço [...] de apoio espiritual, e de consolo dentro das instituições que a adotam. E continua dizendo que “ela é a fé se concretizando no dia a dia da escola através de atos solidário” (VIEIRA, 2011, p. 18).

Para atender a demanda de uma atividade que venha a suprir necessidades na comunidade escolar, podem ser trabalhados projetos sociais significativos. Para aprofundar nossa compreensão, do valor e relevância, dos projetos sociais na escola, abordaremos a seguir no que consiste um projeto social, desde o seu planejamento até a sua conclusão.

## O que é projeto social?

Um projeto social sempre indicará uma ação em prol de alguém, de uma comunidade, estado ou país. Ele atende a uma situação de crise e visa uma mudança da realidade observada na ocasião em que teve início tal projeto. As informações sobre o que é um projeto social, e suas aplicações práticas, garantirão o sucesso e a satisfação em realiza-lo. O Manual da Divisão Sul-Americana (2013, p. 39), diz que:

Um projeto social é uma manifestação do desejo de mudar determinadas situações desfavoráveis a certas pessoas ou comunidades, associada a possibilidades reais para realizar tais mudanças [...] o que ele faz na realidade é contribuir para a transformação de uma problemática social, pois sempre está buscando melhorar determinadas condições adversas às quais pessoas ou comunidades estão submetidas. [Ele] surge a partir de uma ideia motivada por uma necessidade observada ou sentida que afeta a qualidade de vida de indivíduos, famílias ou comunidades [...], porém, ideias e boas intenções não bastam [...] é preciso coloca-las em prática planejando atividades e recursos, buscando estratégias eficazes, avaliando continuamente o progresso e impacto

das mesmas, e, é claro, levando sempre em consideração as necessidades, prioridades e contribuições das pessoas ou comunidades servidas.

Podemos dizer então que um projeto social (1) nos reporta a uma necessidade vista e sentida, (2) ao desejo de fazer algo em relação ao problema, (3) a uma avaliação das condições e existentes, (4) a um planejamento viável envolvendo atividades, recursos e estratégias, (5) a aplicação do projeto, e por fim (6) à avaliação do impacto, do mesmo, sobre a comunidade atendida, tendo sempre em vista suas necessidades, mas também suas contribuições. Mudam-se as condições desfavoráveis e ao mesmo tempo percebem-se o empenho, a gratidão, o desejo e a boa disposição por parte daqueles que foram beneficiados.

## **Projeto social na escola**

A escola é um agente de transformação. Ela é lugar de constante interação e vivências as mais variadas. Um trabalho especial pode ser realizado na escola com o objetivo de desenvolver no aluno o espírito solidário. Eles poderão ser colocados em contato com realidades muitas vezes não imaginadas e tão pouco vivenciadas por eles no dia a dia. Poderão ser conduzidos a uma experiência de vida através do contato com pessoas desfavorecidas, vitimadas por catástrofes naturais, desempregadas, enfermas, abandonadas etc. White (1996, p. 81) menciona que: “muitas pessoas só podem ser alcançadas mediante atos de desinteressada bondade. É necessário socorrer primeiramente suas

necessidades materiais. Ao verem evidências de nosso desinteressado amor, é-lhes mais fácil crer no amor de Cristo”. Sendo nossa missão expandir o reino de Deus, atuando na sociedade como pessoas interessadas em ajudar, também é nossa missão enquanto escola ajudar os alunos a perceberem-se como seres humanos criados e mantidos por Deus, e também como indivíduos responsáveis pelo seu semelhante.

Enquanto estudam as disciplinas do currículo, os alunos podem participar de ações propostos pela sua escola. Os projetos desenvolvidos na escola, onde o aluno estuda, tornam mais fáceis a sua participação. Tais ações devem ser realizadas, no espaço escolar, como parte da sua filosofia educacional. Knight (2010, p. 26) menciona que “as igrejas cristãs gastam milhões de dólares a cada ano em sistemas privados de educação”, e isso está relacionado “às diferentes concepções da natureza da realidade, à existência de Deus, o papel dEle nos assuntos humanos e a natureza e papel dos seres humanos como filhos de Deus” (KNIGHT, 2010). Desse modo “estão ansiosas por viver e morrer por estas convicções e eles almejam criar ambientes educacionais nos quais estas crenças mais básicas sejam ensinadas aos seus filhos” (KNIGHT, 2010). “A variação das crenças metafísicas” (KNIGHT, 2010), ou seja, a maneira como se vê a realidade, como se lida com ela e a pergunta sobre o que é essencialmente verdadeiro, “conduz a uma abordagem educacional diferente e até mesmo a sistemas educacionais divergentes” (KNIGHT, 2010). Mas no que diz respeito à educação cristã em geral, e em particular à educação cristã adventista, as atividades beneficentes são parte integrante do cotidiano escolar e da revelação divina.

Na Bíblia lemos a seguinte declaração: “ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e ver a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhos não amem de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1 João 3:17 e 18 ). Temos aqui a razão que levou Knight a falar sobre a exorbitante soma de dinheiro investida na educação cristã. A ênfase está na realidade última do processo educativo, conduzir o ser humano ao Seu criador. White (1996, p. 15), segue o mesmo raciocínio ao falar que: “Deus jamais desejou que existisse o sofrimento e a miséria. Nunca foi de Sua vontade que uma pessoa tivesse abundância de luxo na vida enquanto os filhos de outros clamassem pelo pão”. Sendo assim, as escolas cristãs recebem de Deus a responsabilidade de realizar um trabalho que venha minimizar as dificuldades daqueles que estão ao seu redor. Portanto, ações planejadas e bem dirigidas deve ser parte integrante do programa anual de nossas escolas. A esta altura em nossas considerações pensamos ser interessante compartilhar, já que estamos falando sobre a responsabilidade social, dois projetos realizados em 2009 e 2012 em duas escolas, na região sul, da cidade de São Paulo. O de 2009 foi realizado na Escola Adventista da Alvorada e o de 2012 no Colégio Adventista do Campo Limpo.

No ano de 2009, nos primeiros meses do ano, houve a uma mobilização de muitos paulistanos para atender uma situação de emergência, socorrendo moradores do Vale do Ribeira, Estado de São Paulo, por causa de enchentes na região, devido às fortíssimas chuvas que caíram no início daquele ano. A Escola da Alvorada escola, depois de notificada da situação, pensou um projeto intitulado “Estenda a

Mão — S.O.S Vale do Ribeira”. O projeto envolveu foram alunos do jardim ao 9º ano, professores e funcionários. Os organizadores foram; as coordenadoras e orientadoras da escola, a professora de ciências e o capelão. As pessoas atendidas seriam as vítimas de uma enchente que ocorreu na região nos primeiros meses de 2009.

A região do Vale do Ribeira compreende municípios de: Registro, Pariquera-Açu, Iguape, Eldorado e Sete Barras, porém o referido projeto contemplou apenas os dois últimos municípios — Eldorado e Sete Barras.

Durante dois meses a Escola Adventista da Alvorada trabalhou arrecadando alimentos não perecíveis, produtos de higiene pessoal, produtos de limpeza, roupas, brinquedos produtos e alguns colchões foram doados por um simpatizante do projeto. Foram listados os gêneros a serem arrecadados, por salas e por semana. Alunos, das 19 salas de aulas, divididos em grupos, eram solicitados a trazer determinados produtos a cada semana, durante as oito semanas da realização do projeto e conforme os itens elencados previamente. Houve uma crescente participação dos alunos e dos professores à medida que viam e ouviam mais detalhes sobre as necessidades da região.

O espírito solidário marcava o momento e trazia grande satisfação a todos. No final, após um generalizado espírito de cooperação, foi arrecadado um total de duas toneladas, entre alimentos, produtos de limpeza e de higiene, mais centenas de peças de roupas e brinquedos. Outro momento feliz do evento foi o da entrega de tudo aquilo que foi arrecadado. Uma equipe formada de quinze integrantes, com hora e lugar marcado e com apoio dos dirigentes da Assistência Social

Adventista da região Sul de São Paulo que cederam o caminhão para o transporte, saiu em direção aos municípios de Eldorado e Sete Barras. Em cada uma das cidades havia um ponto de entrega onde as pessoas necessitadas se apresentavam e recebiam alimentos, produtos de limpeza, higiene pessoal, brinquedos para as crianças e outros serviços oferecidos gratuitamente a cada morador afetado, naquele grande evento lembrado como mutirão da cidadania.

O outro projeto ocorreu no ano de 2012 e foi realizado no Colégio Adventista do Campo Limpo, em apoio, ao trabalho desenvolvido pelo Espaço Comunidade Esperança — ECOE cujo objetivo era o de construir na Comunidade Colombo, que faz parte do Complexo Paraisópolis, na cidade de São Paulo, uma Padaria Escola. O ECOE é uma instituição ligada à Associação Paulista Sul das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia, na zona sul de São Paulo. Após conhecer o projeto, a escola empenhou-se na arrecadação de donativos com a finalidade de ajudar na construção do empreendimento que abrigaria a Padaria Escola, que seria na comunidade uma oportunidade para jovens aprenderem uma profissão e garantirem sua inserção no mercado de trabalho deste seguimento comercial. O trabalho da escola foi realizado com destacado empenho dos alunos e pais e um valor significativo, em dinheiro, foi arrecado e devidamente enviado à referida Associação, como parte do compromisso social firmado pela escola.

Nos dois projetos realizados pelas escolas mencionadas, presenciou-se uma grande satisfação pelos resultados, mas muito mais impactante foi a realidade de um coração feliz ao estender a mão para ajudar o semelhante. Entretanto, falar sobre projeto social envolve não apenas

o exemplo acima citado, mas também compreende esferas diferenciadas que abordaremos na sequência com suas respectivas características.

## **Esferas de ação dos projetos sociais.**

O Manual da Divisão Sul-Americana das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia apresenta orientações sobre duas grandes esferas de ação em que estão divididos os projetos sociais e as características de ambas para que haja um bom discernimento e uma boa atuação. Estão divididos em: (1) ações assistenciais e (2) ações de desenvolvimento. Tal divisão esclarece-nos a respeito de atividades que equilibram ações e trazem consistência a um projeto beneficente. As ações assistenciais: (a) ajudam a atender a uma necessidade imediata e devem ser usadas em situações extremamente críticas, (b) devem ser atividades de curto prazo, (c) precisam ser bem administradas, pois, existe uma tendência de os beneficiados criarem uma dependência das mesmas, (d) podem até mesmo provocar um retrocesso individual e comunitário, se prolongadas, (e) podem tornar-se um laço de humilhação e baixa autoestima. Jesus as utilizou como um recurso ocasional e justificado. Exemplo: doar alimentos, roupas e outros materiais gratuitamente. As ações de desenvolvimento: (a) ajudam a pessoa a procurar seu próprio bem-estar, melhorando sua vida de forma duradoura, (b) estão associadas a um plano de longa duração, (c) promovem a auto sustentação e melhoram a qualidade de vida, (d) impulsionam a educação e a formação integral (e) devolvem a dignidade às pessoas.

Estas ações foram as mais utilizadas por Jesus. Exemplo: orientar as pessoas para que obtenham seus próprios recursos. De acordo com o Manual da Divisão Sul-Americana (2013, p. 40).

Fica claro que podemos fazer muito mais do que apenas dar um abrigo ou um sustento temporário. A ação pode ser mais abrangente e educativa. A autonomia deve ser o principal objetivo a ser alcançado. O manual deixa claro que “estas duas esferas de ação frequentemente se interpõem em determinado momento [...] uma pessoa que inicialmente é atendida de forma assistencial, poderá vir a ser parte de um projeto de desenvolvimento [...] este é o ideal” (DIVISÃO, 2013).

Uma ação pontual atende, muito bem, às necessidades urgentes e inesperadas. São importantes e devem ser realizadas, pois emergências vêm muitas vezes sem avisos, não possibilitando tempo suficiente para uma retirada sem danos, mas nosso objetivo maior deve ser ajudar as pessoas a alcançarem sua autonomia. Encaminhá-las, por meio de ações, que as favoreçam e as ajudem a garantirem seu próprio sustento. Trabalhem, portanto, tendo em mente que Deus permite certas situações de pobreza e elas permanecerão até que Ele venha e renove todas as coisas. Lemos na Bíblia, no livro de Deuteronômio que quando houvesse pobre entre o povo, seus compatriotas não deveriam endurecer o coração, nem fechar a mão ao irmão que fosse pobre, mas livremente deveriam ajudar e não ter um coração mau, pois “nunca deixará de haver pobre na terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o teu pobre na tua terra (Deuteronômio 15:7-11)”.

A situação de pobreza seria equilibrada por ações generosas dos seus compatriotas, que no decorrer na vida tiveram as necessidades

supridas e nada lhes faltou. No plano de Deus o espírito solidário criaria uma sociedade com pessoas benévolas, que reconheçam as diferenças sociais como consequências da entrada do mal na Terra e como uma oportunidade de estender o reino de Deus cuidando dos necessitados. White (1996, p. 17) afirma que “na providência de Deus os acontecimentos têm sido ordenados de maneira que sempre tenhamos os pobres conosco”. O propósito de Deus é que os pobres sejam, no coração de Seus filhos, uma constante fonte para o exercício do amor e da misericórdia.

Concluimos que há um propósito ao Deus permitir tal situação. Somos beneficiados com uma compreensão privilegiada da maneira como Deus dispôs determinadas realidades no mundo. Não estamos falando aqui da pobreza em decorrência da inércia e má vontade de trabalhar, mas dos casos ela fazem parte da disposição divina vinculada à Sua soberania na condução da vida na Terra. White (1971, p. 499) afirma que: “Ao colocar os pobres e sofredores entre nós, o Senhor está nos provando a fim de revelar-nos o que está em nosso coração”.

A capelania escolar deve estruturar programas de atendimento social, atendendo carentes da própria escola e da comunidade local. Esse tipo de trabalho faz parte da agenda de Deus para Seu povo. O trabalho pelos necessitados reverte-se em bênçãos para aquele que o faz. A fé é exercida quando as mãos se estendem para servir. White (1996, p. 177) menciona que: Não seria benéfico para o cristianismo o Senhor remover da Terra a pobreza. Assim fechar-se-ia uma porta que está agora aberta para o exercício da fé [...] a liberalidade [...] é a mão ajudadora do evangelho”.

Qual seria a razão para tantas agruras e misérias? Foi determinado por Deus? Podemos nos desculpar diante de Deus e dos sofredores por ser a condição de pobreza uma obreira de Deus na Terra? Encontramos nas palavras de White (1996, p. 16-17) uma resposta para estas perguntas, ela diz que “é a infidelidade de homens que gera o estado de sofrimento em que está mergulhada a humanidade”. Estamos numa condição exagerada de pobreza e miséria. Não é esse o plano de Deus. Na igreja primitiva aqueles que possuíam bens vendiam, quando necessário, e traziam o dinheiro para os apóstolos para que eles, por meio dos diáconos, atendessem os necessitados. Este era o propósito de Deus. A igreja crescia em fé à medida que trabalhava, e as pessoas auxiliadas glorificavam a Deus por causa das ações caridosas de seus irmãos.

240

As escolas e colégios da Rede Educacional Adventista partilham dos mesmos objetivos da igreja dos apóstolos e das igrejas adventistas em todo o mundo. Escolas e colégios são partes desse todo, por isso, falamos de trabalhos assistenciais como um estilo de vida da Igreja e da escola. O capelão é um agente de interesse, junto com a direção escolar, para que em sua escola se trabalhe de forma prática a responsabilidade social por meio de projetos sociais contextualizados, atraentes e organizados, ou seja, de acordo com as necessidades reais da comunidade. Tais projetos devem motivar os alunos e os professores e levá-los a participar, prazerosa e sistematicamente, para que as metas sejam atingidas em cada passo do projeto, cujas partes, ocorrerão dentro de um período previamente estabelecido.

Quantas oportunidades estão diante de nós, e que diferença podemos fazer na comunidade aonde vivemos. As instituições presentes

em cada cidade, vila ou bairro, abrirão suas portas para receber propostas assistenciais que venham a somar esforços aos seus. Se a escola desenvolve planos direcionados ao bem-estar social, e foca sua atenção nas pessoas que precisam de ajuda, com certeza encontrará campo propício para o trabalho. Na experiência de 12 anos com projetos na escola, envolvendo alunos e professores, constatamos da satisfação dos envolvidos e dos beneficiados.

## Considerações finais

A responsabilidade social é parte integrante da vida em comunidade. Ao demonstrar solidariedade o indivíduo está exercendo, essencialmente, traços da personalidade que o torna um ser humano mais altruísta, empático e mais semelhante ao Seu Criador. O espaço escolar deve se transformar em um ambiente de aprendizagem das vivências relacionadas ao espírito fraternal e onde a generosidade seja uma das virtudes enaltecida diante dos alunos. Quando a escola trabalha projetos sociais, ela propicia ao educando a oportunidade de refletir no outro e em suas necessidades. Isso trará uma renovada concepção do humano e elevará o estudante para além da abstração do discurso. Com isso a escola estará desenvolvendo um saber prático. Fazendo constar em seu planejamento anual projetos de atendimento aos necessitados e atividades sócias ligadas ao cuidado dos espaços comunitários, teremos alunos melhor preparados como indivíduos e cidadãos.

Sabedores desse compromisso e da necessidade de um planejamento, para que o trabalho aconteça e pessoas sejam beneficiadas, certamente cumpriremos nosso papel com um espírito criativo, altruísta e participativo. Aprender responsabilidade social é desenvolver a empatia, o espírito dócil e a generosidade. Isso se torna mais fácil de realizar, e mais envolvente, quando o aluno toma consciência da necessidade do outro indo até onde ele está, vendo as condições de sofrimento e desamparo de seu semelhante.

Nosso desejo é que os projetos sociais e as vivências humanitárias, apresentados neste trabalho, somem esforços àqueles já empreendidos por instituições e pessoas comprometidas com o social. Os projetos aqui relatados foram preparados a partir de diversas experiências do autor com o desenvolvimento de projetos na escola. O alcance, os resultados e a importância de tal obra com certeza não poderão ser mensuradas por aqueles que as realizam, mas o indivíduo que vê o sofrimento e abre seu coração em serviço de amor, receberá seu galardão e estará envolvido no imenso espírito de amor demonstrado a nós pelo Grande doador a vida.

242

## Referências

CORDEIRO, R. E. **Pesadores de mágoas**: a arte de ouvir, entender e ajudar pessoas feridas. São Paulo: Rádio Transmundial, 2012.

FERREIRA, S. R. **Pedagogia da cadeira**. São Paulo: Rádio Transmundial, 2010.

DIVISÃO SUL-AMERICANA. **Manual da divisão sul-americana.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

KNIGHT, G. R. **Filosofia educação:** uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2010.

VIEIRA, W. **Capelania escolar:** desafios e oportunidades. São Paulo: Rádio Transmundial, 2011.

WHITE, E. G. **Ciência do bom viver.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. **Beneficência Social.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. **Testemunhos Seletos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira: 1971. v. 2.



# A Capelania e a visitação

Simeí Do Vale Menezes<sup>1</sup>

Narcizo Raul Liedke<sup>2</sup>

Vandeni Clarice Kunz<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho de pesquisa tem a finalidade de mostrar a importância da visitação como uma poderosa ferramenta dentro do trabalho da Capelania escolar. Ao mesmo tempo em que auxilia o Capelão a conhecer melhor a família do aluno, também pode transmitir uma nova visão da escola que verdadeiramente está interessada no bem-estar intelectual e espiritual do aluno e seu lar. Também se

.....

<sup>1</sup> Pós-graduando em Capelania pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: simeí.menezes@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Pós-Graduado em Práticas Desportivas pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduado em Teologia, Pedagogia e Educação Física pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: narcizo.liedke@ucb.org.br.

<sup>3</sup> Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br

expõem neste artigo alguns resultados obtidos pela boa aceitação desta prática aplicada no Colégio Adventista de Paulínia-SP.

**Palavras-chave:** Solidariedade; Pesquisa; Interatividade; Assistência Social e Espiritual; Aprendizado.

**Abstract:** This research aims to show the importance of visitation as a powerful tool in the work of the school chaplaincy. While that helps the Chaplain to better meet the family of the student, can also convey a new vision of the school that is truly interested in the intellectual and spiritual well being of the student and their home. Also expose yourself in this article some results obtained by the good acceptance of this applied to the Adventist College Paulinia-SP practice.

246

**Keywords:** Solidarity; research; interactivity; Spiritual and Social Assistance; Learning.

## Introdução

Este artigo visa apresentar de forma simples e objetiva os benefícios da visitação feita pelo capelão escolar. Embora vivamos nos grandes centros urbanos, onde a insegurança e o medo e a desconfiança predominam, a visitação auxilia e quebra diversas barreiras como o preconceito sobre a educação cristã e visão da vida religiosa dentro de uma escola. Segundo Ellen G. White (2012, p. 74), cada lar deve ser

uma igreja onde os pais deveriam transmitir valores celestiais a seus filhos. Mas infelizmente não é este o cenário que podemos observar hoje em dia, na verdade muitos pais além de darem um verdadeiro mau exemplo a seus filhos, não tem a menor noção do que seja uma verdadeira educação cristã ou com valores morais recomendados para uma família equilibrada. É neste ambiente instável e muitas vezes frágil que o capelão encontra uma boa oportunidade de transmitir valores e até mesmo instruções valiosas para equilibrar e tornar um lar infeliz e sombrio em um lar feliz e seguro.

Na escola encontramos muitas oportunidades de ensinar e transmitir valores que podem dirigir a criança aos pés da cruz, mas a escola com toda a sua estrutura é apenas uma parte da vida da criança. No seu lar ela tenta colocar em prática tudo aquilo que aprendeu no ambiente escolar, mas infelizmente em muitos lares ela, a criança, logo observa que é bem diferente. Cabe ao Capelão estreitar os laços entre a escola e o lar. É evidente que não é tão simples mudar a rotina ou a cultura, ou ainda os costumes de uma família de uma hora para a outra, mas são impressionantes os resultados de uma visita da Capelania nos lares. Infelizmente não temos muitas referências bibliográficas ou pesquisas na área de Capelania estudantil, mas podemos encontrar alguns trabalhos desenvolvidas na Capelania Hospitalar.

Profissionais da Saúde, inclusive os médicos e enfermeiras, às vezes experimentam tensão ao trabalhar com os pacientes e familiares. Esta tensão aumentou recentemente porque mudanças econômicas tiveram como consequência a redução no quadro de profissionais que proveem cuidado aos pacientes seriamente doentes.

Capelães podem prover cuidado espiritual sensível, encorajador a estes pacientes e as suas famílias por períodos de tempo estendidos, permitindo assim para outros profissionais prestar atenção a outros deveres. Capelães fazem um papel importante ajudando profissionais de saúde a enfrentar os seus problemas pessoais. A palavra encorajadora pode aumentar a moral, além de ajudar a nortear o bom senso do pessoal do hospital.

Um estudo relata que 73 % de médicos de UTI e enfermeiras acreditam que prover conforto a eles é um papel importante do capelão, e 32 % acreditam que os capelães deveriam estar disponíveis ajudar pessoal com problemas pessoais (SHARP; WELTY, 1991).

248 Os serviços de capelães e voluntários beneficiam hospitais pelo menos em 9 meios. Os capelães ajudam hospitais a satisfazer as expectativas dos pacientes com serviços de cuidado espirituais competentes, compassivos, enquanto melhoram assim a imagem do hospital. Em uma época de medicamento de alta tecnologia, hospitalizações breves, e breves contatos com os médicos e outros profissionais de saúde, os capelães oferecem uma das poucas oportunidades para os pacientes discutirem as suas preocupações pessoais e espirituais. Os capelães se que especializaram na área de Capelania por organizações profissionais, podem oferecer curso de visitação a voluntários das igrejas. Participando destes programas, estes voluntários prestam cuidado espiritual ao hospital sem custo para a instituição. Os capelães e voluntários estabelecem e mantêm relações importantes com os pastores da comunidade. Os capelães fazem um papel importante abrandando situações de descontentamento de

pacientes e seus familiares que envolvem com o hospital. Quando pacientes se tornam nervosos e impacientes os capelães podem mediar estes intensos sentimentos de modos que conservam valiosos recursos organizacionais.

A presença deles pode servir como um veículo por reduzir risco. Os capelães podem reduzir e podem prevenir abuso espiritual, agindo como guarda para proteger os pacientes de proselitismo. Códigos de éticas profissionais estipulam que os capelães têm que respeitar as convicções de fé e práticas de pacientes e famílias. Eles ajudam os pacientes e seus familiares a identificar os seus valores relativos a escolhas de tratamento no fim da vida e comunicam esta informação ao pessoal de saúde.

Além do mais, os capelães ajudam os hospitais a desenvolver a sua missão, valor, e declarações de justiça sociais que promovendo cura para o corpo, mente e espírito. Especialmente para hospitais que são mantidos por igrejas, eles promovem consciência de missão. Os capelães ajudam hospitais cumprirem uma variedade de cuidado espiritual e apoio para os pacientes e seus familiares. É de muito valor o cuidado espiritual provido por capelães eficientes.

Um estudo do custo de Capelania foi publicado informando que os serviços de capelães profissionais variam entre US\$ 2,71 e US\$ 6,43 por visita de paciente (VANDECREEK; LYON, 1995, p. 3-13). Adicionalmente, aproximadamente três quartos de executivos de HMO informou em uma pesquisa que a espiritualidade (expressou pela oração pessoal, meditação espiritual e religiosa) pode ter um impacto no bem-estar, então pode ajudar no impacto do custo.

## Desenvolvimento

250

A Capelania Escolar além dos diversos projetos tem na visitação uma rara oportunidade de encontrar a família toda reunida, com o agendamento prévio a família estará pronta para ouvir uma mensagem de esperança, acalanto, o carinho não só do capelão, mas de toda a escola, pois o capelão muitas vezes faz as visitas acompanhado de outros professores, funcionários ou até membros da administração escolar. Ao chegar na casa do aluno usamos de cortesia e afeto, demonstrando aos familiares que somos gratos a Deus pela confiança adquirida pelos pais em entregar seus filhos em nossas mãos para a grande missão de ensiná-los a adquirir o saber, juntamente à valores morais que nos são ensinados na Bíblia. Toda a ansiedade deve ser amainada, pois o nosso objetivo não é fazer proselitismo e sim estreitar os laços de amizade e amor entre a escola e a família do nosso aluno. A visita não tem como principal objetivo, informar sobre o comportamento negativo do aluno, ou fazer com que o aluno se sinta traído ou acuado e sim que tenha a certeza que é importante para a escola e mais ainda, é muito amado. A família ao perceber o intuito da visita, se torna simpatizante da metodologia da escola, pois reconhece que nossos alunos não são meros números e sim alunos únicos que são dirigidos e orientados de forma diferenciada.

Com a visitação além de mostrarmos que damos atenção diferenciada aos nossos alunos, mostramos usamos a metodologia de Cristo que dava atenção não apenas para o indivíduo, mas sim a família também. Há até uma passagem na Bíblia que diz assim: “Alguns

dias depois, disse Paulo a Barnabé: Tornemos a visitar nossos irmãos por todas as cidades em que já anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão” (At 15:36). Os primeiros apóstolos e porque não, podemos chamá-los de Capelães, sim pois os primeiros apóstolos nos ensinaram muito a dar atenção ao rebanho do Senhor. Nossos alunos são nossas ovelhas confiadas a nós não apenas pelos pais, mas principalmente por Deus o Autor da vida e Salvador do mundo.

Durante a visita procura-se a identificação com a família falamos do que temos em comum. Com o passar do tempo fala-se de alguma mensagem de esperança para a família, o plano de salvação de Deus para a família e a humanidade. Se possível leva-se um grupo musical para termos momentos breves de louvores. Canta-se músicas usadas em nossos momentos de capela na escola. Ao final pede-se licença para fazermos uma oração pela paz, saúde e felicidade da família. A visita deve ser breve e jamais deve ser enfadonha.

Muitas vezes a família pede a volta do capelão para visitas futuras, que dependendo da disponibilidade, pode ser agendada em data oportuna.

251

## Conclusão

Durante o período de nove anos de visitas ainda não tivemos um único caso de rejeição ou repúdio pela visita feita. Desencontros acontecem, mas rejeição ou momentos desagradáveis, ainda não tivemos. Com isso concluímos que a visita do capelão aos lares dos alunos são sem dúvida alguma, uma ótima oportunidade de se fazer amizades,

conhecer melhor a família que luta muitas vezes para manter os filhos em nossa escola. Reconhecemos que a visitação é um privilégio que temos para alcançar famílias inteiras para podermos falar do plano da salvação que Cristo tem a este mundo. Muitos casos interessantes pudemos presenciar, como pais que estavam pensando em tirar os filhos da escola e após a visita do capelão, os pais ficaram tão impressionados que resolveram permanecer com os filhos no mesmo ambiente escolar.

A visitação pastoral é fundamental no ministério. Ela oferece a oportunidade de conhecer a congregação e demonstrar amizade por ela. Todo pastor tem pontos fortes e fracos, deferentes dons e interesses, alguns colocam ênfase na pregação; outros, na administração ou no ensino. A meu ver, a visitação é o ponto forte do meu ministério. Algumas vezes, a visitação é uma aventura prazerosa; em outras, pode se algo bem difícil. Meu ministério, porém, não pode existir sem ela (ARRAIS, 2011, p. 64).

252

A visitação também propicia fortes laços de amizade e companheirismo e com o passar do tempo percebemos que estes amigos se tornam verdadeiros irmãos. Muitos alunos são conquistados pelo trabalho de Capelania e antigos alunos acabam voltando a escola como pais tios e ex-alunos.

A escritora Ellen G. White (2007, p. 440) escreveu que “o pastor que negligencia a visitação é incapaz de influenciar significativamente os membros de sua congregação”.

A visitação é a característica de uma igreja carinhosa e atenciosa. Nem todos têm habilidade para fazer este trabalho.

Pastores com personalidade mais extrovertida são mais inclinados a fazer da visitação um a rotina em seu ministério. A visitação atrai as personalidades extrovertidas. Seu coração sai ao encontro dos solitários ou necessitados. No entanto isso não justifica a negligência daqueles que tem personalidade mais introvertida. A fim de podermos expressar real preocupação e amor ao próximo devemos sair ao encontro das pessoas. Devemos deixar de lado as desculpas como falta de tempo, a fim de priorizar as pessoas. Os membros devem ser visitados nos momentos de alegria e de necessidade (ARRAIS, 2011, p. 66).

Outro aspecto marcante na visitação é que quando voltamos para o ambiente escolar a nossa visão do aluno é muito mais ampla, entramos na intimidade da família. Este aluno já não olha o capelão como alguém distante e sim como um amigo chegado da família dele, ou passa a considera-lo como alguém da sua família.

Vivemos nos últimos momentos deste mundo e precisamos aproveitar as oportunidades de alcanç ar estes lares muitas vezes despedaçados pelo secularismo. Por isso é imperativo atendermos o chamado do Mestre: “Ide por todo mundo” (Mt 28:19).

Devemos considerar toda visita pastoral uma oportunidade divina de comunicar o amor de Deus através de nosso tempo, presenç a, atenção e cuidado. É fundamental que, ao deixarmos os lares, deixemos na mente e no coração das pessoas visitadas mis do caráter de Deus e de Suas promessas do que nossa própria sabedoria e nossos pensamentos (ARRAIS, 2011, p. 74).

Quando o capelão vai fazer uma visita, ele pode sair com a certeza que não está sozinho. Poderosos anjos lhe seguirão, pois ele, o capelão tem a missão de levar Cristo aos lares dos alunos.

## Referências

ARRAIS, J. **Procura-se um bom pastor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, E. G. **Orientação da Criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

254

SHARP, R. A.; WELTY, E. **The norton book of friendship**. New York: W. W. Norton & Company, 1991.

VANDECREEK, L.; LYON, M. The General Hospital Chaplain's Ministry: Analysis of Productivity, Quality and Cost. **The Caregiver Journal**, v. 11, n. 2, 3-13, 1995.